



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA



RAQUEL SANTOS SOUSA

**FILANTROPIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO DO
COMBATE AO CÂNCER INFANTO-JUVENIL EM SERGIPE.**

São Cristóvão/SE

2010

RAQUEL SANTOS SOUSA

**FILANTROPIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO DO
COMBATE AO CÂNCER INFANTO-JUVENIL EM SERGIPE.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos necessários para o título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Seidl

São Cristóvão/SE

2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S725f Sousa, Raquel Santos
 Filantropia e participação política no movimento do combate ao
 câncer infanto-juvenil em Sergipe / Raquel Santos Sousa. – São
 Cristóvão, 2010.
 134 f.

 Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Núcleo de Pós
 Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Pró-Reitoria de Pós-
 Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

 Orientador: Prof. Dr. Ernesto Seidl.

 1. Filantropia. 2. Grupos sociais – Voluntariado. 3. Serviços
 humanos – Participação social. 4. Câncer – Pacientes – Crianças
 e adolescentes. I. Título.

CDU 316.354.4:616-006.6-053.2/.6

RAQUEL SANTOS SOUSA

**FILANTROPIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO MOVIMENTO DO
COMBATE AO CÂNCER INFANTO-JUVENIL EM SERGIPE.**

Essa dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Sociologia, no programa de Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

São Cristóvão ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ernesto Seidl (orientador)
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dr^a. Eliana Tavares dos Reis
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Fernanda Rio Petrarca
Universidade Federal de Sergipe

O sociólogo não faz uma obra especificamente sociológica ao se interessar pelos objetos, obras ou pessoas, ou pelas “condições sociais de produção”; ele o faz descrevendo a forma como os atores, conforme as situações, investem seus momentos para garantir sua relação com o mundo.

Bernard Lahire

AGRADECIMENTOS

Na trajetória desta minha dissertação não poderia deixar de agradecer àqueles que foram importantes e que contribuíram direta ou indiretamente para que esse mestrado fosse realizado.

Quero agradecer, primeiramente a Deus que está presente em todos os momentos de minha vida, me abençoando e iluminando os meus caminhos.

Aos meus pais Renato Sousa e Maria Seluta pelo imenso amor que tem por mim, pelo carinho, apoio e dedicação, incentivando-me em meus estudos e lutas de minha vida.

À minha irmã Rosângela que sempre acreditou em mim.

À amiga Míria Cássia ao qual estivemos sempre juntas estudando, trocando idéias e lutando por uma vaga no mestrado, pois meu trajeto não teria iniciado se ela não tivesse me incentivado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ernesto Seidl, por ter selecionado meu projeto e acreditado que esse desafio poderia ser possível. Agradeço pela paciência, críticas, observações e contribuições que foram dadas ao meu trabalho.

Ao Professor Dr. Wilson Oliveira, “o baiano”, meu co-orientador de fato. Nessa minha trajetória nunca pensei que um dia iria encontrar, por acaso, uma das referências utilizadas no meu projeto durante uma das minhas apresentações em eventos. Eu acredito que as coisas acontecem na hora certa. Lembro-me com grande emoção deste dia, pois foi um momento marcante para minha vida acadêmica. A partir de seu interesse e de suas observações inteligentes foi possível uma reanimação em relação ao meu trabalho em um momento em que se encontrava perdida e sem estímulo. Meus sinceros agradecimentos pelo reconhecimento desde o início, profissionalismo, pelo carinho e pela amizade que foi proporcionada a cada encontro.

À CAPES por ter financiado este trabalho e por proporcionar um melhor desempenho ao meu estudo.

Aos meus amigos do mestrado em Sociologia, turma 2008, todos aqueles que fizeram dos poucos momentos uma grande lembrança. Ao grupo de bolsistas. Lembrarei sempre da troca de idéia nos corredores, dos encontros em barzinhos que nos proporcionou um grande carinho, respeito e companheirismo.

Ao clube da “luluzinha”, Aline, Lavínia, Grasiela, amigas que foram além do espaço acadêmico invadindo muitas vezes a vida privada, permitindo criar um sentimento de amizade

mais forte. Nesse clube incluo ainda o “bolinha”, Vitor, que também se fez presente nas trocas de idéias acadêmicas e pessoais.

Ao apoio e carinho da amiga Cândida, disposta sempre a me ajudar nas horas de dúvidas e frustrações da vida acadêmica. Só tenho a dizer que aprendi muito com você.

À Marcela Matos da AVOSOS, pessoa dedicada e prestativa que ajudou no que foi possível para o andamento da pesquisa.

A Fred Gomes do GACC pelo apoio, atenção e colaboração para a pesquisa.

A todos aqueles que se dispuseram a participar das entrevistas e da coleta de dados, pessoas essenciais para a nossa pesquisa.

Aos familiares e amigos que puderam compreender a minha ausência quando o recolhimento da produção se fazia necessário.

Muito Obrigada!

RESUMO

Neste estudo buscamos compreender o que leva indivíduos a se engajar especificamente na mobilização do combate ao câncer infanto-juvenil na cidade de Aracaju, Sergipe, tendo como campo de análise e pesquisa voluntários dirigentes e não dirigentes da Associação de Voluntários à Serviço da Oncologia de Sergipe (AVOSOS) e do Grupo de Apoio à Criança com Câncer de Sergipe (GACC/SE), duas instituições que prestam serviços de assistência social e que se caracterizam como filantrópicas e sem fins lucrativos. A pesquisa buscou identificar, mediante estudo de caso com dezoito participantes, os mecanismos e lógicas sociais que estão relacionados a um tipo de engajamento político. Fazendo uso da pesquisa exploratória foi adotado na coleta e análise de dados uma combinação da técnica de estudo de casos visando investigar as trajetórias sociais dos ativistas e observação participante. O trabalho abordou no primeiro capítulo a trajetória das práticas sociais no Brasil, considerando as transformações das formas de se fazer filantropia e a relação desta com o novo tipo de ativismo político. No segundo e terceiro capítulo são investigados respectivamente as características sociais individuais presentes nos diferentes agentes investigados que os conduziram para a causa do câncer, suas justificativas, significados e razões que os levam a investirem de forma mais intensa nesse tipo de mobilização. Os resultados apontam para combinações de variáveis que envolvem o contexto político, elementos de socialização familiar, escolar, sobretudo, religiosa e a presença das redes sociais formais e informais. Dentre as principais considerações a que chegamos identificamos que o interesse em participar na mobilização pela causa do câncer, pode variar conforme as trajetórias e a combinação de recursos os quais estruturam as configurações das práticas políticas de cada um dos participantes, além dos significados que o engajamento vai representar para estes.

Palavras-chave: filantropia, engajamento político, câncer infanto-juvenil.

ABSTRACT

This study aims to understand what drives individuals to engage specifically in mobilizing the fight against childhood cancer in the city of Aracaju, Sergipe, with the field of analysis and research volunteer leaders and not leaders of the Association of Voluntary Service of Oncology Sergipe (AVOSOS) and the Support Group for Children with Cancer of Sergipe (GACC / SE), two institutions that provide social services and which are characterized as philanthropic and nonprofit organizations. The survey sought to identify, through a case study with eighteen participants, the mechanisms and social logics that are related to a type of political engagement. Making use of exploratory research was used to collect and analyze data from a combination of technical case studies designed to investigate the trajectories of social activists and participant observation. The work discussed in the first chapter the history of social practices in Brazil, considering the changes in ways of doing philanthropy and relationship with this new type of political activism. In the second and third chapters are investigated respectively the social characteristics in the various individual agents who conducted the investigation for the cause of cancer, their justifications, meanings and reasons which lead them to invest more intensively in this type of mobilization. The results indicate combinations of variables that involve the political context, elements of family socialization, education, especially religious and the presence of formal and informal social networks. Among the main considerations that we identified that the interest in participating in the mobilization for the cause of cancer, may vary the trajectories and the combination of resources which structure configurations of the political practices of each participant, and the meanings that the engagement will to represent these.

Keywords: philanthropy, political engagement, childhood cancer.

LISTA DE SIGLAS

ACI – Ação Católica Independente
ACO – Ação Católica Operária
AMO – Associação Amigos da Oncologia
AVOSOS – Associação de Voluntários a Serviços da Oncologia de Sergipe
BANESE – Banco do Estado de Sergipe
BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
CEHOP – Companhia Estadual de Habitação e Obras Públicas
DCE – Diretório Central dos Estudantes
DEM – Partido dos Democratas
ENERGIPE – Empresa Energética de Sergipe
GACC – Grupo de Apoio a Criança com Câncer
HGJAF – Hospital Governador João Alves Filho
INCA – Instituto Nacional do Câncer
JEC – Juventude Estudantil Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JUC – Juventude Universitária Católica
LBA – Legião Brasileira de Assistência
LFEC – Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer
ONG – Organização Não Governamental
SINTESE – Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Sergipe
SNC – Serviço Nacional do Câncer
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UNEACC – União Norte e Nordeste de Assistência à Criança com Câncer

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ALGUNS ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS.....	56
QUADRO 2 – GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DOS PAIS E MILITANTES.....	58
QUADRO 3 – RELIGIOSIDADE FAMILIAR.....	65
QUADRO 4 – GRUPOS E ATIVIDADES DO CATOLICISMO.....	67
QUADRO 5 – POLÍTICA, EXPERIÊNCIAS E SOCIALIZAÇÕES.....	79
QUADRO 6 – ADESÃO AOS GRUPOS.....	87
QUADRO 7 – INÍCIO DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	91

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Participação política: estudos e categorias de análises.....	17
1.2 Do objeto de pesquisa à estruturação do trabalho.....	21
1.3 Procedimentos Metodológicos	24
 CAPÍTULO II – FILANTROPIA E ATIVISMO POLÍTICO NA CAUSA DO CÂNCER	
.....	33
2.1 Emergência e transformações das práticas sociais no Brasil	34
2.2 Gênese da mobilização pela causa do câncer no Brasil: um breve comentário.....	38
2.3 O câncer infanto-juvenil.....	43
2.4 AVOSOS e GACC: a militância pelo câncer infanto-juvenil em Sergipe.....	46
2.4.1 AVOSOS e os 28 anos de “luta no combate ao câncer”	46
2.4.2 GACC e a “humanização” do câncer infanto-juvenil.....	49
2.5 Representações sociais sobre o câncer.....	51
 CAPÍTULO III – SOCIALIZAÇÃO, REDES SOCIAIS E IDENTIFICAÇÃO PELA CAUSA DO CÂNCER.....	54
3.1 Origens sociais e contextos de socializações.....	55
3.2 Socialização religiosa e a questão altruísta.....	64
3.2.1 Socialização católica e evocação humanitária.....	66
3.2.2 Socialização espírita e ação filantrópica.....	69
3.3 Redes sociais e engajamento individual.....	72
3.3.1 Redes informais e formais.....	73
3.3.2 As redes religiosas.....	74
3.4 Espaços coletivos e pluralidade de engajamentos.....	78
 CAPÍTULO IV – AS RAZÕES DO ENGAJAMENTO E A ENTRADA PARA A CAUSA DO CÂNCER	86
4.1 Divisão geracional e adesão à causa do câncer.....	86
4.2 Origem da participação política	91
4.3 “Desinteresse” e “altruísmo”: as justificativas do engajamento.....	92

4.4 Modalidades de ingresso e ascensão a postos dirigentes: o uso de recursos militantes....103

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....115

VI - REFERÊNCIAS.....122

APÊNDICES.....127

ANEXOS.....131

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa cuja temática mais ampla está inserida na discussão sobre o interesse dos indivíduos em engajar-se ou participar de assuntos políticos, sobretudo, relacionados às “causas sociais”. Tal discussão suscitou o desejo de compreender o interesse de algumas pessoas em participarem em grupos envolvidos em causas humanitárias dedicando seu tempo livre em prol do ‘outro’. Desta forma, buscamos alguns pressupostos teóricos e metodológicos produzidos no campo das ciências sociais, principalmente, pela sociologia política, que pudessem dar suporte à explicação desse fenômeno.

O interesse pelo tema surgiu a partir do contato com estudos sobre engajamento, militância e participação política em países centrais e periféricos (Brasil), em uma disciplina ofertada pelo mestrado em Sociologia na UFS. Após uma série de discussões sobre a temática e conversas com meu orientador, redefinimos e direcionamos o trabalho de pesquisa visando entender por que certos agentes sociais são conduzidos a participação em mobilizações coletivas de caráter humanitário, principalmente, no que diz respeito ao interesse de alguns indivíduos em dar prosseguimento na atuação de causas específicas.

Desta forma, optou-se por escolher agentes mobilizados na causa do combate ao câncer infanto-juvenil em Sergipe, interesse este surgido ainda na minha fase de graduação em Ciências sociais. Na verdade, o interesse pelo tema e pela escolha do objeto de pesquisa adveio em decorrência de alguns fatores: 1º - o discurso colocado por alguns militantes da causa do câncer, dentre estes, o “amor ao próximo” como responsável por direcionarem os seus comportamentos para práticas de filantropia; 2º – a divulgação freqüente nos principais meios de comunicação (TV, rádio, internet, panfletos, etc), no qual os agentes utilizam diversos tipos de redes para divulgarem suas ações e sensibilizarem as pessoas a colaborarem com a causa, seja esta através de recurso financeiro, material ou tornando-se um voluntário. Entretanto, a opção em estudar, não somente voluntários sem nenhuma ocupação dominante, mas também voluntários dirigentes surgiu após verificar que, na sua grande maioria, tais pessoas são as que ocupam posições de grande importância nos grupos, sendo assim integrantes do grupo de fundadores, os que ocupam posições hierárquicas dominantes e são justamente as mais requisitados para representarem os grupos nos principais meios de comunicações e as que mais atuam na constituição da causa; 3º – o apoio de colaboradores com nomes conhecidos no cenário local e nacional, dentre estes, o Instituto Ronald Mc

Donalds, artistas musicais, atletas e figuras religiosas. Tais aspectos foram decisivos para definirmos as instituições aos quais iríamos direcionar a nossa pesquisa.

No que concerne ao discurso do senso comum, o fato de algumas pessoas se interessarem pela participação em mobilizações coletivas do tipo “humanitário”, e neste caso, em grupos que tem como principal característica a questão “altruística”, está relacionado, na maioria das vezes, a uma “vontade individual” em “ajudar o outro”. Tal justificativa também está presente nos discursos dos agentes mobilizados na causa do câncer infanto-juvenil em Aracaju, Sergipe, que colocam “o outro” como o centro de sua mobilização, doando parte de seu tempo livre em ações voluntárias sem querer nenhum tipo de retribuição. No entanto, tais justificativas não são suficientes para compreender por que tais pessoas decidiram de uma hora para outra participar em ações como esta. Então, de onde surgiu essa vontade individual? O que motiva a participação de alguns agentes em grupos destinados a ajudar pessoas carentes e com câncer? São motivadas por questões familiares? Por motivos religiosos? Por motivos políticos? De que forma se construiu este interesse de ajudar o outro por meios de grupos coletivos? Ou ainda, por que do interesse de tais agentes em se comprometer em prol de uma causa da qual não são os beneficiários diretos dela?

Diante destas impressões, formulamos o problema direcionador desta pesquisa: o que leva certas pessoas a interessar-se pelo engajamento em mobilizações coletivas como a da causa do combate ao câncer infanto-juvenil em Sergipe?

Quanto ao termo participação política, entende-se a partir da noção de Memmi (1985), como um fenômeno que “vai da ação verdadeira a uma simples atitude ou ao resultado desta” (MEMMI, 1985: 312). No entanto, diante do contato com alguns estudos acerca da categoria “participação política”, pudemos perceber que as disposições favoráveis a esse processo estão relacionadas a variados aspectos, dentre estes, a posição social, volume de capitais, processos de socializações e múltiplos pertencimentos dos agentes no mundo social. Além disto, considera-se também que a inserção em algum tipo de mobilização coletiva pode variar em função do sexo, idade, nível de instrução, profissão, localização geográfica, dentre outros (BOURDIEU, 2008). Com esta premissa, vale ressaltar que os processos de engajamento não ocorrem de forma mecânica e espontânea em consequência dos objetivos ou ideologia de um determinado grupo. Várias são as pesquisas que têm contribuído para esclarecer como esse processo vem ocorrendo e que tipos de recursos estão envolvidos nos distintos espaços de militância.

No Brasil, tem-se que os estudos sobre as condições e lógicas sociais de engajamento em diversos espaços de participação política ainda são recentes, considerando que a

multiplicação de estudos sobre essa temática só foi possível devido à renovação do interesse sobre o militantismo e do intercâmbio e trocas com diversos pesquisadores que trabalham com tal assunto. Neste âmbito, diversos pesquisadores em diferentes países (BARTHÉLÉMY, 1994; FILLIEULE, 2001; PASSY, 1998; OLIVEIRA, 2008; REIS, 2008; SEIDL, 2008) interessados por essa questão têm contribuído para compreender as lógicas sociais, os recursos e os significados utilizados pelos militantes para a adesão em diferentes causas.

No entanto, pode-se dizer também que o interesse por tal temática tornou-se possível devido às transformações nos contextos políticos e ideológicos nos países ocidentais, a partir da segunda metade do século XX, mudanças estas que contribuíram para ampliação de novas formas de participação, resultantes da profusão de demandas variadas. No Brasil, a ampliação de espaços de participação política decorreu mediante o processo de redemocratização que, segundo Mische (1997), contribuiu para a intensificação do “fenômeno da militância múltipla” através de “redes de liderança pertencentes ao movimento estudantil, partidos políticos, grupos de igreja, ou em outros movimentos e organizações extremamente interligados” (MISCHE, 1997: 145). Assim, no início da década de 80 expandem novas alternativas advindas, sobretudo, da luta dos movimentos sociais que desempenhou um papel de grande relevância na busca de reconhecimento de novas questões, dentre estas, as novas formas de direito que envolve raça, etnia, gênero, proteção ambiental, moradia, saúde, etc. Trata-se, portanto, de “novos personagens que entram em cena” (SADER, 1998), uma vez que é através de ‘redes’ ou ‘teias’ que os indivíduos criam novos espaços políticos a fim de solucionar seus múltiplos interesses.

De acordo com Landim (1998), é nesse período que as chamadas Organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas para atuar no campo das questões sociais, “se constrói e fortalece um amplo e diversificado campo de associações na sociedade” visando, sobretudo, a “prestação de serviços a grupos vulneráveis através de organizações filantrópicas ou de assistência social” (LANDIM, 1998: 30). Neste âmbito, há um deslocamento do ativismo político para o ativismo civil, no qual surgem formas de solidariedades variadas através de associações, ONGs sem fins lucrativos na qual as ações são executadas a partir de uma “filantropia organizada” caracterizadas por um forte discurso de “cultura altruísta” (PAOLI, 2003). Inseridas nesse contexto, as ONGs destacam-se como formas de participação política na medida em que visam fazer a transformação da realidade social.

Assim, ONGS das mais diversas causas se multiplicaram e as formas de engajamento individual nessas organizações tornaram-se variadas. As origens do engajamento individual nas esferas associativas merecem ser intensamente investigadas, sobretudo, em relação às

lógicas sociais que conduzem certos agentes à participação em um tipo de organização específica e o que fazem continuarem atuando nesses espaços.

Desta forma, na presente dissertação optou-se pelo objeto de pesquisa atrelado ao referencial teórico que presidirá a sua análise, na maneira que, na exposição desse objeto, a definição conceitual surgirá como um processo simultâneo.

1.1 Participação política: estudos e categorias de análise

Durante muito tempo, as concepções que envolvem o termo “engajamento” ou “participação política” passaram por conflitos de interpretação teórica no que diz respeito a sua definição e natureza empírica. Desta forma, diversas teorias se desenvolveram até metade do século XX em torno de um conceito generalizado e ambíguo (PERRINEAU, 1994; MEMMI, 1985), deixando de lado os diferentes aspectos que envolvem a realidade do comportamento político dos indivíduos. Neste sentido, a noção de participação política revelava um caráter mais geral do que descritivo, na qual a ação política estava voltada para o “dever ou obrigação de participar” e “poder ou eficácia política” (MEMMI, 1985: 318).

De acordo com Perrineau (1994), as primeiras concepções a respeito da participação política compreendem o período que vai até a metade do século XX, no qual considera como “idade metafísica da ciência política”, em que a “participação” ou “engajamento político” tinha como idéia a competência política – concepção dominante – apontando mais para o “dever ser” do engajamento político do que com a realidade do engajamento. Desta forma, a participação estava voltada para uma concepção de política enquanto abordagem institucional. Este era um período que limitava parte da sociedade civil a interessar-se por assuntos políticos, já que somente quem tinha competências e capacidades para a política poderia engajar-se.

Conforme indica Perrineau (1994), para alguns cientistas políticos, dentre eles Tocqueville, “a democracia só poderia existir com cidadãos possuindo um elevado grau de informação política, um profundo apego aos valores do pluralismo e uma vontade de engajamento” (PERRINEAU, 1994: 14). Desta forma, as Ciências Políticas passou um longo tempo presa a concepções clássicas de democracia, no qual o fenômeno da participação política era descrito de maneira idealizada, tornando-a essencialmente “normativa, abstrata e desencarnada” (PERRINEAU, 1994: 15).

No entanto, o conjunto de abordagens referentes ao engajamento político, muitas vezes se confundia com a temática que envolve a ação dos movimentos sociais e os processos

de mobilizações decorrentes de ações coletivas¹, trazendo assim uma série de problemas e interrogações a serem analisados. Nesse sentido, as análises sobre o universo associativo centravam-se mais no aspecto das organizações e no seu caráter ideológico e reivindicatório, do que nos aspectos que influenciam os agentes ao engajamento.

A partir dos anos 50 e 60, no entanto, emerge a fase “positiva” da ciência política, na qual os primeiros grandes pesquisadores empíricos elucidam uma nova perspectiva analisando o processo de engajamento a partir do cidadão ativo. Essas novas análises não mais se restringem ao fator econômico e ao pertencimento de classe como recurso central e determinante para a adesão do cidadão aos assuntos políticos. As abordagens (GAXIE, 2002; BOURDIEU, 2007; 2008) passam agora a considerar diversos fatores, mecanismos e recursos que permitem os indivíduos a interessar-se pela política.

Adotando uma concepção mais diversificada sobre o interesse pela política, Bourdieu (2007; 2008) critica as abordagens que tratam a idéia de participação como norma, reservada para profissionais da política ou para quem tem condições econômicas. Para o autor, tais interpretações não explicam, de fato, o pouco interesse de certos indivíduos pela política e contribuem para disfarçar a compreensão do real significado do comportamento político dos sujeitos. Desta forma, o acesso aos assuntos políticos não é somente restrito aqueles que têm uma competência técnica sobre a política, mas depende da competência social para compreender e dedicar-se a tal questão. Logo, os desprovidos de capacidade técnica tendem a participar de acordo com a percepção que têm da sua realidade social, ou seja, basta ter interesse em participar e reconhecer que o jogo merece ser jogado.

Gaxie (2002) mostra que existe uma relação entre interesse político e os tipos de socializações que constituem a experiência do mundo social de um indivíduo. Assim, o comportamento político de cada um estaria apoiado sobre as visões e valorizações do mundo e podem ser explicados de acordo com a história social dos agentes. Neste sentido, Bourdieu (2008) coloca que, não basta levar em consideração somente as condições econômicas e materiais dos agentes, mas também a posição social, o volume de capitais (econômico, cultural, social, simbólico, etc.) possuídos pelos agentes e a trajetória social dos militantes. Assim, o interesse pela política requer uma tomada de consciência dos agentes que visam transformar sua realidade coletiva a fim de lutar pelos interesses de seu grupo ou comunidade, deixando de ser um cidadão passivo e tornando-se um cidadão ativo.

¹ Sobre essa questão ver Gohn (1997).

Quando a perspectiva de participação política relacionada à visão tradicional entra em crise, esta passa a não ser mais restrita ao pólo partidário e a quem tem saberes sobre a concepção política ou socialmente determinada. A renovação conceitual na sociologia política possibilitou avanços significativos no tocante aos debates e investigações sobre engajamento político e ao levantamento de problemas de pesquisa que envolve as lógicas que conduzem os indivíduos ao ativismo político. De acordo com Matonti & Poupeau (2004), essa renovação surge em meio à emergência de novos ciclos de mobilizações (sem documentos, soropositivos, imigrantes, gays, lésbicas, etc.) ou antigos, mas que até então eram aparentemente desconhecidos (desempregados, sem-teto, etc.) e a aparição de múltiplas organizações, agora autônomas e não mais ligadas diretamente a organizações políticas. Desta forma, o surgimento de novos espaços políticos, sobretudo, na Europa e Estados Unidos, envolvem novas dimensões de identidade que resultaram em “uma nova forma de fazer política e a politização de novos temas” (GOHN, 1997:124).

Nesse ponto, as novas abordagens sobre as dinâmicas de participação buscam esclarecer as formas de engajamento político diversificado, não só relacionado aos meios partidários e sindicais, mas vinculados a novas modalidades de participação². A renovação teórica e conceitual, assim como as transformações das relações nos universos sociais contribuiu para a investigação de novas formas de militância, no qual se inclui também a adesão em espaços associativos, dentre outros.

Tratando-se do estudo sobre as novas modalidades de engajamento político surgidas no final do século XX, diversos autores que realizaram pesquisas, sobretudo, na França, têm evidenciado que essas transformações, ao mesmo tempo em que ampliaram e diversificaram os espaços de militância, contribuíram para o processo de autonomia e uma crescente especialização dos grupos. Ion (1994) mostra que, com o processo de mutação nas formas de engajamento, houve uma maior valorização das competências pessoais, não sendo somente o fato de possuir uma ideologia de pertencimento que determina a entrada dos indivíduos em um respectivo grupo. Assim, a emergência de grupos com referências múltiplas – como, por exemplo, a questão identitária, ambiental, liberalismo cultural, ética, direitos humanos, etc – contribuiu para o processo de individualização e de personalização, sendo nesse caso, “os indivíduos que criam horizontalmente suas próprias redes” (ION, 1994: 28).

Como consequência desse processo, o “novo individualismo” modifica as formas de engajamento, no qual se valoriza agora a estrutura de capitais e saberes adquiridos nos

² Para uma visão mais panorâmica sobre esse tema, consultar Perrineau (1994).

diferentes universos sociais e como estes são reconvertidos pelos agentes nos espaços de militância. Desta forma, multiplicam-se os estudos sobre o engajamento individual e seus determinantes a partir da análise das trajetórias de vida dos militantes.

Nos últimos anos, tem sido crescente o número de pesquisadores que tem investigado as dinâmicas de engajamento individual nos espaços associativos³. Tal interesse, além de estar relacionado com o crescimento e diversificação das atividades associativas, envolve também as transformações estruturais na sociedade como um todo, dentre estes, as mudanças ocorridas nos regimes políticos ocidentais. Conforme indica Barthélemy (1994), na França, por exemplo, o número de associações dobrou entre 1975 e 1990, no qual os meios associativos seria resultado da recusa de certos indivíduos em participar das formas tradicionais de participação. Para o autor, o engajamento associativo encontra-se de certo modo entre “as formas de participação da vida pública ao lado das formas partidárias e sindicais” (BARTHÉLEMY, 1994; 89). Neste caso, as formas de engajamento nesses espaços de militância diferem das formas tradicionais, por valorizar as experiências individuais e culturais dos indivíduos. Além de ser considerada como lugar de aquisição de saberes, a participação associativa resulta das diversas experiências vivenciadas pelos agentes no seu itinerário social. Logo, levam-se em conta as dinâmicas de socialização anteriores ou simultâneas dos militantes, além da formação escolar e profissional. Neste sentido, percebe-se que a renovação nas abordagens teóricas permitiu que os mecanismos de adesão nos espaços de militância fossem realizados por meios mais flexíveis, resultando numa valorização dos aprendizados adquiridos pelos militantes ao longo de sua trajetória social, não havendo mais fatores previamente traçado como determinantes para o engajamento.

Algumas abordagens também têm focado a importância da expansão da escolarização como um dos fatores das transformações as formas de engajamento e militância, uma vez que o recurso escolar torna-se uma condição de entrada e atuação em associações e reconversões profissionais. Os trabalhos de Coradini (2002) têm salientado a relação entre escolarização e carreira militante, destacando os diferentes usos de qualificações e relações profissionais visando alcançar êxito na carreira política. De modo semelhante Gaglietti (2003) em seus estudos com militantes partidários no Rio Grande do Sul, tem destacado a relação entre título escolar como recurso para carreira política, conquistas de postos e algumas retribuições simbólicas como influência e prestígio.

³ Ver, entre outros, Ion (1994), Barthélemy (1994), Agrikolianski (2001).

É também em tais considerações, que estudos sobre engajamento político têm salientado os efeitos da escolarização como um ponto que caracteriza a militância atual e como um recurso para a institucionalização da ação associativa. Essa relação é evidenciada por Oliveira (2007, 2008/a, 2008/b, 2008/c), no que diz respeito aos militantes dirigentes ambientalistas no Rio Grande do Sul, no qual enfatiza que as competências escolares e a inserção em redes sociais constituem em recursos para a inserção e o exercício da militância nesse tipo de organização. Em sua análise sobre o engajamento individual, Oliveira (2008/a: 119) aponta para uma ligação entre a “formação escolar com o engajamento político em ‘movimentos sociais’ e em partidos políticos e a utilização de tais vínculos como forma de atuação profissional nas mais diferentes esferas sociais”. Neste sentido, a formação escolar e universitária constitui na causa ambiental, dentre outros fatores, em mais um recurso para a adesão e prolongamento da atividade profissional.

No contexto específico de exame de padrões de engajamento individual, Seidl (2008; 2009) também têm trazido contribuições relevantes. Em seus estudos sobre itinerários individuais de pessoas vinculadas em múltiplos espaços associativos (religioso, sindical, ambientalista, filantrópica, direitos humanos), o autor aponta alguns aspectos, dentre eles, “socialização familiar e religiosa, escolaridade elevada, passagem pelo espaço universitário, eventos biográficos marcantes, ativismo militante e vinculações partidárias precoces” (SEIDL, 2008; 17) como elementos determinantes para o engajamento e militância em alguns espaços associativos de Aracaju.

1.2 Do objeto de pesquisa à estruturação do trabalho

Compreender a sistemática que envolve os processos sociais ligados à participação política requer, portanto, um esforço analítico capaz de entrelaçar como essas categorias trabalhadas passaram a ter relevância para o estudo sobre engajamento e militância em diferentes espaços de politização. Desse modo, o universo estudado que serve de base para entender esse fenômeno compreende voluntários dirigentes e não dirigentes de duas instituições que militam na causa do combate ao câncer infanto-juvenil na cidade de Aracaju, Sergipe: a Associação dos Voluntários à Serviço da Oncologia (AVOSOS) e o Grupo de Apoio a Crianças com Câncer de Sergipe (GACC/SE), cujos espaços são denominados de filantrópicos e sem fins lucrativos, de caráter privado e que desenvolve atividades assistenciais para pessoas carentes.

Partimos da hipótese que não é uma vontade individual que determina a entrada em algum tipo de mobilização coletiva, mas que é possível identificar que as disposições para a participação política se constroem a partir dos diferentes contextos e ordens de experiências (familiar, escolar, militante, profissional) dos indivíduos, aspectos estes que podem conduzi-los a identificação com ideais humanitários.

A partir dessas considerações, procura-se analisar as diferentes características que podem influenciar as escolhas dos agentes por um tipo de engajamento como a da causa do câncer. Além disso, tenta-se apreender também algumas das concepções e significados que os agentes envolvidos em tal causa estabelecem com esse tipo de ação. Espera-se ainda que este trabalho possa contribuir para agregar conhecimentos acerca da relação entre participação política e comportamento militante partindo dos estudos já existentes nesta área, levando em consideração que essa disposição não advém da natureza individual, mas que é construída a partir das diferentes relações que o indivíduo passa a ter com o mundo social.

Com base neste entendimento, o objetivo geral consiste em apreender as lógicas e recursos sociais utilizadas no processo de engajamento e militância individual dos agentes envolvidos na mobilização do combate ao câncer infanto-juvenil em Sergipe. Deste modo, além de analisar os condicionantes sociais e culturais, buscou-se captar as possíveis retribuições gerados com o processo de militância.

Para dar sustentação ao trabalho, delimitamos os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar as características sociais individuais que definem o interesse dos agentes pela participação política na causa do câncer, levando em consideração a investigação das origens sociais – familiar, escolar, religiosa, posição social, geográfica, etc; (2) Identificar o sentido que os agentes atribuem à participação política, a fim de apreender os significados que o seu engajamento e a ação militante adquirem na vida dos envolvidos; (3) Identificar os tipos de adesões que envolvem a participação na causa do câncer em Sergipe; (4) Analisar quais os retornos, esperados ou não, pelos agentes que aderem a esse tipo de causa.

Para fins de sistematização dos momentos de reflexão do trabalho, o dividimos em três capítulos: o primeiro, intitulado *Filantropia e ativismo político na causa do câncer* aborda a trajetória das práticas sociais no Brasil, considerando as transformações das formas de se fazer filantropia e a relação desta com o novo tipo de ativismo político; O segundo, intitulado *Socialização, redes sociais e identificação pela causa do câncer*, tenta perceber as características sociais individuais presentes nos diferentes agentes investigados que os conduziram para a causa do câncer e especificamente para os grupos AVOSOS e GACC; O terceiro, intitulado *As razões do engajamento e a entrada para a causa do câncer* procura

analisar as principais justificativas colocadas pelos participantes, bem como o significado da sua participação, além de apresentar fatores que levam alguns dos envolvidos a investirem de forma mais intensa nesse tipo de militância.

1. 3 Procedimentos metodológicos

Para responder os objetivos e questionamentos do presente trabalho, adotamos a pesquisa exploratória como procedimento metodológico combinada a uma revisão bibliográfica adequada a nossa pesquisa, estudo de caso e observação participante. Tal método foi adotado visando proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de explicar os mecanismos e significados que envolvem o engajamento individual na causa do câncer em Sergipe.

Contudo, a necessidade de desenvolver uma análise de caráter exploratório que envolve o estudo de casos, levou em consideração que era preciso entender como cada caso em particular foi sendo construído socialmente e como resultou nas motivações que os orientaram para o engajamento neste tipo de “causa”. De acordo com Yin (2001: 32) o estudo de caso “permite investigar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Levando em consideração que os diversos procedimentos metodológicos, desde que haja controle sobre suas “condições e limitações” (BOURDIEU; CHAMBOREDON & PASSERON, 2005) podem contribuir para o conhecimento do objeto, optou-se por utilizar uma pesquisa de aspecto mais qualitativo do que quantitativo, permitindo assim, conforme Triviños (2007: 129) “captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência buscando explicar as causas da existência dele, suas origens, relações e mudanças”. No entanto, tentou-se pensar “cada caso particular de maneira relacional” (BOURDIEU, 2007: 33) visando apreender as diferentes trajetórias sociais e visões de mundo dos sujeitos.

A priori elegemos como universo de pesquisa, os voluntários engajados em grupos que desenvolvem trabalho assistencial e beneficente para crianças e adolescentes com câncer na cidade de Aracaju, haja vista o interesse de explicar as razões e significados de estarem envolvidos em um tipo de ativismo político no qual os mesmos não são os beneficiários direto dela. Entretanto, partindo do pressuposto de que, “no mundo social nem tudo se reduz às representações” e que “por trás do espírito do grupo, há um grupo que merece ser estudado” (MAUSS *apud* LAHIRE, 2004: 24), tentou-se, da melhor forma, buscar uma aproximação com os grupos e as pessoas envolvidas na pesquisa.

Em um primeiro momento, o fato de ter escolhido, dentre os diversos agentes, voluntários e os principais dirigentes das duas instituições, fez-se imaginar que haveria

dificuldades de contatá-los pelo fato de serem pessoas com “status social” diferente dos demais que fazem parte do grupo. No entanto, ao contrário do que foi pensado, o contato inicial com tais agentes, em geral, ocorreu com naturalidade e facilidade, uma vez que, o encontro foi proporcionado por intermédio de alguém de muita confiança da equipe. Todavia, não há dúvidas de que há dificuldades no trabalho de campo, até porque não se pode prever o que irá acontecer, restando ao pesquisador buscar suas melhores estratégias para ter êxito na pesquisa.

Com o objetivo de coletar dados que interessassem a investigação, foi utilizada a aplicação de questionários, entrevistas gravadas com perguntas semi-estruturadas (pré-formuladas) e observação participante. As entrevistas gravadas, a partir de meio digital (gravador), nos permitiram ter acesso a registro de relatos e fatos acerca das experiências pessoais de cada entrevistado, o que possibilitou fazer uma análise sobre como suas percepções os orientaram para o engajamento na causa do câncer. Além disso, utilizamos a técnica de observação participante visando explorar e conhecer a vida do grupo a partir do interior dele mesmo. Levando em consideração que os estudos que relacionam as análises das trajetórias de vidas permitem retratar o conjunto de experiências vivenciadas pelos agentes e, assim, “conhecer o social partindo-se da especificidade irreduzível de uma vida individual” (GOLDENBERG, 2005: 37), acreditamos que para uma análise sobre o engajamento na causa do câncer, é necessário investigar as particularidades históricas e sociais de cada agente investigado.

Destarte, o roteiro do questionário, abordou-se questões relativas à identificação dos voluntários através de informações como sexo, idade, escolaridade, estado civil, profissão, religião, início da adesão no grupo, como ocorreu, função que desempenha no grupo, etc. Esses dados permitiram ter uma maior aproximação com os grupos e os agentes envolvidos e auxiliou na escolha das pessoas que serão selecionadas para a análise do presente estudo. Em relação às questões das entrevistas, foi adotado um roteiro no intuito de buscar informações sobre a trajetória de vida deles, ou seja, conhecimentos sobre dados da vida familiar, escolar, profissional, cultural, dentre outros. Tal proposta de análise pressupõe mergulhar nas particularidades históricas e sociais de cada agente investigado, a fim de capturar como se estruturou as ações, relações, processos e atitudes em diferentes momentos de sua vida social. É por essa lógica que se tentou descobrir como os grupos foram criados e como ocorreu o engajamento dos agentes na causa do câncer, no qual se verificou que as adesões aos grupos variaram conforme as condições históricas e culturais aos quais os agentes se inserem.

Antes da apresentação formal, cabe ressaltar que foram feitas algumas visitas às instituições no intuito de ter o conhecimento prévio sobre as pessoas mobilizadas na causa e as ações desenvolvidas por estas. Tais visitas, realizadas sem apresentação formal, contribuiu para selecionar os agentes ao qual a pesquisa iria se direcionar. A decisão em investigar os voluntários e, sobretudo, os dirigentes dos grupos, foi tomada a partir do momento em que se teve o conhecimento de que, alguns destes que integravam o grupo se dedicavam à causa há um bom tempo, sendo que, em alguns casos nunca houve uma mudança dos postos de chefia.

As primeiras formas de contato com o meio estudado, como pesquisadora, ocorreram por meio de telefonemas e de correio eletrônico. A partir daí, obteve-se a informação de que o trabalho poderia ser realizado mediante apresentação de um ofício direcionado a presidência da instituição contendo informações pessoais do pesquisador, além do tema trabalhado e do objetivo proposto pela pesquisa. Tal recomendação do grupo foi visto como um obstáculo a ser superado, mediante a burocracia de se ter um contato direto com os entrevistados. Assim, a concordância em colaborar com a pesquisa e a presteza em dar retorno ao contato realizado, só foi possível mediante a apresentação do ofício que foi encaminhado aos grupos após ter sido solicitado ao Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. A fim de minimizar os obstáculos pertinentes a qualquer tipo de investigação, a apresentação com os agentes estudados foi iniciada após o grupo ter conhecimento sobre os propósitos do trabalho.

Após ter marcado a apresentação formal, direcionou-se às pessoas responsáveis por fazer o intercâmbio com os voluntários e, sobretudo, com os principais dirigentes da instituição. Inicialmente, utilizou-se o *status* de estudante do mestrado da Universidade Federal de Sergipe, uma estratégia que se revelou de grande importância para a execução do trabalho de campo, uma vez que tal princípio adotado contribuiu para que estes pudessem ter a percepção de que estavam diante de um trabalho sério e de boas intenções. Diante das informações que foram passadas sobre o tema e os objetivos do estudo, pode-se conversar e estabelecer uma relação de empatia, uma estratégia de aproximação indispensável à realização de um bom trabalho. Tal empatia também serviu para aproximação com os sujeitos a serem investigados, uma vez que, os contatos com os mesmos eram realizados entre uma ou três vezes na semana, a depender dos horários disponíveis.

As aplicações dos questionários e realizações das entrevistas eram na maioria das vezes, agendadas pelo responsável do setor de comunicação dos grupos, - este considerado como alguém de muita confiança da equipe - que procurava saber a disponibilidade de tempo e horário para marcação do encontro. Exceto em um dos casos, em que a marcação do

encontro deu-se diretamente com o indivíduo solicitado, pois o mesmo executava a função de assistente de comunicação e membro da diretoria. Tais encontros eram realizados durante a semana no período da tarde, principalmente entre a segunda e quinta-feira, dias em que o contato se tornava mais acessível devido à realização de projetos e eventos nas instituições. Nesses dias, além de se poder ter acesso aos agentes, também pode-se observar as atividades aos quais os integrantes realizavam.

Se por um lado, encontrou-se a facilidade em ter o consentimento do entrevistado para participar da pesquisa, por outro, presenciou-se situações opostas em relação ao contato com alguns voluntários. Em uma das instituições, os trabalhos puderam ser dificultados devido ao contato com pessoas ligadas ao setor de assistência social. Na verdade, houve um encaminhamento para entrar em contato com tal pessoa, pois segundo alguns funcionários do grupo era a pessoa mais encarregada a ajudar na pesquisa. Assim feito, foi possível perceber que a mesma colocou alguns obstáculos em relação a se ter contatos diretos, principalmente com os dirigentes da casa, explicando que os mesmos estavam com pouca disponibilidade de horários, devido à realização de eventos e projetos do grupo, sendo preciso esperar alguns dias. No entanto, o trabalho nessa instituição começou a ganhar rumo, após se realizar contato por telefone e e-mail com uma pessoa bem posicionada na instituição que ficou encarregada de colaborar no que pudesse ser possível para contribuir com o estudo.

O contato direto, a observação e participação nos eventos foram de extrema importância para viabilizar quem seriam os membros das instituições a serem investigados e compor a nossa amostra. O total de entrevistas realizadas, *dezoito* - sendo onze entrevistados na AVOSOS e sete no GACC -, deu-se de acordo com a possibilidade de encontrar os voluntários nas duas instituições, embora houvesse casos em que a participação no grupo era realizada uma ou duas vezes ao mês, dificultando assim o andamento da pesquisa. No entanto, em nenhum momento foi dispensado conversas com indivíduos que não faziam parte do grupo dirigente, uma vez que, as posições distintas contribuiriam para a apreensão de múltiplos pontos de vista. Do conjunto de voluntários entrevistados dez ocupam a função de dirigente⁴ – sendo seis na AVOSOS e quatro na GACC – e oito atuam em atividades fora do quadro da diretoria⁵.

⁴ Em relação aos onze entrevistados da AVOSOS, seis ocupam a função de dirigente. Dos sete entrevistados do GACC, quatro atuam em cargos de diretoria.

⁵ Cabe ressaltar que, do conjunto dos oito entrevistados, têm-se um que já foi membro da diretoria da AVOSOS e pertence ao grupo de fundadores e outro que atua como membro do conselho fiscal da AVOSOS. Os demais desse total nunca alcançaram um posto de chefia nas respectivas instituições.

Primeiramente, definiu-se em entrevistar os dirigentes, pois, estes passavam a maior parte do tempo executando atividades nos grupos e eram pessoas que tinham um cronograma de dias e horários fixos nas instituições. Os demais entrevistados foram escolhidos mediante a realização do trabalho de campo, pois, nem todas às vezes foi possível encontrar os mesmos voluntários participando das atividades nos grupos. Cabe ressaltar que na AVOSOS, por ser um grupo com maior número de voluntários havia um cronograma de atividades com dias e horários em que os voluntários atuavam com frequência, o que facilitava o encontro com alguns destes. No GACC também há um cronograma de atividades, mas, ao contrário da outra instituição houve dificuldades em encontrar voluntários nas atividades do grupo, pois, muitos não apareciam com frequência, restando manter contato diariamente com a instituição ou com os próprios voluntários para saber os dias em que se pudesse encontrá-los. Em um dos casos, a entrevista com uma voluntária só foi possível, após o agendamento para o encontro em sua própria residência.

Antes de se iniciar a aplicação dos questionários e das entrevistas gravadas, realizou-se uma apresentação aos voluntários pelos assessores de comunicação que, geralmente utilizava o termo “estudante de mestrado” para tentar estabelecer o consentimento dos demais membros. Ao longo de todo trabalho de campo, os mesmos deixaram a pesquisadora bem à vontade nos grupos e a todo o tempo, os principais dirigentes demonstravam uma preocupação em saber se o atendimento na instituição estava sendo o adequado. O que se pode dizer é que todos, aos quais se conheceu, estabeleceram uma relação de simpatia e gentileza que, em boa medida, encorajou a dar continuidade na pesquisa.

A maioria parte dos encontros foi realizada no período em que os mesmos estavam praticando alguma atividade no grupo. Estes foram realizados praticamente no período da tarde, em torno das quatorze horas. Desta forma, aos dias 10 de junho de 2009 foram realizados os primeiros trabalhos de campo da pesquisa, que se deu inicialmente com a aplicação de questionários com voluntários da AVOSOS. No momento do primeiro encontro deparou-se com muitas mulheres – aproximadamente vinte mulheres – que estavam reunidas em atividades na sala de costura. Observou-se os trabalhos delas e em conversa com algumas, percebeu-se que a grande maioria encontrava-se em idade em torno dos 50 anos. Aguardando o melhor momento para iniciar o trabalho, houve a apresentação, através da assistente de comunicação, a duas voluntárias, uma dirigente e uma ex-dirigente.

Após a apresentação formal por um membro da instituição, utilizou-se como recurso inicial a aplicação de questionários, com o objetivo de traçar o perfil dos entrevistados e descrever as características dos grupos e dos respectivos voluntários e dirigentes. Em relação

à aplicação dos questionários, segundo Oliveira (2005: 92), “é necessário uma dose de sensibilidade para conquistar o pesquisado(a) a fim de que ele(a) se sinta motivado, bem à vontade para responder, e tenha a consciência de que está colaborando para o avanço da pesquisa”. Nesse segmento, Bourdieu, Chamboredon & Passeron (2005: 57) assinalam que o questionário é um recurso que “não garante necessariamente a univocidade das respostas pelo simples fato de submeter todos os sujeitos a perguntas formalmente idênticas”, já que nem todas as perguntas têm o mesmo sentido para os sujeitos interrogados. Fundamental salientar que, mesmo que seja uma técnica de coleta de dados, ela não é o meio mais completo para apreender os aspectos das condutas dos agentes, mas, é uma forma de conhecer um pouco da realidade a ser estudada.

Após a aplicação do questionário e de algumas conversas obteve-se a informação de que, há poucos minutos dali, ocorreria uma reunião no auditório da instituição com alguns voluntários e representantes de agência de turismo. Sem saber ao certo de que se tratava a reunião, achou-se interessante participar nesta que seria a primeira participação em eventos formais do grupo. Neste caso, ficou-se diante de fatos que poderiam mostrar aspectos da vida do grupo ou situações que ilustrariam o cotidiano vivenciado. Logo, tratou-se de pedir autorização para participar da reunião, sendo em seguida, informados de que não se tratava de uma reunião de rotina que o grupo realizava mensalmente, mas, de uma reunião de última hora. Após o consentimento para participar da reunião encaminhou-se ao auditório onde estavam os demais voluntários. Juntamente com todos que ali estavam, percebeu-se que se encontravam quatorze voluntários - dirigentes e não dirigentes - e quatro representantes de empresas de turismo. A frente da reunião estava o gerente da instituição – ex-voluntário –, a diretora-presidente e a diretora da casa de apoio que informou a todos os presentes que a reunião visava decidir os melhores orçamentos para a viagem para o congresso de oncologia que seria realizado no fim do ano, na cidade de Natal. No entanto, verificou-se dentre os participantes, a presença de todos os membros da diretoria, alguns ex-dirigentes pertencentes ao grupo de fundadores e pessoas ligadas ao conselho, logo, percebe-se que são os indivíduos com “elevada posição social” na instituição que foram selecionados para tal evento. Foi a partir daí que pode-se iniciar os procedimentos da observação participante, sendo este um dos primeiros eventos de muitos aos quais seria acompanhado.

Se na AVOSOS o trabalho de campo já havia iniciado, no GACC isso só foi possível um mês e meio depois de se ter entregado o ofício. No GACC, a primeira experiência de pesquisa ocorreu a partir do agendamento para um encontro, objetivando ter um contato face a face com o agente e ao mesmo tempo para aplicação do questionário. Tal procedimento foi

realizado com um membro da diretoria, o supervisor de comunicação, que ficou responsável por fazer o intercâmbio com os outros voluntários durante toda realização do trabalho. A partir desse contato, encontrou-se condições favoráveis para o estudo e se pode ter o conhecimento prévio dos nomes de alguns membros da diretoria e voluntários do grupo, o que resultou no agendamento no dia seguinte para uma conversa com mais dois dirigentes no turno da tarde. A partir dessa conversa, pode-se ter o conhecimento também sobre o cronograma das principais atividades e eventos do grupo no decorrer do segundo semestre.

Quinze dias após o primeiro contato com os integrantes do GACC, participou-se da reunião de voluntários que é realizada pelo grupo uma vez ao mês nos dias de sábado pela manhã. Esse foi um dos primeiros eventos do grupo ao qual se presenciou. Na reunião, no entanto, havia poucos voluntários – precisamente cinco – e a pessoa que comandava a reunião era uma das dirigentes que se encarregou de apresentar a pesquisadora aos demais participantes como uma visitante.

Após aplicação dos questionários agendou-se outro encontro para se fazer a entrevista gravada. Com o objetivo de obter informações mais profundas a partir da fala dos entrevistados, a coordenação dos depoimentos ocorria de acordo com os pontos principais que se estava buscando para a pesquisa, possibilitando assim, um diálogo intenso que trouxesse aspectos ao qual responderiam as hipóteses e aspectos que até então passavam despercebidos ao alcance do pesquisador. Entretanto, em nenhum momento teve-se a pretensão de ficar presos às questões das hipóteses levantadas, pelo contrário, no desenrolar do trabalho de campo, pode-se obter uma variedade de informações que tornou a pesquisa mais interessante.

Porém, antes de se iniciar as entrevistas – que foram feitas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um – apresentou a todos a justificativa sobre a metodologia do trabalho deixando claro que os depoimentos seriam para fins de pesquisa, uma estratégia para ganhar a confiança do informante. Todas as perguntas foram realizadas como se estivesse em uma conversa amigável e em todos os casos fiz-se o possível para deixar o entrevistado à vontade com o seu depoimento. A duração do tempo de entrevista era indeterminada e variava de acordo com a experiência de vida de cada um e com a interação da conversa.

A participação nos eventos dos grupos foi um dos critérios que serviu para complementar a realização da pesquisa. As observações foram registradas com o uso de um diário de campo que permitiu captar informações mais detalhadas sobre os acontecimentos que envolvem a realidade do grupo. Desta forma, o trabalho descritivo e a participação mais ativa com o contexto pesquisado contribuíram para a observação de aspectos que não foram

explicados através de outros métodos utilizados, complementando ainda mais a pesquisa. A observação participante faz parte do método etnográfico muito utilizado no campo antropológico e que tem sido empregada na pesquisa sociológica. De acordo com Malinowski (1984: 18), esse é um método que permite “distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas, e de outro, as influências do autor, baseadas em seu próprio senso comum e intuição psicológica”.

Desta forma, a participação no cotidiano do grupo em eventos do dia-a-dia e a relação de empatia foram decisivas para ter uma aceitação dos participantes. Tal procedimento, em algumas situações, contribuiu para estabelecer uma relação de cordialidade entre o pesquisador e os entrevistados, o que levou a pesquisadora ser muitas vezes confundida com algum integrante do grupo. Embora se soubesse que não existe uma receita pronta para a realização da pesquisa, pode-se dizer que o próprio comportamento perante o grupo contribuiu para uma aceitação literal⁶.

Desta forma, pode-se presenciar os seguintes eventos:

Reunião de voluntários: as reuniões de voluntários eram realizadas no final de cada mês e muitas vezes tratavam de assuntos internos, como as doações recebidas, projetos do mês e era sempre coordenada por um dos diretores executivos. Na AVOSOS as reuniões eram realizadas na última terça-feira do mês no período da tarde e no GACC no último sábado do mês no período da manhã. Os voluntários de cada instituição eram informados para o comparecimento da reunião através de cartas entregues pelo correio ou telefonemas. Do total de reuniões, presenciou-se três na AVOSOS e três no GACC e em todas elas assinou-se uma lista que continha o nome dos participantes do dia. O número de participantes nas reuniões da AVOSOS chegavam a torno de trinta pessoas e no GACC cerca de dez.

Assembleia Extraordinária: teve-se a oportunidade de participar de uma assembleia para eleger um substituto da diretoria executiva no cargo de segunda tesoureira. Essa eleição foi realizada fora do período de eleição geral – que é realizada de três em três anos – devido ao falecimento da voluntária que ocupava o cargo, fato este que ocorreu durante o período do trabalho de campo. A assembleia ocorreu no dia 29/09/2009, três meses após o falecimento da mesma. Na ocasião da assembleia, foram eleitos um membro da diretoria executiva e um do conselho fiscal, uma vez que a candidata ao cargo de segunda tesoureira iria deixar em aberto a vaga que ocupava neste conselho.

⁶ Sobre este aspecto ver GEERTZ (1978) em seu ensaio sobre “a briga de galos balinesa”.

Eventos festivos: presenciou-se eventos internos que envolvia projetos dos grupos, dentre estes, a festa dos aniversariantes do mês que envolvia a participação de alguns voluntários juntamente com os assistidos. Além deste, participou-se também da festa de comemoração dos vinte e dois anos da AVOSOS realizado no pátio da própria instituição. Na ocasião, houve homenagens por parte da diretoria a diversos voluntários do grupo, no qual todos os integrantes da diretoria e algumas pessoas que não fazem parte da diretoria, fizeram a entrega de um prêmio simbólico para voluntários que atuam na instituição a cerca de um, cinco, dez, quinze anos. Pode-se também participar da campanha *Mc dia Feliz* realizada no final do mês de agosto de 2009 nos três locais de vendas de Aracaju: Shopping Jardins, Shopping Riomar e Drive do Mc Donald na Avenida Hermes Fontes. Na ocasião, os voluntários fizeram panfletagens sobre o evento e sobre o grupo além de realizarem para o público daqueles locais, atividades recreativas e eventos musicais.

Curso de capacitação de voluntários: é um curso realizado anualmente pelas duas instituições entre os meses de março e abril e tem como objetivo recrutar novos voluntários. Os interessados preenchem uma ficha de inscrição, apresentando dados como nome, endereço, telefone, profissão e descreve em um espaço em branco o motivo de querer ser um voluntário. Na AVOSOS as inscrições deram-se de maneira gratuita e no GACC cada interessado pagava uma quantia simbólica estabelecida pela instituição. Na AVOSOS, o curso foi realizado durante quatro segundas-feiras seguidas na própria sede do grupo no turno da tarde e contou com a participação de cerca de vinte pessoas. No GACC, o curso ocorreu no auditório do Hotel Quality, pois a sede do grupo não possuía condições apropriadas para a realização do evento. O curso foi realizado durante um dia inteiro, pela manhã e pela tarde, e contou com cerca de trinta pessoas.

O que chama atenção nesses eventos é que antes da abertura das reuniões, os grupos, cada um à sua maneira, recorrem à ajuda espiritual através de uma oração e em alguns casos contam com a presença de um psicólogo para abrir a sessão apresentando mensagens motivacionais que envolvem coragem, atitude e comprometimento com o mundo ao seu redor.

Diante dos procedimentos metodológicos utilizados, buscaram-se conhecer mais de perto o espaço social aos quais os entrevistados estão inseridos, alguns dados concretos como indica Gil (1999) sobre idade, sexo, origem geográfica, atividade ocupacional; e questões referentes a opiniões, crenças, sentimentos, expectativas e situações vivenciadas por eles que se relacionam as suas representações sociais e ao seu posicionamento em um dado momento histórico.

CAPÍTULO II

FILANTROPIA E ATIVISMO POLÍTICO NA CAUSA DO CÂNCER

Neste capítulo, buscamos fazer um breve trajeto histórico sobre como as práticas assistenciais e filantrópicas foram sendo modificadas ao longo dos anos e dando lugar a novos tipos de espaços participativos fora das esferas confessionais. Assim, pretendeu-se mostrar que a existência de associações ou organizações não-governamentais hoje, é produto de uma nova configuração que surgiu diante de novas demandas e questões sociais do mundo contemporâneo.

No Brasil, isso não foi diferente. A partir da segunda metade do século XX assiste-se a proliferação de diferentes organizações voltadas a solucionar distintos problemas sociais. Pessoas de diferentes origens e classes sociais mobilizaram-se de maneira mais organizada para solucionar necessidades de demandas específicas e, ao mesmo tempo, trazer ao conhecimento dos poderes públicos problemas até então desconhecidos. Diferentes das formas tradicionais de se fazer ‘ação social’, o agir em prol de uma ‘causa comum’ passa a ser realizado em espaços não confessionais e apolíticos tendo a frente pessoas de identidades coletivas diferenciadas. No entanto, os valores ligados aos meios católicos, como caridade, altruísmo, solidariedade, são também utilizados por algumas destas ‘novas formas de ação social’, não somente em prol de pessoas fragilizadas como também para a criação de interesses específicos. Tal acontecimento também ocorreu de modo similar com a mobilização do câncer no Brasil. Mesmo emergindo a partir de um campo médico e de iniciativas de beneméritos, as primeiras mobilizações em prol da causa do câncer no Brasil foram iniciadas por meio da ‘prática cristã’, ação essa transformada em um engajamento filantrópico.

Com esta premissa, pretendemos pontuar de que forma os fatores históricos, políticos e sociais foram de grande relevância para a emergência e redefinição das práticas que envolvem a mobilização do câncer no Brasil e como isso refletiu no aparecimento de grupos destinados a atuar em ações voltadas para o câncer infanto-juvenil. Tais fatores nos leva a entender o porquê do envolvimento de certas pessoas em causas sociais como a do câncer infanto-juvenil em um contexto geral e específico.

2.1 Emergência e transformação das práticas sociais no Brasil

O desenvolvimento considerável do campo das práticas sociais no Brasil foi marcado por um trajeto que envolve as iniciativas do Estado em simbiose com a Igreja Católica passando por grupos do setor privado que atuam, através do trabalho voluntário, na dedicação ao “social”. No entanto, o reconhecimento da palavra filantropia muitas vezes está relacionado à ideia de caridade religiosa, uma vez que durante três séculos no Brasil esse tipo de prática era permeado por uma cultura considerada altruística vinculada a valores cristãos. Comumente apontadas pela bibliografia⁷, às práticas de caridade ou filantropia datam dos tempos da colônia, sobretudo, a partir dos trabalhos desenvolvidos por organizações ligadas ao catolicismo como “as diversas ordens religiosas, irmandades e confrarias” (LANDIM, 1993). Permeados por ‘valores de caridade cristã’, a Igreja Católica desenvolvia auxílio espiritual e material as populações mais carentes, através dos trabalhos de padres e freiras que, assessoradas pelo Estado, atuavam em projetos assistenciais – através de serviços sociais e de saúde em prol dos mais necessitados – e culturais – por meio da construção de escolas, bibliotecas, creches, etc. Nesse sentido, esse tipo de ação constitui-se em uma expressão que traz a marca da atuação de organizações ligadas ao catolicismo, um espaço que tem uma referência importante na prática da filantropia, ou ainda como indica Landim (2006/2007, p. 10), no incremento de uma “cultura da ‘doação’, da assistência e também das redes de organizações para o desenvolvimento”.

Portanto, eram nas “organizações religiosas” que as pessoas encontravam serviços de assistência social, de educação e saúde, estes mantidos por meio de doações do Estado e de heranças de beneméritos. Um exemplo desse tipo de prática eram os serviços da Santa Casa de Misericórdia, fundada em 1543 por padres jesuítas, no qual desenvolviam atividades de caráter assistencialista e filantrópico, e que durante muito tempo foi responsável por prestar “serviço de assistência pública à saúde” (LANDIM, 1993). Desta forma, e conforme indica Doimo (2004: 125), na etapa que compreende “o período colonial e a República Velha, tem-se uma forte tradição católica na definição de entidades filantrópicas”, em um contexto em que valores religiosos e práticas sociais estavam interligados. Desse modo, pode-se dizer que a igreja católica foi responsável pela criação das primeiras “associações voluntárias” (LANDIM, 1993) no Brasil Colônia.

⁷ Landim (1993).

No entanto, verificam-se algumas modificações no perfil daquelas práticas no início do século XX com a ruptura entre a Igreja e o Estado, em um contexto que envolve a abertura de novas formas de religiosidade no país. Em paralelo a isso, surgem diferentes grupos religiosos destinados a mobilizar diversos setores da sociedade a colaborar com o compromisso de ajudar as pessoas fragilizadas. Grupos como a Maçonaria, Espíritas, Kardecistas, Protestantes, dentre outros, contribuíram para a difusão de práticas assistenciais e filantrópicas fora das esferas do catolicismo, ao passo que promoveram novas formas de solidariedade estabelecidas a partir de uma “personalidade jurídica própria” (LIMA, 2000: 27).

A ampliação de ações voltadas para a área da saúde, educação e assistência social ao longo da primeira metade do século XX foi caracterizada pela propagação de diversos grupos atuando em ações diferenciadas de obras sociais voltadas para as populações mais marginalizadas da sociedade. A intensificação desse tipo de ação ganha espaço na década de 30 com o apoio do Governo Vargas mesmo diante da regularização e do controle de recursos realizados pelo Estado. Nesse período, o Estado passou a intervir na economia com a finalidade de superar a crise provocada pela quebra da bolsa de valores de 1929, implantando o chamado “estado de bem-estar-social” regularizando, assim, sua colaboração com as instituições filantrópicas de caráter privado através da Lei de Utilidade Pública (1935), meio pelo qual passou a controlar as ações dessas entidades privadas. Assim, o Estado passa a fornecer apoio através de incentivos, isenções fiscais e financiamentos, a fim de que essas organizações possam se estruturar e fornecer serviços públicos na área da educação, saúde e assistência social. É nesse contexto de estreitas relações corporativista que ocorre a ampla “valorização da caridade, do altruísmo, da solidariedade pessoalizada, da abnegação do envolvimento e da escolha pessoal da doação” (LANDIM, 1993: 43).

Ao lado de grupos e organizações religiosas no campo das ações sociais, tem-se a participação de “elites” e “damas caridosas” com uma forte vinculação ao poder político central e que controlavam as principais instituições privadas do país. No entanto, registra-se nos anos 40 o aparecimento de fundações criadas e dirigidas por “Primeiras Damas do Estado”, que mobilizavam as ‘senhoras da sociedade’ a participarem através da “boa vontade”, de projetos vinculados à área social por meio do trabalho voluntário e com caráter de benevolência. Exemplo disto encontra-se na fundação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) em 1942, uma instituição de ação assistencial que, de acordo com Carvalho (2008: 02), foi criada “no sentido de dar apoio político ao governo”. Conforme indica Carvalho (2008), a LBA surgiu em um período em que a assistência social foi muito influenciada pelo governo,

embora tenha contribuído para o “crescimento de uma assistência social ‘ato de vontade’ e não de direito de cidadania” (CARVALHO, 2008: 02). Nesse sentido, os serviços desenvolvidos por tal instituição destinavam-se a atender a “grande massa não previdenciária”, uma vez que, só teria direito a saúde, educação e assistência social, aqueles que eram ligados ao serviço de previdência social. Assim, para a população sem carteira assinada, desempregados, trabalhadores informais, dentre outros, restavam os serviços prestados pelas ações da Igreja ou pelas atividades assistenciais das primeiras-damas, já que, esse tipo de ação ao invés de ser realizado por “direito” era passado para a população como um ato de “caridade”.

Todavia, nos anos 60 houve uma postura diferenciada da igreja Católica em relação ao Estado, por este deixar de atender algumas de suas reivindicações, fato que permitiu que a igreja desenvolvesse estratégias para o campo da sociedade civil “por meio de pastorais e comunidades eclesiais de base” (GOHN, 1997: 230). Diante das divergências ideológicas com os grupos do poder central, algumas alas da Igreja Católica, que até então estavam do lado dos grupos governistas, passam a apoiar os setores da sociedade que faziam oposição ao regime militar, servindo como um espaço de mediação entre as camadas populares, movimentos rurais, urbanos e sindicais.

Nesse sentido, a Igreja Católica passou a assessorar os movimentos sociais com distintos interesses, diante de um contexto onde a repressão e a tortura era um dos meios de impedir que esses grupos conscientizassem a população e tivesse visibilidade. Logo, segundo Doimo (2004: 163), “a igreja conseguiu impor-se e confrontar o regime saindo em defesa dos presos e perseguidos políticos”. Mesmo assim, os movimentos ligados à ala progressista e sob influência da Teologia da Libertação, começa a ganhar visibilidade pública ao se colocarem contra a cultura política autoritária levando leigos e pessoas ligada à esquerda marxista, a adentrarem em áreas sociais desenvolvidas por setores da igreja⁸.

Esses acontecimentos demonstram um tipo de ativismo político, no qual diversos setores da sociedade mobilizam-se e articulam canais de confiança sob proteção da Igreja, realizando encontros e eventos financiados por agências internacionais, criando uma rede de relações e laços sociais, que terão um papel significativo para promover o debate público. Essa articulação ocorre por meio de setores da classe média, do acesso às universidades e o

⁸ É importante ressaltar que algumas organizações como Ação Católica Operária (ACO), Ação Católica Independente (ACI), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC), de acordo com Doimo (2004), criaram uma extensa geração voltada para o ativismo social e político, incentivando a importância da participação e da ‘educação de base’. Id. Idib:160.

desenvolvimento dos meios de comunicação, que segundo Landim (1998: 29), contribuiu para o processo de diversificação social e a emergência de uma “nova sociedade organizada, baseada em práticas e ideários de autonomia em relação ao Estado, num contexto em que a sociedade civil se confundia com oposição política”.

Diante desse contexto, presencia-se a emergência de um “novo associativismo” (LANDIM, 2006, 2007) impulsionado pelo surgimento de uma sociedade civil com maior autonomia. Paralelo a isso, ao longo da década de 70, as Organizações Não-Governamentais vão se reorganizando, inicialmente desenvolvendo projetos de ‘educação popular e assessoria’, criados sob o universo religioso e prestando assessoria aos movimentos sociais na luta pelo regime político. Com o processo de “abertura política” na década de 80, esses centros começam a ganhar um novo perfil e identidade, resultante da inserção de pessoas advindas de múltiplos espaços de militância, possibilitando assim, o surgimento das chamadas ONGs, como já era conhecida informalmente. Nessa conjuntura, as ONGs criam um tipo de identidade própria e passa a se organizar em prol de uma causa comum, como é o caso de “ONGs ecologistas, feministas, étnicas, pacifistas e outras semelhantes” (SCHERER-WARREN, 1999: 32).

Essas organizações, ao qual Gohn (2005: 78) denomina de “cidadãs e militantes”, passam a ser formado por pessoas de identidades coletivas diferenciadas, advindos, sobretudo, das classes médias e grupos populares que trazem na bagagem um acúmulo de experiências em outros espaços de militância, o que favorece a inserção em meios sociais diversos. Nesse sentido, passam a lutar também por direitos e interesses específicos de grupos diferenciados, “atuando em problemas cruciais da realidade nacional como crianças em situação de risco, alfabetização de jovens e adultos, etc.”, assumindo assim, uma nova posição frente ao campo político e diferindo do tipo de militância política ou partidária. Diferentes das antigas práticas de conteúdo “assistencialista da caridade” no qual as elites dominavam, têm-se organizações voltadas às lutas por criação de direitos, dentre estes, “da mulher, dos negros, povos indígenas, homossexuais, ambientalismo, portadores de deficiência, jovens e outros sujeitos e identidades coletivas que vão se construindo” (LANDIM, 2006/2007: 12).

A diversificação de organizações de caráter associativo vai ganhando visibilidade ao longo dos anos 80 e 90, trazendo para o espaço público, novas concepções e nomes para o campo da ação social. No entanto, uma diferença notável nesse tipo de organização, principalmente na década de 80, é a crescente busca por pessoas qualificadas em seus grupos, logo, uma disposição para uma ‘profissão militante’. Na verdade, essas organizações passam a agrupar pessoas, não só com um acúmulo de capital militante e de relações, como também

com um capital cultural adquirido principalmente fora do país de origem, fato que permite para a renovação do perfil desse tipo de ativismo político⁹. Destarte, tem-se a necessidade de um tipo de militância profissionalizada para que esses grupos passem a se legitimar no espaço público.

Nesse sentido, percebe-se que em decorrência do processo de modernização do Brasil e das dificuldades políticas em desenvolver serviços voltados para o atendimento de novas demandas, as formas tradicionais de se fazer ação social foram sendo modificadas ao longo do século XX. Cabe enfatizar que as ações ditas tradicionais, organizadas a partir de redes religiosas não desapareceram em meio ao surgimento de ações não confessionais. O que se pode perceber, entretanto, é que esta última, mesmo sendo originada por representantes da sociedade civil, utilizam em suas formas de se fazer ação social, alguns dos valores formulados pelo cristianismo, como a caridade e o altruísmo. Assim, em outras palavras, pode-se considerar o exercício da filantropia como uma forma mais moderna de praticar ação política na sociedade contemporânea.

2.2 Gênese da mobilização pela causa do câncer no Brasil: um breve comentário

O conhecimento acerca das mobilizações em prol da “causa” do câncer no Brasil, surge no início do século XX, em um contexto que envolve a “questão do câncer” como “problema de saúde pública” e do interesse de uma pequena “elite médica brasileira” (TEIXEIRA, 2009), em aplicar estudos e práticas advindas de países centrais em países periféricos como o Brasil. A importação da literatura e de modelos de ação aplicados em países da Europa e nos Estados Unidos tinha como objetivo desenvolver medidas de saúde pública em relação à doença, que na época era motivo de preocupação junto a outras moléstias como tuberculose, lepra e sífilis. Segundo Barreto (2005: 268), nesse período “o índice de mortalidade pela doença no país era considerado baixo, mas havia a tendência de elevar-se a cada década, caso não fossem adotadas providências a respeito”. Desta forma, médicos sanitaristas brasileiros preocupados com o excessivo número de epidemias que se alastrava em todo território brasileiro, buscaram medidas tanto através de iniciativas privadas – organizando pessoas da ala médica e da alta sociedade -, e do Estado para prevenir e controlar a propagação da doença.

⁹ Sobre este aspecto, ver LANDIM (1998).

No Brasil, as primeiras instituições de combate ao câncer datam da década de 20, criadas por profissionais da área médica e que seguindo modelos similares aos utilizados em países como a França – a exemplo da Liga Francesa contra o Câncer¹⁰ – buscaram arrecadar fundos para a criação de um instituto de radioterapia, na época um dos recursos mais utilizados no tratamento do câncer. A ação conjunta de pessoas ligada ao campo médico, juntamente com o apoio de personalidades conhecidas por sua posição social e engajamento filantrópico¹¹, gerou os primeiros passos para a fundação do “primeiro instituto para o tratamento dos cancerosos” na cidade de São Paulo, este anexado ao hospital da Santa Casa de Misericórdia, no intuito de prestar serviços médicos para os doentes. Tal iniciativa que envolve interesse de saúde pública e a filantropia, segundo Teixeira (2009: 108), ocorre num contexto de “atuação da filantropia laica no campo da saúde”, fato que possibilitou o desenvolvimento no campo das ciências médica e de ações de saúde pública.

No entanto, o interesse de alguns médicos em construir projetos e de realizar estudos sobre a prevenção e combate ao câncer, esteve, em certa medida, relacionado à busca do reconhecimento profissional, no intuito de “ampliar o ciclo de credibilidade” (TEIXEIRA, 2009), já que poucos eram os estudos sobre o câncer em si. Desta forma, tem-se um tipo de doença que merecia ser mais explorada, tornando possível a emergência de um novo campo de investigação para as ciências médicas brasileira.

Diante disso, o aparecimento do primeiro “Centro” destinado a atender pacientes com câncer surge na década de 30, sobretudo, com a reorientação da política nacional de saúde realizada no governo de Getúlio Vargas, em decorrência do “crescimento de doenças-crônicas degenerativas” (INCA, 2007) e com a finalidade de criar políticas direcionadas ao controle do câncer no Brasil. O Governo Vargas impulsionou a criação de centros que tratassem de diversas doenças em todo país, dentre elas o câncer, principalmente em virtude do crescimento da mortalidade de pessoas que possuíam este tipo de moléstia. Assim, nas décadas de 30 e 40 assiste-se a ampliação da ação estatal em saúde em todo território brasileiro em parceria com a filantropia, sendo que estas atuações impulsionou a criação do Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Rio de Janeiro. De acordo com Barreto (2005: 268), “a criação da instituição prestigiou os serviços médicos dispensados aos cancerosos, a formação de recursos para o setor e também a área de pesquisa básica”.

¹⁰ Ver Pinnell (1987).

¹¹ Sobre este assunto, ver Teixeira (2009: 110). Similar às iniciativas realizadas em São Paulo, constata-se na cidade do Rio de Janeiro que o apoio da família Guinle foi de grande importância na criação de institutos de saúde e de pesquisa biomédica. Guilherme Guinle foi um industrial que tinha uma forte relação de amizade com Carlos Chagas, na época criador do projeto de Reforma da Saúde Pública no Brasil.

No entanto, cabe ressaltar que o conjunto de iniciativas em relação à criação de um centro em nível nacional culminou no incentivo do governo por meio do Ministério da Educação e da Saúde - órgão que no período do primeiro Governo Vargas em 1930 era responsável pela organização e normatização de ações contra o câncer –, uma vez que as principais lideranças envolvidas no projeto dever-lhe-iam prestar apoio político¹². Desta forma, verifica-se que a chegada ao poder de uma “elite gaúcha” contribuiu para que os grupos que mantinham relações de amizade e solidariedade com o governo central pudessem viabilizar suas propostas para o controle da doença e, ao mesmo tempo, ganhar reconhecimento junto a sua área profissional. Nesse contexto, grande parte dos membros fundadores do centro possuía algum vínculo direto com grupos políticos que estavam no poder naquela época, sendo assim indicados para o cargo de direção nos principais institutos. Um exemplo claro dessa relação encontra-se na fundação do INCA em 1937, no qual o fundador e diretor na ocasião era um médico gaúcho e amigo do Presidente da República Getúlio Vargas.

Pioneiro na pesquisa e no tratamento do câncer no Brasil, o cirurgião e sanitarista gaúcho Mário Kroeft conseguiu apoio do presidente Getúlio Vargas para criar o Centro de Cancerologia, para o qual seria nomeado diretor, em 1938. [...] Em 13 de Janeiro de 1937, o presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto de Lei nº 387, que cria o Centro de Cancerologia no Serviço de Assistência Hospitalar do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Surge assim o primeiro núcleo governamental de Combate ao Câncer no país, ligado ao Departamento de Saúde Pública do Ministério de Educação de Saúde (REVISTA REDE CÂNCER, 2007: 19).

Nesse sentido, as preocupações sociais com o câncer surgem em consonância com os interesses de divulgação sobre a doença para a população e no aperfeiçoamento do “ensino do câncer nas faculdades médicas” (TEIXEIRA, 2009: 112) visando capacitar profissionais para a ação contra a doença. Assim, percebe-se que o INCA surgiu, então, com a finalidade de assessorar o Ministério da Saúde no combate ao câncer no Brasil a partir da prestação de serviços de atendimento médico para pacientes com câncer e realização de campanhas educativas para desenvolver uma política nacional de combate e prevenção ao câncer. Deste modo, observa-se que às primeiras mobilizações da causa do câncer no Brasil eram desempenhados por lideranças, cuja atuação era conscientizar a população na prevenção a doença, sendo uma ação mais voltada para educação do que ao apoio assistencial e psicológico. Como nessa época não se tinha uma visão mais definida sobre os processos para cura do câncer, o centro era um dos principais locais que tratavam pacientes com este tipo de

¹² Sobre este aspecto, ver CARVALHO (2008).

doença, e mesmo assim, somente poderiam se internar, aqueles que possuíam seguro previdenciário (CARVALHO, 2008), ou seja, excluía grande parte da população brasileira.

A fundação do INCA tem um papel importante no que diz respeito à história da mobilização do combate do câncer no Brasil, principalmente por ser um dos primeiros “centros especializados de ensino e pesquisa oncológica” (BARRETO, 2005: 272). Por ser um grupo criado para “recrutar profissionais da área médica” (TEIXEIRA, 2009: 106), percebe-se que durante muito tempo esse tipo de mobilização ficou restrito a um grupo de pessoas interessados, não só em prestar serviços de atendimento médico para os pacientes com a doença, ou realizar campanhas educativas para desenvolver uma política nacional de combate e prevenção ao câncer, mas, também em ampliar respectivas áreas de estudos e criar novas formas de emprego para profissionais da área médica.

Todavia, a necessidade de expandir ações na luta contra o câncer resultou na criação do Serviço Nacional de Câncer (SNC) e de iniciativas de diversos movimentos sociais visando aprimorar modelos de tratamentos junto à comunidade médica brasileira e prestar assistência aos pacientes com a moléstia. Muitos destes movimentos foram impulsionados por iniciativas privadas através das Ligas ou Associações de Combate ao Câncer¹³ que foram criadas por meio da mobilização de pessoas ligadas a área médica e personalidades da sociedade civil que buscavam arrecadar fundos - por meio de empreendimentos filantrópicos - para ajudar o INCA no desenvolvimento de ações de prevenção e tratamento do câncer. Assim, nos anos 40, observa-se a existência de mobilizações na área do câncer através de “Ligas” que se organizavam através de campanhas, conferências, arrecadação de fundos, etc., no intuito de ampliar ações na luta contra o câncer. Dentre estas, encontram-se a Liga Bahiana contra o Câncer, Associação Paulista de combate ao Câncer, Liga Paranaense Contra o Câncer, Sociedade Pernambucana de Combate ao Câncer – esta fundada por um grupo de senhoras da alta sociedade pernambucana –, dentre outras. De acordo com Barreto (2005), as ligas surgiram com a finalidade de elaborar políticas públicas de saúde direcionadas ao câncer, prestar apoio à população carente e enviar médicos ao exterior para ampliarem seus conhecimentos científicos. Do mesmo modo, a propagação de políticas de saúde em meio à população, foi um dos grandes passos para a construção de diversas clínicas de prevenção e diagnósticos e do aprimoramento de conhecimentos através de campanhas, congressos, fóruns em todo o Brasil.

¹³ Sobre este assunto, ver BARRETO (2005) e CARVALHO (2008).

Desta forma, as iniciativas filantrópicas e governamentais foram decisivas para o desenvolvimento de políticas de saúde voltadas para o câncer, uma vez que também contribuíram para o aparecimento de obras direcionadas ao atendimento de tipos específicos da doença, como é o caso da “Fundação das Pioneiras Sociais” que na década de 50 redirecionou alguns de seus serviços ao tratamento do câncer da mulher nas áreas ginecológicas e mamárias. Criada por iniciativa do setor privado e posteriormente apoiado pelo Governo Federal, a Organização das Pioneiras Sociais, de caráter benemérito, foi criada em 1956, pela primeira Dama Sarah Kubitschek em Minas Gerais e realizava serviços assistência social para a população. A partir deste momento, presencia-se uma maior participação de pessoas advindas do setor de serviço social auxiliando no trabalho que, até então, era desenvolvido por médicos e enfermeiros, constituindo em mais uma profissão que começa a atuar no processo de luta contra o câncer.

Similar ao trabalho iniciado pelas Pioneiras Sociais, encontram-se no Estado de Sergipe, na década de 60, os serviços desenvolvidos pela Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer¹⁴ (LFECC), grupo considerado pioneiro no estado em prol da mobilização do câncer, sobretudo, nos trabalhos de prevenção do câncer ginecológico e mamário. A Legião Feminina de Educação e Combate ao Câncer (LFECC) é uma instituição de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, que presta assistência às mulheres carentes da capital e do interior de Sergipe, realizando prestações de serviços no Combate ao câncer ginecológico nos níveis preventivo, curativo e educacional. Segundo relatos de um de seus dirigentes, a LFECC foi fundada em 1964 a partir da iniciativa do Dr. Jorge Marsilac, médico especializado na área de Oncologia que se transferiu do Rio de Janeiro para Aracaju com o objetivo de mobilizar médicos e pessoas da sociedade sergipana para ações e campanhas de prevenção e combate ao câncer. Visando desenvolver projetos e programas de controle do câncer em Sergipe, Dr. Marsilac juntamente com o Dr. Benjamim Carvalho¹⁵, mobilizou alguns médicos e senhoras da alta sociedade – mulheres de médicos, parentes ou amigas próximas - que já desenvolviam trabalho voluntário no Centro de Estudos do Hospital de Cirurgia. A partir daí, Dr. Benjamim Carvalho que era diretor do Hospital, tomou a iniciativa de reunir um grupo de senhoras e fundar a LFECC, tendo como membros as senhoras Cecinha Melo Costa, (Presidente da Liga), Hortência Fonseca Carvalho (esposa de Dr. Benjamim), Marilda Leite, Bernadete Diniz

¹⁴ Com sede própria, o grupo encontra-se situado na Rua Dom Bosco, 272, Bairro Cirurgia, em Aracaju.

¹⁵ O Dr. Benjamim Carvalho – pai da nossa entrevistada – foi diretor do Hospital Cirurgia na década de 60. Segundo relatos da nossa informante, que atualmente é Vice-Presidente da LFECC, nessa época já havia no hospital um trabalho voluntário de um grupo de senhoras da ‘alta sociedade’. Na entrevista também fomos informados que a esposa do Dr. Benjamim, a Sra. Hortência de Carvalho, também fazia parte desse grupo e foi escolhida, no momento da fundação do grupo, para o cargo à vice-presidente da LFECC.

Gonçalves e Maria Amélia Franco. O grupo buscou arrecadar fundos para criar e prestar um trabalho de conscientização e prestação de serviços ambulatorial de prevenção do câncer para mulheres carentes.

Efetivamente, percebe-se que o início de ações voltadas para a luta contra o câncer em Sergipe emerge diante as interações de pessoas ligadas à área médica e no estabelecimento de laços sociais que propiciou a formulação de ações necessárias direcionadas aos cuidados de mulheres carentes e com câncer.

No entanto, no decorrer da segunda metade do século XX, e, sobretudo, no período que corresponde à década de 80, as políticas na área da saúde, que até então eram precárias, passa a sofrer transformação no contexto que diz respeito à “Abertura Política”, principalmente com a garantia de direitos sociais, gerado pela Nova Constituição Federal de 1988, no qual estes passam a ser concebidos para todas as pessoas, independente de contribuírem ou não para a previdência social. A partir daí observa-se a emergência de formas de participação mais voltada para uma concepção de “nova cidadania” (DAGNINO, 2000: 72). Nesta época, o Brasil passava por reajustes no plano político, econômico e administrativo, o que culminou na redução de custos para diversas áreas, sobretudo, a social. Em meio a essa questão, a sociedade civil começa a se integrar de maneira organizada, e assim construir novos espaços de luta política no intuito de tornar possível “uma continuidade entre Estado e sociedade”. Com isso, surge um tipo de participação direta construída no interior da sociedade política, no qual o Estado transfere a responsabilidade para “as comunidades organizadas, com a intermediação das ONGs, em trabalhos de parceria entre o público estatal e o público não-estatal e, às vezes, também com a iniciativa privada” (GOHN, 1997: 310).

2.3 O câncer infanto-juvenil

A ampliação do interesse de médicos brasileiros em relação ao câncer infanto-juvenil iniciou em 1957, com a fundação do setor pediátrico no prédio do INCA no Rio de Janeiro. Além de o câncer ser considerado como problema de saúde pública no Brasil, um dos princípios que está relacionado à criação de um ala de oncologia pediátrica, diz respeito ao desafio de elaborar programas de controle do câncer infanto-juvenil, já que este estaria no quadro de indicadores de mortalidade infantil. Assim, um dos principais objetivos, no âmbito da saúde da criança, era o aumento da sobrevida através do diagnóstico precoce.

Análises referentes às taxas de morte no Brasil na faixa etária entre 01 e 19 anos trazidas pelo INCA (2008) demonstram que, até o ano 2005, o câncer representava a segunda causa de morte em crianças e adolescentes, correspondendo 8% de todos os óbitos. Tal constatação, para alguns especialistas, implica numa atenção mais voltada para a saúde da criança e adolescente, uma vez que o câncer infanto-juvenil difere do câncer do adulto, por apresentar “diferenças nos locais primários, diferentes origens histológicas e diferentes comportamentos clínicos” (INCA, 2008: 19), além dos sintomas serem confundidos com doenças frequentes da infância.

De acordo com dados do INCA (2008: 22), “o período entre 1965 e 1969 a mortalidade por câncer representou 15% de todos os óbitos em crianças, passando para 21% entre 2000 e 2004”. Assim, o aumento do número de mortalidade infantil por câncer na maioria dos casos estaria relacionado à precariedade nos serviços de saúde, a demora do atendimento médico e na impossibilidade de adquirir os medicamentos, pois muitas vezes o serviço de saúde pública carecia de remédios suficientes para atender a demanda de pacientes. No Estado de Sergipe, por exemplo, as unidades de saúde para prevenção do controle ao câncer estão situadas na cidade de Aracaju, no qual, de acordo com dados do INCA (2008), os programas e serviços são oferecidos, principalmente em um hospital público (Hospital Governador João Alves Filho) e um privado, além de algumas clínicas de oncologia.

No entanto, nas ultimas décadas alguns fatores tem contribuído para o aumento no processo de cura, fato este que envolve qualidade do tratamento e acompanhamento dos pacientes. Assim, deve-se enfatizar que, além do aparecimento de novos tratamentos e, sobretudo, da evolução dos processos que envolvem a quimioterapia, na qual favoreceu o crescimento de chances de cura e expectativa de vida dos pacientes (INCA, 2007), apresentam-se também iniciativas por parte da sociedade civil objetivando modificar essa realidade, ajudando a promover a humanização da saúde através do comprometimento em ações que visam o bem-estar social.

Tais iniciativas vieram à tona em um período em que a sociedade brasileira convivia com fatores políticos e socioeconômicos que negligenciava grande parte da população, cenário este marcado por um regime político autoritário e por um desencajamento do Estado nos diversos setores sociais. Em meio a estes acontecimentos, surgem novas formas de engajamento no espaço público direcionado a melhorar o modo de vida da população e lutar, conforme indica Telles (1994), pelo “direito a ter direitos”. Deste modo, presencia-se a emergência de novos sujeitos responsáveis pela implementação de ações inovadoras que proporcionaram o crescimento de diversas associações, agora centradas, segundo Laville

(2002: 31) “em atividades ou problemas particulares e operando para fornecer respostas rápidas aos sujeitos envolvidos”.

A emergência de novas modalidades de grupos mobilizados na causa do câncer começa a surgir a partir da segunda metade do século XX, sobretudo, objetivando fornecer bens e serviços para a população carente a partir de trabalhos voluntários nos diferentes campos de ação na luta contra o câncer. As novas formas de “politização da vida cotidiana” (LAVILLE, 2002), diferem dos tipos tradicionais de se fazer política, pois não se trata somente de defender os interesses ligados a uma categoria ou grupo ao qual pertencem. Agora, assiste-se a mobilização de pessoas destinadas a ajudar o outro, uma vez que, conforme Laville (2002: 28) “corresponde à iniciativa na qual os promotores geram uma ação necessária ou desejável para beneficiários do qual não fazem parte”.

Entretanto, quando se trata de mobilizações ligadas à área da saúde e, sobretudo, no combate ao câncer, pensa-se muitas vezes que tais iniciativas ocorrem somente por ações realizadas por médicos, enfermeiros, etc., ou até mesmo por assistentes sociais. Deixando claro que, como foi esclarecido anteriormente, as primeiras ações voltadas para a causa do câncer foram iniciadas pelo campo da medicina brasileira em conjunto com os poderes públicos e privados, percebe-se em meios aos contextos vivenciados pela sociedade brasileira, modificações nas formas de adesões devido ao aparecimento de diferentes grupos de indivíduos objetivando transformar a realidade social.

Desta forma, verificou-se a partir da análise sobre as associações em Sergipe que atuam no combate ao câncer infanto-juvenil que os integrantes que compõem determinados grupos advêm de origens heterogêneas, ou seja, trata-se de agentes provenientes de diferentes origens sociais, culturais e profissionais, motivados pela vontade de fazer algo pelo bem-estar social e que foram se agrupando a partir de diversas redes de relações estabelecidas nos diferentes espaços sociais.

Em meio aos diferentes tipos de associações existentes na luta contra o câncer, encontra-se no Estado de Sergipe a Associação de Voluntários a Serviços da Oncologia de Sergipe (AVOSOS) criada em 1982 e o Grupo de Apoio a Criança com Câncer (GACC) criado em 1999, ambas desenvolvendo ações no combate ao câncer infanto-juvenil. São organizações sem fins lucrativos, de caráter privado e filantrópico e que desenvolvem serviços de assistência social e de saúde objetivando tratar e curar os pacientes cancerosos.

2.4 AVOSOS e GACC: a militância pelo câncer infanto-juvenil em Sergipe

Em meio às diversas formas de participação existentes no mundo social encontram-se grupos ou associações que se diferenciam das formas tradicionais de militância como sindicais e partidárias. As associações que desenvolvem trabalhos em causas sociais é um meio das pessoas iniciarem e praticarem uma ação política, mas isso não significa dizer que este tipo de prática esteja ligado a meios políticos partidários. Pelo contrário, qualquer tipo de mobilização coletiva que visa solucionar uma situação específica é uma forma de se fazer política e que propicia ao indivíduo, agir enquanto integrante da sociedade.

O que difere os grupos que atuam em causas sociais é o seu caráter “não-governamental, apolítico e não-religioso” (SIMÉANT, 2009), além de se apresentarem, na maioria das vezes, como instituições sem fins lucrativos ou econômicos. Os grupos aqui investigados que atuam na causa do câncer apresentam essas características. Desenvolvendo atividades de caráter assistencial e filantrópico, esses grupos atuam por um lado, realizando ações ditas caridosas, e por outro executando a ação política. No entanto, essas ONGs, como comumente são chamadas, evocam em suas mensagens ou divulgações um verdadeiro ‘culto ao altruísmo’ demonstrando a importância das pessoas em servir ao próximo e de se doar em prol do outro, seja de forma individual ou de maneira coletiva. O outro ao qual eles direcionam suas atividades, são aqueles mais necessitados, desprovidos de recursos econômicos, não vistos pelos poderes públicos e que precisam ser ajudados pela sociedade civil. Os outros aos quais grupos como AVOSOS e o GACC executam suas ações são crianças e adolescentes portadores de doenças oncológicas e hematológicas crônicas.

2.4.1 AVOSOS e os 28 anos de “luta no combate ao câncer”

Os primeiros passos para a formação do grupo AVOSOS iniciou no ano de 1982 a partir da iniciativa de uma dona de casa, a Sra. Maria Ruth Wynne Cardoso que aos 50 anos de idade passou a fazer visitas hospitalares e trabalho voluntário junto às enfermarias da Fundação de Beneficência do Hospital Cirurgia. Motivada pela vontade de ajudar ao próximo, Ruth presenciou no início da década de 80, o sofrimento de muitos pacientes da ala de Oncologia, principalmente pela escassez de recursos pessoais e hospitalares naquele setor.

Um fato que chama a atenção e que está associado ao interesse em ajudar pacientes com câncer, diz respeito à localização de sua moradia que ficava nas proximidades do hospital

Cirurgia. Além das visitas que fazia aos pacientes, a mesma presenciou várias vezes muitos destes pernoitando nas calçadas do hospital, aguardando a desocupação de um leito e percebeu que quando recebiam alta, não tinham condições financeiras para se deslocarem até seus lugares de origem, pois tratavam-se de pessoas que residiam no interior de Sergipe e em Estados vizinhos. Diante desta realidade, a Sra. Ruth ofereceu abrigo e começou a levar para sua casa alguns destes pacientes, no intuito de amenizar o sofrimento alheio. Foi a partir daí que surgiu uma das primeiras casas de apoio do Estado de Sergipe.

De maneira informal, foi através do contato com vizinhos e amigos que a mesma passou a mobilizar diversas pessoas para colaborar com a “causa”. Primeiramente, convidou duas irmãs que eram suas vizinhas, Anna Lobão e Judite Lobão, que foram convidando outras pessoas. Em seguida, entrou na mobilização Inah Leão a convite das Irmãs Lobão. Ruth também passou a convidar pessoas que faziam trabalho voluntário no Centro espírita que ela frequentava e a partir daí, juntou-se ao grupo Jeane Mello que em seguida levou seu esposo Wilson Melo para também fazer parte. Daí por diante o grupo foi crescendo e ganhando novos voluntários.

Inicialmente os trabalhos eram realizados na casa da Sra. Ruth, no qual cada voluntário executava diversas atividades como escrever cartas para as famílias, corte de cabelo, alimentação, ajuda material e financeira para ajudar a comprar os medicamentos, além de suprir a carência emocional dos pacientes. Deste modo, mobilizaram-se através do trabalho voluntário doando tempo, energia e recursos financeiros buscando medidas que possibilitassem uma melhora no tratamento destes pacientes.

O tempo foi passando, outras pessoas começaram a ajudar na “causa” e as ações desenvolvidas pelo grupo e, assim, passou a ganhar visibilidade junto à comunidade, uma vez que, o número de doações de mantimentos, roupas e ajuda financeira tornou-se um dos motivos necessários para a institucionalização do grupo. Deste modo, no dia 24 de julho de 1987 foi fundada oficialmente a Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe (AVOSOS), com a presença de onze pessoas: Maria Ruth, Anna Lobão, Judite Lobão, Jeane Melo, Wilson Melo, Inah Leão, Marlene Andrade, Marcelo Andrade, Silvia Maciel, Dilma de Souza e Nivalina Brás.

Até o presente momento, a AVOSOS executava suas atividades para pacientes com câncer, seja este adulto ou infanto-juvenil. Contudo, o grupo presenciou na década de 90, a morte de muitas crianças e adolescentes devido à deficiência no tratamento do câncer nos hospitais, contribuindo assim, para o aumento da taxa de abandono ao tratamento devido “às

dificuldades socioeconômicas para locomoção, alimentação, hospedagem e também pelo número limitado de leitos nos hospital” (AVOSOS, 2008: 13).

Diante de tal situação, no ano de 1992 nasce à Casa de Apoio à Criança com Câncer Tia Ruth/AVOSOS, instalada numa casa doada por uma das voluntárias, visando proporcionar maior conforto e buscando suprir a deficiência do serviço hospitalar para crianças e adolescentes.

O empenho e o trabalho realizado pela AVOSOS resultaram na visibilidade junto à sociedade e no convite para o grupo administrar, em 1996, o serviço médico ambulatorial na área da Oncologia do Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF). Desta forma, a AVOSOS ficou a frente da administração durante mais de quatro anos atuando no atendimento ambulatorial e organizando os serviços destinados a ala de oncologia daquele hospital, contribuindo para consolidar em 1997 o tratamento do câncer através de convênios. Em outubro de 2000, o grupo deixou de administrar a unidade oncológica, mas continuou prestando serviços através do trabalho voluntário fazendo visitas hospitalares, levando lanches aos pacientes, ajudando na doação de medicamentos e na oferta de exame para crianças e adolescentes.

A atuação efetiva do grupo e a visibilidade de suas ações contribuíram também para que, no ano de 1998, o Instituto McDonald apoiasse a AVOSOS em suas atividades a partir da campanha Mc Dia Feliz com o objetivo de garantir um melhor atendimento para seus assistidos. A parceria resultou na compra de um terreno para a construção do complexo AVOSOS que compreende a Casa de Apoio e o Centro de Oncologia¹⁶, sob administração do grupo. Assim, o grupo aumentou o seu espaço físico e estruturou os serviços a partir da contratação de profissionais qualificados nos diferentes projetos do grupo e instalou o serviço de telemarketing em 2000. Neste mesmo ano, o grupo expandiu a equipe de atendimento, o número de voluntários e passou também a atender pacientes com doenças hematológicas crônicas.

A aquisição de uma sede própria e definitiva aconteceu através de recursos doados por empresas públicas e privadas, dentre estas, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

¹⁶ O Centro de Oncologia Dr. Geraldo Dantas Bezerra encontra-se anexado a sede da AVOSOS e foi construído com recursos próprios. O Centro atua através dos serviços de profissionais qualificados de 22 funcionários e realiza o tratamento ambulatorial para pacientes adultos com câncer através de convênios. Além disso, dispõe de um ambulatório de triagem em onco-hematologia pediátrica para atender gratuitamente casos de suspeita de câncer infanto-juvenil encaminhadas pelas unidades de saúde dos municípios. Ver também AVOSOS (2008).

e Social (BNDES), Instituto Ronald McDonald, Assembléia Legislativa, Banco do Estado de Sergipe (BANESE) e Construtora Celi¹⁷.

Dentre as ações executadas pela AVOSOS estão: a prestação de serviços de apoio ao tratamento médico através de equipe multidisciplinar (psicologia, nutrição, odontologia, assistência social, enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia e outros serviços); alojamento para hospedagem com o acompanhante; auxílio complementar ao tratamento médico através do fornecimento de assistência material (alimentação, exames, medicamentos, vestuários, transporte, etc.); o desenvolvimento de atividades, projetos e programas assistenciais, sociais, psicopedagógicos, educativos, culturais, recreativos, de lazer e outros serviços direcionados a crianças e adolescentes com câncer.

Atualmente a AVOSOS possui 158 voluntários engajados em diferentes serviços e projetos oferecidos pelo grupo e conta também com 42 funcionários integrados em diversos setores, desde profissionais na área de serviço social, nutrição, pedagogia, psicopedagogia, psicologia, odontologia, jornalista, a telefonista, recepcionista, cozinheira, etc. A casa de apoio atende atualmente cerca de 300 crianças e adolescentes, na tentativa de aumentar o índice de cura dos pacientes auxiliando crianças e adolescentes sem condições de tratamento a resgatarem o direito à saúde.

2.4.2 GACC e a “humanização” do câncer infanto-juvenil

As primeiras iniciativas para a criação do Grupo de Apoio a Crianças com Câncer (GACC) de Sergipe remontam ao final da década de 90, a partir da ação conjunta de três pessoas de uma mesma família. Segundo relato de uma de suas fundadoras, tudo começou quando uma funcionária pública e suas duas filhas que atuavam como voluntárias em uma instituição que cuidava de pacientes com câncer em Aracaju, a Associação Amigos da Oncologia (AMO), resolveram se unir para desenvolverem um trabalho voltado especificamente para crianças, uma vez que, na instituição mencionada, o trabalho era direcionado para adultos e idosos com câncer.

Importante ressaltar que, o fato de se dedicarem a ajudar pessoas com câncer surgiu em meio à morte de um parente que faleceu por conta da doença. Tal sentimento de “perda” veio acompanhado da “vontade de fazer algo pelo próximo”. Essa vontade foi incentivada

¹⁷ Na ocasião foram investidos R\$ 1.420.875,90. Os recursos foram doados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) com financiamento não reembolsável da área social (86,20%), pelo Instituto McDonald e Mc Dia Feliz (6,47%) e pela Assembléia Legislativa de Sergipe, com Subvenção dos deputados (1,55%). O BANESE e a Construtora Celi contribuíram com a mobília da casa.

pelo convite de uma amiga de trabalho de uma das fundadoras, que já atuava em serviços voluntários na referida instituição. Foi a partir de tal convite que aos 43 anos a funcionária pública Lygia da Silva Ribeiro, juntamente com suas duas filhas, duas estudantes com 16 e 19 anos, passaram a atuar em projetos proporcionados pela AMO durante aproximadamente dois anos, contribuindo assim, para ampliar os vínculos de amizade e o conhecimento sobre a causa.

O engajamento no combate ao câncer infantil ocorreu após o desligamento de mãe e filhas do grupo AMO. A partir daí, as três começaram a fazer visitas por conta no hospital João Alves Filho e nessas visitas passaram a conhecer algumas crianças. O vínculo com os pacientes e familiares resultou no interesse de dar continuidade ao trabalho, só que desta vez direcionado a causa infanto-juvenil.

As três começaram a mobilizar outras pessoas, como parentes, amigos, vizinhos para fundar um grupo direcionado a atender crianças e adolescentes com câncer. Inicialmente, Lygia convidou uma amiga de trabalho, também funcionária pública, que convidou outra amiga que era assistente social, ação esta que resultou nos primeiros passos para a formalização do grupo. Assim, no dia 21 de outubro de 1999 surge o GACC, na cidade de Aracaju, como sociedade civil de direito privado com finalidade eminentemente filantrópica e sem fins lucrativos. Segundo uma das fundadoras, a Sra. Ulla Ribeiro, filha de Lygia Ribeiro, a oportunidade de fundar o GACC surgiu numa época em que, no Estado, só existiam duas instituições que executavam trabalhos de apoio aos pacientes com câncer, sendo preciso fazer um melhor acompanhamento para o público infanto-juvenil.

Os primeiros trabalhos do grupo eram realizados na casa da Sra. Lygia Ribeiro e os recursos financeiros para ajudar nas despesas vinham da contribuição de cada integrante do GACC. Na ocasião, as atividades eram voltadas para abrigar os pacientes que não tinham condições de retornar para suas casas, pois muitos moravam no interior do Estado, além da ajuda na compra de passagens, medicamentos, alimentação, cestas básicas, etc. Um ano após a fundação, o grupo mudou-se para uma casa alugada na Rua de Arauá, centro de Aracaju, sendo considerada como a sua primeira sede. O grupo atualmente está na terceira sede localizada na Av. Desembargador Maynard e ainda não possui sede própria.

O GACC nasceu com o objetivo de humanizar o tratamento de pacientes com câncer, sem discriminação de raça, credo e sexo cujos objetivos envolve: promoção do bem estar bio-psico-social de pacientes com câncer; orientar e acomodar temporariamente crianças e adolescentes acompanhados de seus responsáveis nos períodos de consulta, exames e tratamento ambulatorial; promover e apoiar eventos de esclarecimentos e orientação para o

público leigo e especialista para troca de experiência sobre assuntos relacionados com tratamento do câncer; promover palestras, cursos e campanhas sobre prevenção de doenças, principalmente o câncer, no intuito de contribuir para a melhoria na qualidade de vida e auto-estima do seu público alvo; dentre outros.

Atualmente o GACC possui aproximadamente 50 voluntários engajados em diferentes serviços e projetos oferecidos pelo grupo e conta também com 32 funcionários integrados nos setores de cozinha, telemarketing, recepcionista, motoboy, serviços gerais, dentre outros, e conta com profissionais na área de serviço social, nutrição, pedagogia, psicologia, odontologia, comunicação social, etc. A casa de apoio atende atualmente cerca de 70 crianças e adolescentes e conta com recursos financeiros de seus associados, colaboradores, contribuintes e da sociedade sergipana para execução de projetos sociais e programas de atendimento voltados ao câncer infantil.

2.5 Representações sociais sobre o câncer

A forma de como a sociedade interpreta sua realidade é construída a partir da realidade que o homem estabelece no espaço em que habita. Assim, tem-se que as categorias de pensamento humano são elaboradas de acordo com aquilo que faz sentido para um grupo coletivo, possuindo assim uma significação. Levando em consideração que as “representações são produtos do pensamento coletivo” (DURKHEIM & MAUSS, 2005: 455), o conhecimento que grande parte da sociedade possui sobre o câncer seria, desta forma, resultado da objetividade do pensamento.

Em consonância com essas idéias percebe-se que, ao longo dos anos, as representações sociais construídas sobre o câncer encontraram-se fortemente ancoradas na ideia de câncer como “doença ruim”, “doença incurável” e que leva rapidamente a morte, provocando assim, a perpetuação de uma imagem negativa em torno da doença e conseqüentemente, no preconceito com os pacientes sujeitos a ela. Mesmo o câncer sendo considerado um desafio para área médica e governantes, entendida como problema de saúde pública tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento, dados demonstram que a doença ainda encontra-se como a “segunda causa de óbito no país, atrás apenas de causas externas como acidentes e violência” (INCA, 2008: 20).

Nesse sentido, o câncer ainda é considerado como uma das doenças mais temíveis na sociedade moderna, em meio ao progresso técnico-científico direcionado ao combate da doença, na qual envolve a emergência de procedimentos cirúrgicos, utilização da radioterapia,

quimioterapia voltada ao diagnóstico e tratamento. Aliado a isso, a concepção que se tem do câncer geralmente é atribuído ao sentimento de “morte”, “dor”, “sofrimento”, “medo”, “desespero”, aspectos negativos que segundo Cascais (2008: 496), trazem impactos de nível “emocional, social, cultural e espiritual”, tanto para quem possui a doença como para as pessoas que vivem cotidianamente com o paciente. Isso ocorre devido à grande maioria dos pacientes conviverem com a descrença quanto à possibilidade de enfrentar a doença, pelo fato de não se ter um auto-esclarecimento sobre os métodos de prevenção e tratamento de câncer ou também por carecerem de recursos financeiros para tratar do problema, já que o tratamento é considerado caro, lento e os locais de saúde pública que prestam atendimento, muitas vezes não possuem uma estrutura física que trate de maneira adequada este tipo de paciente (AVOSOS, 2008).

De acordo com Cascais (2008), as representações sociais em torno do câncer na sociedade contemporânea foi socialmente construída como imagem negativa a partir da difusão das experiências sociais entre os indivíduos. Ainda segundo a autora:

Essas representações também se encontram ancoradas nas experiências sociais, isto é, derivam também das vivências pessoais de cada um, nomeadamente no acompanhamento de familiares, amigos ou de vizinhos, ao longo de todo o processo de adoecimento por câncer, que por vezes pode resultar na morte de pessoas significativas (CASCAIS 2008: 498).

Em consonância com isso, no decorrer dos depoimentos dos entrevistados desta pesquisa, tentou-se observar num primeiro momento, qual a concepção que estes têm sobre a doença e, num segundo momento, no que diz respeito à ideia que têm sobre a participação neste tipo de mobilização.

Portanto, verifica-se que, em geral, a concepção que os entrevistados apresentam sobre a doença é a associação a “morte”, sendo concebida como “doença ruim”. Os entrevistados explicam que tal ponto de vista surge, primeiramente, devido à falta de esclarecimento sobre a doença que muitas vezes leva o ser humano a ter uma visão errônea e preconceituosa de que ela é contagiosa, resultando, na maioria das vezes, ao distanciamento entre as pessoas, principalmente, daqueles que possui a doença. O relato abaixo ilustra tal visão:

Na verdade hoje eu tenho o câncer como uma doença como outra qualquer [...] para muitos o câncer é uma doença ruim, de primeiro ninguém falava essa palavra, “câncer” [...] quando falava nela dizia: ah! Fulano tá como ‘aquela doença’ [...] hoje já amenizam, falam C.A. [...] mas é uma doença ruim, porque se você for ver a dengue também é, a gripe suína também é [...] só que é assim, a dengue ou você trata ou você morre logo [...] é aquela doença pontual [...] agora o câncer não! Quando você descobre com antecedência, você ainda tem um percurso longo para

tratar e mesmo quando se cura, você acaba ficando com suspeita [...] eu acho que a diferença do câncer é o volume que ela dá vida não só do pacientes, mas de quem cuida, de quem circula, de quem concebe [...] apesar de que agente sabe que todo mundo um dia vai morrer, mas é a forma de morrer que o câncer faz essa história (J. M. voluntária da AVOSOS).

É a partir da situação que o paciente vivencia e diante das representações acerca da doença, que os entrevistados passam a se mobilizar em prol da humanização do tratamento de crianças e adolescentes com câncer, que segundo estes, “lutam pela vida marcada pela dor, carência e pelo preconceito” (AVOSOS, 2008, p. 05). Assim, partem da concepção de que a sua participação gira em torno do ‘ajudar’, ‘agir’, ‘ter compromisso’ e ‘dedicação’ com a causa, a fim de derrubar o mito que está associado à doença e modificar a realidade social dos pacientes com câncer.

Mas a questão é a seguinte: como as pessoas orientam-se para participarem em grupos mobilizados em causas sociais? Como se origina a vontade de participar em uma causa como a do câncer? Quais as razões que os levam para esse tipo de engajamento? Por que foram direcionadas para a causa do câncer infanto-juvenil?

CAPÍTULO III

SOCIALIZAÇÃO, REDES SOCIAIS E IDENTIFICAÇÃO PELA CAUSA DO CÂNCER

Neste capítulo buscamos enfocar, a partir das trajetórias de vida dos militantes engajados na mobilização da causa do câncer, como estes foram mobilizados para esse tipo de ação coletiva, ou mais precisamente, como optaram por engajar-se nos grupos AVOSOS e no GACC. Deste modo, buscou-se examinar os processos de socialização, os tipos de vínculos sociais estabelecidos e assim tentar captar como foram criadas as disposições que os motivaram a participarem na causa do câncer. A inserção em diversas esferas sociais se revela importante para chegar a uma explicação de como se construiu essa “vontade individual”, para o engajamento. Diante disso, o meio em que os agentes vieram e estão inseridos, a vinculação com diferentes esferas de socialização, os contatos com diferentes pessoas contribuem para moldar o comportamento do indivíduo gerando seus valores e práticas que podem definir a sua ação no mundo social.

Assim, consideramos alguns elementos que se destacaram durante a coleta de dados, que são os diversos tipos de socializações, sobretudo, a religiosa que se apresentou como uma condição fundamental e formadora de disposições para ideais humanitários e o aspecto das redes sociais formais e informais, como mais um recurso associado à motivação para o engajamento na causa do câncer.

Levando em conta a perspectiva contemporânea para dar suporte à análise sobre o engajamento individual, e dentre esta, inspirados na sociologia da ação de Pierre Bourdieu (2008), tomamos inicialmente dados referentes à origem sócio-familiar, e num segundo momento, os motivos das escolhas individuais para determinada tipo de causa e grupo específico. No entanto, para entender essa relação e a maneira como cada indivíduo passa a se comportar, classificar e agir no mundo, procuramos analisar as particularidades históricas dos agentes a fim de compreender o que caracteriza sua ação.

Para dar suporte a este capítulo utilizamos estudos de alguns autores que trabalham a temática relacionada ao engajamento individual (PASSY, 1998, SIMÉANT, 2009; SEIDL 2008), procurando demonstrar como essa relação ocorre dentro do nosso universo de pesquisa.

3.1 Origens sociais e contextos de socializações

A partir das entrevistas, buscou-se enfocar como se construíram as motivações e disposições para o engajamento na causa do câncer, tomando como base de investigação as trajetórias sociais dos entrevistados. Assim sendo, sabe-se que o processo de construção das identidades é fruto de um longo trajeto que envolve o contexto social e cultural do agente, posição social e a associação de diversos fatores que determinam os parâmetros ideacionais e valorativos dos agentes. Além disso, também permite fazer a interpretação da realidade e, desta forma, criar possibilidades para o engajamento em um tipo de mobilização coletiva. Nesse caso, as dimensões diferenciadas de experiências com as quais o indivíduo interage influenciam na articulação do projeto social e pessoal.

A partir do material coletado, considerou-se alguns elementos que incidem sobre a escolha dos agentes para tal causa e que se destacaram sobre a coleta de dados. Dentre alguns dos fatores que se destaca na análise sobre os entrevistados, considera-se os espaços de socialização aos quais estes evoluem como um aspecto importante para o processo de formação das identidades e tomadas de posições dos indivíduos. No entanto, dentre os tipos de socialização aos quais os entrevistados interagem, tem-se a socialização familiar, escolar e religiosa como fatores favoráveis para o ingresso nesse tipo de militância. Assim, é perceptível nas trajetórias de vida dos militantes um tipo de aprendizado adquirido no ambiente familiar e em espaços religiosos, - sobretudo em meios católicos e espíritas - que tem como principal característica a articulação da prática da caridade cristã e ação social. Associado a isso, observou-se que o tipo de educação escolar que estes indivíduos tiveram no decorrer de suas trajetórias, contribuiu para moldar certos valores, definindo implicitamente disposições para o engajamento em causas de caráter social.

Com base nos dados coletados, pode-se considerar que em relação à origem geográfica, dos dezoito entrevistados, têm-se militantes oriundos em sua grande maioria da capital e do interior de Sergipe, exceto três casos provenientes de Belo Jardim – PE, Granja – CE e Colégio – AL. No entanto, em relação à transição geográfica, as trajetórias dos entrevistados mostram que os indivíduos oriundos do interior de Sergipe e de outros Estados migraram para Aracaju ainda na infância – exceto em dois casos, sendo ocorrido aos dezoito anos e outro aos trinta anos – em alguns casos devido à capital apresentar melhores oportunidades de trabalhos e instituições de ensino.

Quadro 1 – Alguns aspectos socioeconômicos.

	Sexo	Origem Geográfica	Profissão Pais	Nível socioeconômico
E01	M	Aracaju - SE	Soldador Aposentado/ Lavadeira	Baixo
E02	F	Aracaju - SE	Engenheiro Agrônomo (Func. Público)/ Funcionária Pública Estadual (ENERGIPE)	Médio
E03	M	Aracaju - SE	Soldador Aposentado/ Lavadeira	Baixo
E04	F	Granja – CE	Carpinteiro/ Dona de casa	Baixo
E05	F	Aracaju - SE	Motorista de táxi/ Dona de casa	Baixo
E06	F	Belo Jardim – PE	Feirantes	Baixo
E07	M	Capela -SE	Funcionário Público Federal / Dona de casa	Médio
E08	F	Frei Paulo - SE	Grande proprietário de terras (agropecuário)/ Professora primária	Médio Alto
E09	F	Aracaju - SE	Funcionário Público Estadual / Dona de casa	Baixo
E10	F	Japoatã – SE	Lavradores	Baixo
E11	F	Aquidabã – SE	Lavrador/ Dona de casa	Baixo
E12	F	Divina Pastora –SE	Funcionário Público Municipal/ Dona de Casa	Baixo
E13	F	Aracaju – SE	Funcionário Público Estadual/ Dona de casa	Baixo
E14	F	Maruim – SE	Comerciante/ Operária	Baixo
E15	F	Aracaju – SE	Empresário/ Dona de casa	Baixo
E16	F	Aracaju – SE	Engenheiro mecânico / Dona de casa	Baixo
E17	F	Carmópolis – SE	Ferrovário/ Professora	Médio
E18	F	Colégio - AL	Autônomo/ dona de casa	Baixo

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2009.

Considerando a posição social de origem de suas famílias, percebem-se militantes advindos de procedências relativamente heterogêneas. Como pode-se observar no quadro 1, embora predomine indivíduos provenientes de origens baixas, tais condições impedem maiores generalizações quanto a relação entre origens, recursos sociais e um provável engajamento, visto que, apesar de determinado pertencimento, é possível identificar que os diferentes espaços sociais aos quais os entrevistados interagiram ao longo de seus itinerários – como ambiente escolar, pertencimentos religiosos, profissionais, políticos, redes de relações, etc. – contribuíram para a elaboração de projetos individuais que implicaram em um possível engajamento. Dentre os dezoito entrevistados, tem-se uma filha de feirantes; uma filha de lavradores; uma filha de um engenheiro agrônomo e uma funcionária pública estadual; dois são filhos de um soldador e de uma lavadeira; três filhas de professoras primárias cujos pais são ferroviário, comerciante e grande proprietário de terras (agropecuário); e dez filhos de donas de casa, cujos pais são carpinteiro, motorista de táxi, funcionários públicos (sendo dois

estaduais, um federal e um municipal)¹⁸, lavrador, empresário, engenheiro mecânico, autônomo.

Diante deste panorama, do total de dezoito entrevistados, apenas uma considera-se oriunda da classe média alta, cujos recursos econômicos de sua família são provenientes da produção de algodão e gado. O restante dos entrevistados considera-se provenientes de famílias pobres e de classe média baixa, identificando-se como pertencentes de famílias humildes, e que através do apoio familiar na educação escolar conseguiram melhorar seu poder aquisitivo.

Em comparação com os recursos culturais herdados, os dados expostos sobre o grupo familiar demonstram que em relação à escolaridade dos pais, em geral tem-se militantes com uma ascensão considerável no nível escolar, já que na sua grande maioria, seus pais chegaram a cursar o ensino fundamental (completo ou não), exceto em um caso em que a entrevistada, filha de pais analfabetos, somente cursou o primário incompleto¹⁹. Todavia, observam-se dois casos em que os pais concluíram ensino médio e ensino superior (Agronomia) e cinco casos em que os pais estudaram ou concluíram o ensino fundamental (até 8ª série). No entanto, apesar da baixa escolaridade dos pais, percebe-se entre os entrevistados um forte reconhecimento em relação a seus progenitores no que diz respeito à educação e à transmissão de certos valores. Diante das entrevistas, tais militantes evidenciam que seus pais, mesmo tendo ou não algum tipo de recurso escolar, são considerados como pessoas detentoras de uma boa educação e responsáveis por transmitirem uma conduta adequada para seus filhos. Para os entrevistados, seus progenitores são tidos como exemplos de pessoas que liam, escrevia e falavam muito bem e que procuraram educar da melhor forma seus filhos, sendo sempre lembrados e tidos como referência nas maneiras de pensar e agir no mundo. Tal assertiva pode ser constatada em diversos casos analisados que vão nessa direção. Em alguns destes, situa-se dois casos que demonstram a influência que os progenitores exercem sobre certas ações dos filhos, já que, muito destes ensinamentos são incorporados em suas trajetórias individuais.

Caso 1:

¹⁸ Em relação aos cargos executados pelos pais dos entrevistados, as informações obtidas foram às seguintes: dentre os dois funcionários público estadual, um trabalhou como eletricitista e o outro na ENERGEPE (Empresa Energética de Sergipe) em um cargo não definido pelo entrevistado; Em relação aos demais funcionários referentes ao setor federal e municipal, os entrevistados não souberam identificar os cargos executados por seus pais, relatando que na época os funcionários eram remanejados para diversos cargos conforme a necessidade da ocasião.

¹⁹ O primário nos dias atuais é o ensino infantil que vai do 1º ano ao 5º ano que antecede o ensino fundamental.

Que eu me lembre, meus pais foram alfabetizados [...] devem ter cursado alguma escola do interior mesmo [...] não sei te dizer isso [...] mas a escolaridade deles era bem baixa [...] agora meus pais mesmo não sabendo a base que eles tinham, eu os considero como pessoas sábias [...] minha mãe falava maravilhosamente bem, escrevia muito bem e meu pai fazia cálculos maravilhosos [...] na verdade, eu nem sei se concluíram algum primário [...] meu pai também era uma pessoa muito correta [...] a palavra dele não tinha preço, a palavra dele era o máximo, não precisava assinar documento nenhum, bastava a palavra [...] e eu ainda sou desse segmento aí [...] eu acho que vivi na época certa, aprendi a dar valor a esses valores que até hoje para mim são verdadeiros [...] é a honestidade, lealdade, simplicidade [...] eu fui criada assim e eu me sinto muito bem assim como sou e vou morrer assim (R. W. mulher, 81 anos).

Caso 2:

Meus pais são pessoas de origens humildes [...] meu pai era soldador e minha mãe lavadeira [...] mas se for comparar os dois minha mãe parece ter bem mais estudo do que ele, porque minha mãe sempre foi atenta nas coisas, então ela sempre se interessou em ler independente ou não de assistir televisão [...] pra você ver até bula de remédio ela ler [...] tenho minha mãe como um exemplo para mim! (A. L. homem, 35 anos).

A análise dos itinerários escolares dos entrevistados demonstra ainda que, dentre os dezoito, tem-se um que possui primário incompleto, sete cursaram até o nível médio, e dez chegaram a ingressar no nível superior as áreas de ciências exatas (Licenciatura em Química), ciências humanas (Licenciatura em Letras, Pedagogia, Comunicação Social) e ciências sociais aplicadas (Direito, Economia, Administração). Cabe ressaltar que, diante dos entrevistados com nível superior na área de Química e Letras Português, dois possuem algum tipo de especialização *lato sensu*. Além destes dados, apresenta-se uma entrevistada com nível médio e com passagem em uma escola direcionada a formar professores do ensino primário (Escola Normal) e duas entrevistadas com nível técnico profissionalizantes na área da saúde (auxiliar de enfermagem e instrumentação cirúrgica).

Quadro 2 – Grau de escolarização dos pais e militantes

	Sexo	Escolaridade dos Pais	Trajetória escolar	Instituições
E01	M	Primário (até a 4ª série)	Ensino Infantil/ Escola Pública (Jardim de Infância Augusto Maynard); Escola Particular: 1º e 2º Graus Escola Religiosa/ (Patrocínio São José); Superior incompleto UNIT (Comunicação Social)	GACC
E02	F	Superior/ Médio	Escolas Particulares (Infantil: Jardim Babylândia, Fundamental: Colégio Imaculada Conceição; Médio: Arquidiocesano, Salesiano, Visão; Superior: UNIT - Direito)	GACC
E03	M	Primário (até a 4ª série)	Ensino Infantil/ Escola Pública (Jardim de Infância Augusto Maynard); Escola Particular: 1º e 2º Graus Escola Religiosa (Patrocínio São José); Superior incompleto UFS/ Economia)	GACC
E04	F	Semi-analfabetos	1º e 2º grau em Escola pública	GACC
E05	F	Primário	Ensino infantil e Ensino fundamental em Escolas Particulares (Colégio Imaculada Conceição – Escola religiosa)/ Colégio Tiradentes), Ensino Médio em Escola pública (Atheneu/	AVOSOS

			SESC profissionalizante);	
E06	F	Primário/ Semi-analfabeta	Escola Particular (da 5ª a 8ª série Murilo Braga; Pós-Graduação em Psicopedagogia /Pio décimo); Escola Pública (da 1ª a 4ª Série Escola de Aplicação Zenaide Cruz; ensino médio: Instituto de Educação Rui Barbosa - Escola Normal; Superior UFS: Letras-Português);	AVOSOS
E07	M	Primeiro grau completo	Escola Particular (ensino infantil e parte do ensino fundamental no Educandário Duque de Caxias); Escolas Públicas (parte do ensino fundamental no Tobias Barreto; Ensino médio/ Atheneu; Nível Superior UFS/Licenciatura em Química e Pós-Graduação em Educação)	AVOSOS
E08	F	Analfabeto/ Primário (Até a 4ª série)	Escola pública (da 1ª a 4ª série e nível Superior/ UFS: Letras-Inglês); Escolas particulares (Infantil, da 5ª a 8ª série Jackson de Figueiredo); Escola religiosa (Ensino médio: Colégio de Freiras N. Sra. de Lourdes)	AVOSOS
E09	F	Primário	Escola particular (ensino fundamental/ Tobias Barreto); Escola Pública (ensino médio/ Atheneu)	AVOSOS
E10	F	Analfabetos	Primário incompleto – estudou até a 1ª Série em uma escola de um grupo de idosos (segundo a entrevistada)	AVOSOS
E11	F	Semi-analfabetos	Escola pública (fundamental: Colégio 8 de Julho; Médio: Colégio Leandro Maciel)	AVOSOS
E12	F	Primário	Escola religiosa (até a 4ª série: Oratório Festivo "São João Bosco"- Oratório de Bebê) Escola Particular (Ensino médio: Colégio Senhor do Bonfim) Escola Pública (da 5ª até 8ª série: Colégio Estadual Manuel Luiz); Curso técnico de auxiliar de enfermagem.	GACC
E13	F	Primeiro grau completo/ Primeiro grau incompleto	Escolas Particulares (Infantil: Colégio ElShadday; Fundamental e médio: Colégio Unificado); Escola Pública (Ensino superior incompleto: UFS/ Letras Portugêses)	GACC
E14	F	Primário/ Analfabeta	Escola Pública (Ensino fundamental: Colégio Maruinese; Ensino médio: Colégio Atheneu); Escola Particular (Ensino superior: Faculdade Pio Décimo)	AVOSOS
E15	F	Primeiro grau completo/ Primário	Escolas Particulares (fundamental e Médio: Colégio Dinâmico; Superior: FANESE/ Administração)	AVOSOS
E16	F	Primeiro grau incompleto	Escola pública (Ensino fundamental e médio: Colégio Estadual Severino Uchôa)	AVOSOS
E17	F	Primeiro Grau incompleto (até a 6ª série)/ Primeiro grau completo	Escola Pública (ensino fundamental e médio/ Colégio Costa e Silva; Instituto de Educação Rui Barbosa - Escola Normal); Superior Completo (Faculdade Pio décimo: Supervisão Escolar); Pós Graduação (área; Psicopedagogia/ Não soube dizer o nome da faculdade)	AVOSOS
E18	F	Semi-analfabeto/ Primário	Escolas particulares e religiosas (até a 4ª série: Colégio de padres / Cristo Reis; da 5ª até 1º ano do ensino médio: Colégio de Freiras/ Patrocínio São José; 2º ano do ensino médio: Colégio Dom José Thomaz); Escola Pública (3º ano do ensino médio no colégio Atheneu Sergipense); Ensino Superior incompleto (Faculdade Pio décimo/ Letras Espanhol); Curso técnico de Instrumentação cirúrgica/ Fundação São Lucas.	AVOSOS

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2009.

No que diz respeito à relação capital econômico e cultural, verifica-se que mesmo identificando, na sua grade maioria, casos de indivíduos de origens sociais modestas, a análise demonstra que não houve por parte dos pais descuido com a educação de seus filhos e, em

alguns destes casos, percebe-se a inserção na universidade como uma forma de estratégia de reprodução social (BOURDIEU, 2008), ou seja, o comprometimento dos pais em garantir um estudo adequado e necessário para melhorarem de vida. Assim, integram esse quadro uma professora aposentada, e dois estudantes, um na área de economia e outro na área de comunicação social. Desta forma, tem-se uma filha de feirantes que estudou durante sua fase de ensino fundamental em escola particular e o ensino médio e superior em escola pública e a pós-graduação em faculdade particular; e dois entrevistados cujo pai é soldador e a mãe lavadeira²⁰ que estudaram todo o ensino fundamental e médio em escola particular de caráter católico e adentraram no ensino superior quando já estavam integrados na militância do câncer, um em faculdade pública e outro particular. É importante destacar que nesse último caso, a inserção de um dos militantes na universidade, no curso de comunicação social, ocorreu em um momento em que o mesmo já estava engajado na militância do combate ao câncer, sendo que, neste caso, os saberes escolares estariam voltados para projetos pessoais, investimento militante e para a ocupação de postos ou cargos de comando no grupo ao qual milita (PETRARCA, 2008; OLIVEIRA, 2008/C; SEIDL, 2009).

Todavia, em relação aos entrevistados cujas famílias têm uma condição econômica moderada, percebe-se uma associação entre origens mais elevadas e investimentos mais intensos na obtenção de diplomas, uma vez que, o capital econômico permite prolongar os estudos e adquirir uma maior ou menor capital cultural, além de levarem-nos a uma profissionalização imediata (SEIDL, 2009). Isto é perceptível nas trajetórias dos entrevistados que possuem ou estão cursando o ensino superior. Portanto, verifica-se que o uso da formação universitária, nestes casos, visa o exercício de atividades profissionais, como professores de ensino fundamental, médio e de ensino técnico, estudante de letras, advogada e administradora. Assim, vão nessa direção três filhos de donas de casa cujos pais são funcionários público estadual (ENERGIPE) e federal e empresário; de uma filha de um engenheiro agrônomo e um funcionaria pública (ENERGIPE); de duas filhas de professora cujos pais são agropecuário e ferroviário; e de uma filha de um comerciante e uma operaria. Dentre desse conjunto e diante de seus trajetos sociais, percebe-se que os entrevistados encontra-se, durante ou após a fase estudantil e profissional, vinculados em algum tipo de mobilização coletiva (estudantil, religiosa, profissional, assistencial, política).

²⁰ Cabe ressaltar que estes dois entrevistados são irmãos e atuam no mesmo espaço de militância.

Dentre o conjunto de entrevistados encontram-se dois casos em que, o não ingresso no ensino superior foi substituído pela inserção em escola técnica profissionalizante, sendo este tipo de ensino evidenciado pelos entrevistados, como uma forma mais rápida de entrar no mercado de trabalho. Têm-se, neste caso, duas entrevistadas filhas de donas de casa cujos pais são agricultor e funcionário público municipal e que optaram em fazer curso profissionalizante, uma como auxiliar de enfermagem e outra como instrumentador cirúrgica. Neste último caso, o ingresso no ensino técnico e superior (no curso de letras espanhol), ocorreu tardiamente (depois dos trinta anos), após o falecimento de seu cônjuge.

Além disso, verificam-se casos em que os projetos educacionais ou profissionais foram interrompidos devido a algumas circunstâncias da vida (condição socioeconômica baixa, matrimônio, cuidar de filhos, dedicação exclusiva aos maridos). Dentre os dezoito entrevistados, seis vão nessa direção. Dentre o conjunto, apresentam-se quatro donas de casa, uma desempregada (ex-escriturária) e uma ex-funcionária pública. Assim, tem-se o caso da filha de lavradores que teve seu estudo interrompido durante a infância, devido à família possuir recurso socioeconômico bastante baixo, fato que levou a entrevistada a trabalhar ao invés de estudar para poder complementar o sustento da família. Em seguida, a filha de um engenheiro mecânico e de uma dona de casa, com ensino médio completo que optou por trabalhar para também complementar a renda familiar. E por fim, têm-se o caso da filha de um lavrador e de uma dona de casa que concluiu o ensino médio e que não deu continuidade aos estudos devido ao casamento. No entanto, observa-se que em alguns casos, a alteração no poder aquisitivo se realiza não pela formação escolar que tiveram (duas entrevistados com ensino médio completo), mas a partir da relação do matrimônio (uma casada com um engenheiro agrônomo e a outra com um funcionário da Petrobrás), fato que permitiu, de certo modo, elevar o respectivo capital econômico. Nesse caso, têm-se duas filhas de duas donas de casa cujos pais são carpinteiros e funcionário público estadual (eletricista). As duas entrevistadas consideram-se advindas de famílias humildes e com baixo recurso econômico. Porém, tem-se o caso da ex-funcionária pública estadual, com nível médio completo, filha de um motorista de táxi e de uma dona de casa, que preferiu deixar o emprego de quase dez anos para se dedicar exclusivamente a criação de seus filhos:

Trabalhei durante mais ou menos dez anos no Estado em diversos setores [...] mas, depois que engravidei, resolvi me dedicar integralmente aos meus filhos [...] e assim como resolvi deixar de trabalhar por causa de meus filhos, escolhi deixar de ganhar dinheiro por causa do trabalho voluntário [...] (J. M. mulher, voluntária da AVOSOS).

No intuito de reforçar os valores transmitidos pela educação familiar, verifica-se também a passagem de boa parte dos entrevistados por colégios com formação religiosa (colégios coordenados por Freiras ou Padres). Nos casos em que isto ocorre, os entrevistados mencionam que para seus pais, os colégios particulares que integram a rede católica eram conhecidos como os melhores estabelecimentos de ensino para crianças e jovens na cidade de Aracaju. Conforme indicado por Martin (1999: 107), percebe-se que há uma preocupação dos pais em colocar os filhos em “colégios que prolongue ou complete a educação familiar e que cumpra as diferentes funções que lhe são atribuídas tanto pelas famílias quanto por seus responsáveis”. Em termos de pedagogia, algum destes colégios, além de passar para o aluno uma formação baseada em atividades científicas e intelectuais, transmite-lhe uma moral indissociável da religião. Em boa medida essa relação contribui, inconsciente ou conscientemente, para a constituição de gostos e disposições favoráveis a valorização do comportamento denominado de altruísta.

Desse modo, tratam-se de indivíduos em grande parte escolarizados em “boas escolas”, alguns em escolas particulares, outros em colégios com base católica e em alguns casos em escola pública²¹. Nesse caso, a socialização primária e secundária contribui para a prática de “boas maneiras” e para a caridade cristã, reforçando assim, “não apenas o sentimento de se pertencer a um grupo à parte, de não ser como os outros, mas também o sentido do dever para com a família e mais amplamente para com o próximo” (SAINT-MARTIN, 1999: 119). No que diz respeito às mulheres – já que grande parte dos militantes dos grupos investigados são mulheres – contribuem para a transmissão do capital moral, logo, valores, virtudes, competências que devem acompanhar a transmissão do capital cultural (BOURDIEU, 2008).

O ensino religioso está presente na escolarização de sete entrevistados, e um aspecto que chama atenção é que, dentre estes, cinco estudaram, em períodos diferenciados, em um mesmo colégio. Trata-se de instituições religiosas que integram a rede católica e tem como princípio básico uma formação fundamentada em valores cristãos, transmitindo para seus alunos a importância do trabalho em grupo, do que é ser solidário, de ser um homem justo e bom. De acordo com Siméant (2009: 109), a passagem por universos comunitários e a exposição precoce em práticas e atividades que valorizam a ajudar ao outro, contribuem para a “formação de gostos e vocação humanitária”. Este tipo de instituição tem o papel de ensinar

²¹ Em relação aos entrevistados que cursaram parte de seus estudos na Escola Pública Atheneu Sergipense, em Aracaju, percebe-se uma valorização em relação ao próprio estabelecimento de ensino, sendo citado, em alguns casos, como uma das melhores escolas de ensino médio em décadas passadas.

valores que colaboram para formar disposições favoráveis voltadas para atividades humanitárias.

De um lado, têm-se cinco entrevistados que estudaram no Colégio Patrocínio São José em Aracaju, conhecido por integrar a rede de colégios das “Irmãs Franciscanas Hospitalleiras da Imaculada Conceição”. Dois destes cursaram todo o primeiro e segundo grau: um foi coroinha quando cursava o primário e o outro fez parte de um grupo, ainda na adolescência denominado de Renovação Carismática vinculada a igreja católica; outro entrevistado cursou o ensino infantil e parte do ensino fundamental; um, que além de ter cursado parte do ensino fundamental no mesmo colégio em que os demais citados, concluiu o ensino fundamental e cursou parte do ensino médio em duas escolas também ligadas a rede católica (Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus e Colégio Salesiano, ambos coordenados por padres); outra que cursou parte do ensino fundamental e médio e também estudou em outro colégio católico até a 4ª série (Cristo Rei); uma entrevistada que cursou parte do ensino fundamental no Oratório Festivo “São João Bosco” (Oratório de Bebê), centro educacional coordenado por freiras. E por fim, tem-se ainda uma entrevistada que estudou na fase do ensino médio, também em uma instituição escolar da rede católica, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, colégio coordenados pelas Irmãs Sacramentina. Neste caso, o contato com as irmãs da escola e o fato de ter sido uma ex-aluna, foi decisivo para gerar um capital social que a possibilitou ser contratada como professora no grupo²².

A partir do quadro 2, é possível notar também que a questão de gênero aparece na pesquisa como um dado que não pode ser rejeitado, visto que, diante do conjunto de entrevistados, a mulher totalizou 83,33% da amostragem, ou seja, dos dezoito entrevistados, quinze são mulheres. Isto ocorre porque nas instituições ao qual a pesquisa esteve direcionada, o trabalho voluntário é desenvolvido com mais frequência por mulheres.

Se retomarmos alguns dados verificados no capítulo I, veremos que a mulher desempenhou um papel importante no que se refere à participação política, uma vez que muitas destas estavam ligadas a obras sociais como foi o caso das “damas caridosas” na década de 40, das “legionárias” na causa do câncer feminino em Sergipe, na década de 60 e do grupo pioneiro na causa do câncer infanto-juvenil em Sergipe, na década de 80. Verifica-se que, inicialmente, mulheres pertencentes as “elites” e a “classe média” ativam-se no espaço público e contemporaneamente, mulheres pertencentes às diversas origens e classes sociais tomam responsabilidades em ações cuja finalidade é atender as camadas sociais excluídas.

²² Cabe mencionar que, antes da entrevistada tornar-se professora do Colégio Nossa Sra. de Lourdes, a mesma relata que já era professora concursada do Estado de Sergipe.

Durante muito tempo as representações sociais construídas sobre o papel da mulher encontrou-se ancorados no entendimento de que a educação feminina deveria estar voltada para o papel específico de “mãe feliz, esposa culta, envolvida em obras de caridade e atividades voluntárias” (SAINT MARTIN, 1999: 107), deixando de fazer parte de espaços dominados pelo mundo masculino. Conforme assinala Siméant (2003: 123), as definições que foram construídas em torno do papel legítimo da mulher na sociedade demonstram as fronteiras simbólicas e concretas existentes entre homens e mulheres, sendo que, “os domínios de ação que são atribuídos à mulher, como a maternidade, podem ser percebidos como uma forma muito mais de dominação do que a sua exclusão da esfera de poder”.

Desse modo, a identificação da mulher com o social está muitas vezes atrelada aos vários papéis que foi definido pela sociedade, o que incide diretamente na idéia da mulher como mãe, esposa, dona de casa e responsável por cuidar dos mais carentes.

3.2 Socialização religiosa e a questão altruísta

Assim como a socialização familiar e escolar aparece nas trajetórias dos entrevistados, a religião surge como outro aspecto que influencia no interesse dos entrevistados pela participação na causa do câncer. Desta forma, tem-se o aspecto religioso como elemento fundamental e formador de uma predisposição de ser “útil ao outro”. Considerado como um espaço de socialização, a religião, de certa forma, aparece como uma esfera que influi na conduta e na escolha de grande parte dos entrevistados para participação em causas de caráter social. No entanto, não significa que as pessoas socializadas em meios religiosos vão manifestar essa “vontade de ser útil” ou se direcionar para algum tipo de mobilização coletiva de forma mecânica. Parte-se do pressuposto de que a forma como estes indivíduos foram socializados pode conduzir, em algum momento, a comportamentos, escolhas, decisões que são tidas para estes, como significativa ou gratificante. Neste sentido, a ação dos agentes dependerá da situação em questão e do sentido que essa prática terá para os envolvidos.

Nos casos investigados, pode-se observar a interferência da socialização familiar na orientação religiosa dos filhos. A religiosidade dos pais influencia na orientação religiosa dos filhos, sendo que na maioria dos casos a figura materna é responsável por definir as preferências dos entrevistados por um tipo de religião específica. Mesmo nos casos em que, tanto o pai como a mãe participam assiduamente da missa – no caso da Igreja católica, e das reuniões – no caso do centro espírita, ou nos casos em que os pais não têm uma religião definida, a figura materna exerce um poder de integrar os filhos nos grupos religiosos aos

quais frequentam. O fato de ir à missa ou as reuniões por intermédio dos pais é, em geral, comentado pelos entrevistados. Desta forma, percebe-se que a orientação religiosa doméstica contribui para a incorporação de uma série de valores que auxiliam os agentes em sua maneira de ser, pensar e agir no mundo. Conforme indicado por Seidl (2009: 04) a relação entre orientação doméstica e orientação religiosa leva “a incorporação de valores direcionados a ‘cooperação’, ‘ajuda’, ‘caridade’, ‘devoção’ e ‘compromisso pessoal’ contribuindo, assim, para a elaboração de projetos individuais que implicam a algum tipo de engajamento”.

Quadro 3 – Religiosidade familiar

Entrevistado	Religião dos Pais	Religião do entrevistado	Nível de envolvimento
E01	Pai – católico (frequentou também do grupo espírita) /Mãe - católica	Católico	Fraco
E02	Pai – agnóstico/ Mãe - espírita	Espírita	Fraco
E03	Pai – católico /Mãe - católica	Católico	Fraco
E04	Pai – agnóstico/ Mãe - Católica	Espírita	Moderado
E05	Pai – católico/ Mãe – Católica (depois de um tempo optou pela doutrina espírita)	Espírita	Intenso
E06	Pai- Católico/ Mãe - Católica	Católica	Moderado
E07	Pai – Católico/ Mãe Católica	Espírita	Moderado
E08	Pai – Católico/ Mãe - Católica	Católica	Intenso
E09	Pai- agnóstico/ Mãe - Católica (após ter se salvo de um incêndio, optou pela doutrina Espírita).	Espírita	Fraco
E10	Pai – Católico/ Mãe – Católica	Católica	Moderado
E11	Pai – Evangélico/ Mãe -agnóstica	Católica	Moderado
E12	Pai – agnóstico/ Mãe – católica	Católica	Intenso
E13	Pai – Evangélico (mas já foi católico)/ Mãe – católica	Católica	Moderado
E14	Pai – Agnóstico/ Mãe – Agnóstico	Espírita	Moderado
E15	Pai – Católico/ Mãe Católica	Católica	Intenso
E16	Pai – Protestante (mas já foi católico)/ Mãe – Católica	Católica	Intenso
E17	Pai – Católico/ Mãe – Católica	Espírita	Intenso
E18	Pai- agnóstico/ Mãe – Católica	Católica e Espírita	Moderado

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2009.

Conforme apresenta o quadro 3, percebe-se que na maioria dos casos, a referência religiosa dos pais influencia no aspecto religioso dos filhos, sendo perceptível a presença de famílias provenientes de grupos católicos e espíritas. Dos dezoito entrevistados que praticam ou se identificam com algum tipo de religião, têm-se dez indivíduos adeptos ao catolicismo e

sete ao espiritismo, chamando atenção para o caso de uma entrevistada que se considera pertencente às duas religiões (católica e espírita). Do total dos entrevistados, doze seguiram a religião dos pais – mesmo nos casos em que seus genitores mudaram de religião – e quatro filhos de pais católicos mudaram de religiosidade quando alcançaram a fase adulta optando pelo espiritismo. Tem-se ainda, dois casos de filhos de pais agnósticos (em um destes o pai tornou-se evangélico) que definiram sua própria orientação religiosa, um optando pelo catolicismo e outro pelo espiritismo. Diante das trajetórias sociais, observou-se também que grande parte dos entrevistados mantém algum tipo de envolvimento com meios religiosos, mesmo frequentando de vez em quando ou participando de maneira intensa em alguma atividade oferecida por estes ambientes.

Além disso, verificou-se que as práticas desenvolvidas por meio de instituições religiosas, sejam através de missas, reuniões, grupo de jovens, grupo de casais, atividades beneficentes, dentre outros, são fundamentais para a valorização da prática coletiva e para o aprendizado do que é viver em sociedade. No entanto, cabe ressaltar que não se pretende tomar a socialização religiosa como único sistema de crenças, valores ou fé que influenciam nas escolhas morais e intelectuais dos agentes (SIMÉANT, 2009). Neste caso, leva-se em conta que a passagem por ambientes religiosos também contribui para desenvolver aprendizados da vida em grupo, para a formação de gostos e disposições favoráveis ao engajamento associativo.

3.2.1 Socialização católica e vocação humanitária

No chamado ‘mundo das ações sociais’, nos seus mais variados espaços, encontram-se pessoas que falam de uma concepção altruística de servir ao próximo, como um dos motivos de seu engajamento. Para eles, fazer caridade ou ajudar ao outro, sempre foi um dos ensinamentos aprendidos no ambiente familiar e principalmente se este meio é fortemente regido por preceitos religiosos. Aliás, caridade cristã e ação social são práticas que ao longo da história do Brasil estiveram ligados às tradições religiosas, sobretudo a Igreja católica²³ que permaneceu como religião dominante durante mais de três séculos. Todavia, mesmo com o crescimento de outras religiões no Brasil, como evangélicos, espíritas, religião afro, etc., os valores transmitidos pelo catolicismo são encontrados no itinerário dos entrevistados de

²³ Sobre esse aspecto ver LANDIM, 1993 e NOVAES, 1998.

maneira marcante, ainda que estes tenham optado em mudar de religião na fase da adolescência ou na vida adulta.

No que diz respeito à educação religiosa católica, Siméant (2009: 102) destaca que “certos tipos de socialização católica valorizam e favorecem comportamentos qualificados de altruístas”, fato este que evidencia a articulação entre “socialização religiosa e vocação humanitária”. Diante deste aspecto, observa-se que, em meio às características sociais encontradas entre os entrevistados, a socialização religiosa é um elemento que aparece com muita frequência na trajetória dos militantes engajados no movimento do combate ao câncer infanto-juvenil.

Desta forma, quando se perguntou se os entrevistados participam ou participaram de algum tipo de grupo no decorrer de suas vidas, tem-se nas respostas de grande parte dos entrevistados, alguma passagem por grupos religiosos, sobretudo, católicos. Observa-se ainda diante dos entrevistados pertencentes à religião espírita que estes, em algum momento de suas vidas, tiveram contato com algum tipo de prática do catolicismo, sejam estas realizadas a partir da participação em missas ou nas aulas de religião em colégios católicos.

Quadro 4 – Grupos e atividades do catolicismo

Grupos		Atividades	Entrevistados	Religião Atual
Pastoral	Pastoral da Família	Ação comunitária e espiritual; Canto, coleta e acolhida nas missas; Estudos bíblicos; evangelização das famílias e comunidades.	M.R. (mulher, 66anos)	Católica
			M.C. (mulher, 40 anos)	Católica
Encontro de Casais		Evangelização e promoção humana, social e espiritual das famílias.	M. A. (mulher, 52 anos)	Espírita
			J. C. (mulher, 66anos)	Católica
Grupo de Jovens	Jovens Universitários Católicos (JUC)	Evangelização no meio universitário; envolvimento com movimentos estudantis e atuação em questões sociais e políticas.		
	Renovação Carismática Católica	Evangelização; orações; retiros espirituais; campanhas de solidariedade.	A. L (homem, 36 anos)	Católica
			A.P. (mulher, 40 anos)	Católica
			G. S, (mulher, 22anos)	Católica
Coroinha		Participação nas missas; ensinamentos bíblicos.	F.G. (Homem, 27 anos)	Católico
Apostolado		Participação nas missas; Oficina; dança; coral.	M. O (Mulher, 61 anos)	Católica
Coral		Orações; leituras bíblicas e cantos.	F. M. (mulher, 45 anos)	Espírita
			Y. R. (mulher, 39 anos)	Católica
			N. M (mulher, 58 anos)	Católica
			W. M. (Homem, 60 anos)	Espírita
			R. W. (mulher, 81 anos)	Espírita

Missas, procissões.		E. M (mulher, 42 anos)	Católica e Espírita
Não pertenceram a nenhum grupo católico	Aulas de religião em escolas católicas	J.M (mulher, 58 anos)	Espírita
		U. R. (mulher, 30 anos)	Espírita
		J. L. (mulher, 67 anos)	Espírita

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2009.

Neste caso, dos 18 entrevistados engajados na causa do câncer, dez dos que se consideraram católicos têm ou tiveram algum envolvimento com grupos ou atividades ligado a sua religião: três tiveram passagem pela renovação carismática; dois na pastoral familiar sendo que uma destas ainda participa do grupo; dois do grupo de casais, sendo que uma teve passagem pela JUC; uma faz parte do coral; um foi coroinha; uma que faz parte do apostolado dos idosos; e uma que sempre frequentou missas e procissões. Todavia, dos sete que se consideram espíritas, cinco já havia pertencido à religião católica anteriormente, mas mudaram de religião devido ao contato com outras doutrinas. Assim, antes de romperem com o catolicismo, verifica-se uma fez parte de grupo de casais; quatro não pertenceram a nenhum grupo, mas descrevem que iam muito a missa e procissões; três não fizeram parte de nenhum grupo católico, sendo que duas destas tiveram contato com o ensino religioso em colégio católicos. Por fim, complementando o conjunto, uma entrevistada coloca que não rompeu definitivamente com o catolicismo e por isso frequenta as duas religiões, pois segundo a mesma, nada a impede de participar dos dois espaços.

A participação ou o contato com alguma atividade ou grupo católico proporciona aos entrevistados adquirir aprendizados sobre o que é a vida comunitária, o agir coletivamente, permitindo cada participante compreender e valorizar o outro, seja ele conhecido ou desconhecido. Assim, seja essa participação realizada em alguma pastoral, grupo de jovens, encontros ou outras atividades dentro do meio católico, estes ambientes permitem aos indivíduos internalizarem diferentes experiências e reforçarem a vontade de pertencimento a algum grupo. Além disso, o desenvolvimento de certas práticas proporciona o reconhecimento do sentido que envolve o ‘nós’ ou o ‘eu’ direcionado ao ‘outro’, uma vez que permite o relacionamento com outras pessoas. Nesse caso, estes indivíduos são religiosamente motivados para a ‘prática da ajuda espiritual ou material’, seja esta dentro do grupo familiar, religioso, da vizinhança, a partir dos problemas ou necessidades que observam.

Um exemplo da formação de gostos e disposições em ajudar ao próximo encontra-se no relato de dois voluntários criados sob orientação católica. Assim, quando se perguntou se

em algum momento de suas vidas participaram em algum tipo de grupo ou mobilização coletiva, estes respondem da seguinte forma:

Caso 1:

O único grupo que participei, que é normal de um adolescente, foi o grupo da eucaristia [...] Ah! também fui coroinha uma duas vezes, mas depois não quis mais porque levei uma bronca por ter esquecido de bater o sino [...] e no grupo da eucaristia, eu fazia parte da comissão para levantar fundos para organizar a eucaristia [...] nessa época eu andava muito na igreja [...] tinha meu grupinho da escola e agente se reunia para ir para igreja juntos [...] lembro que fizemos até uma visita a fazenda Esperança (local que cuida de jovens envolvidos com entorpecentes) [...] Fora o grupo da igreja, depois só vim participar aqui no GACC quando tinha 17 anos. **E a escola que você estudou era católica?** Sim! Coordenadas por freiras, as irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição [...] lá tínhamos o ensino religioso, tínhamos que participar das missas, tínhamos que participar dos eventos que o colégio oferecia, até porque as freiras eram muito rigorosas [...] (F.G. 28 anos, voluntário do GACC).

Caso 2:

Na minha infância quando comecei a estudar, minha mãe me colocou em um colégio de freiras, né! [...] então eu tive uma formação basicamente franciscana [...] estudei no colégio Patrocínio São José e só saí de lá quando terminei o segundo grau [...] me interessei em participar em um grupo de jovens quando ainda estava na escola, que dava aulas de religião [...] e aí você vai se envolvendo com uma turminha de amigos e os colegas que vai indo para os encontros, e você acaba indo também [...] foi o meu caso [...] na verdade, o grupo de jovens não fazia parte da escola, mas tinha gente da minha turma que frequentava, aí surgiu um convite de um amigo meu que já frequentava o grupo e aí ele me convidou dizendo que era legal, que tinha muita gente nova para gente conhecer e tal [...] que tinha algumas atividades interessantes, e aí eu fui e comecei a me envolver e passei mais ou menos uns seis anos frequentando a Renovação Carismática [...] eu só frequentava mesmo, era só participante! [...] ia para as reuniões [...] teve uma época até que passei ajudando na equipe de recepção aonde as pessoas chegavam e agente entregava folhetos com mensagens [...] mas aí, a questão do trabalho, estudo e tal, vai tirando o seu tempo [...] se é que agente fica sem tempo né! [...] dizem que quando agente quer, agente vai né! [...] e foi aí que eu acabei deixando de ir [...] (A. L. 36 anos, voluntário do GACC).

Porém, isto não significa que este aprendizado irá direcioná-lo somente para causas humanitárias, ou que irá ocorrer da mesma forma para cada um, ou ainda que isso não tenha sentido para aqueles que não tiveram contatos com algum grupo religioso católico ou romperam com o catolicismo. Todavia, a passagem por este universo permite apreender um conjunto de práticas que podem ser utilizados em outros espaços que, para os agentes, podem ser considerados como gratificantes. Como coloca Siméant (2009: 109), “pouco importa a organização ao qual participam ou querem participar, se tem ou não uma referência confessional, já que, o que importa é o conteúdo da ação que conta mais do que o rótulo”.

3.2.2 Socialização espírita e ação filantrópica

Diante das narrativas de experiências no espaço de socialização religiosa, um ponto a ser destacado diz respeito à inserção dos entrevistados em espaços considerados ideologicamente próximos, que valorizam o comportamento qualificado de “altruísta” e que incentivam seus adeptos ao envolvimento em causas sociais. Assim, observa-se nas trajetórias dos entrevistados que o aprendizado e as experiências em espaços religiosos permitiram internalizar valores e práticas que permitem direcionar os agentes para algum tipo de engajamento culturalmente próximo. Nesse sentido, percebem-se indivíduos que estão ou estiveram inseridos em grupos católicos e espíritas, que tem como característica comum, a valorização do trabalho voluntário e da caridade – doar seu tempo, sem esperar remuneração, como meio de fortalecer o lado espiritual.

Um dos aspectos que deve ser levado em consideração nessa relação, é que tanto o espiritismo como o catolicismo tem como característica comum, a valorização de uma conduta direcionada para o bem estar do outro, no qual a partir do momento em que o indivíduo torna-se solidário, caridoso, colabora para o fortalecimento da sua relação individual com Deus e para sua salvação. Assim, além do comportamento altruísta ser uma forma de colocar em prática aquilo que foi incorporado em seu trajeto de vida, o investimento em causas sociais ou humanitárias muitas vezes se traduz em uma questão de “retribuição ao divino”, de “lucro simbólico” ou até mesmo pela “realização de si” (SIMÉANT, 2009). Isso pode ser demonstrado a partir do relato de duas entrevistadas que comentam serem seguidoras dos ensinamentos de sua religião. Tal depoimento deixa transparecer que o seu engajamento na causa do câncer é uma forma de agradecer a Deus por tudo que conseguiram em suas vidas:

A participação de minha mãe foi muito importante para que eu me interessasse pela doutrina espírita [...] além das reuniões também eram feitas as partes filantrópicas [...] eram feiras, remédios, algumas coisas assim [...] e eu aprendi isso [...] e hoje eu vejo que Deus me dedicou essa tarefa de estar ajudando essas pessoas e eu abracei com amor e com vontade [...] eu acho que nós temos de tudo e temos que agradecer de alguma forma o tanto que Deus nos dá. (R. W. mulher, 81 anos, voluntária da AVOSOS).

Acho que Deus me deu tanto, mais tanto, que eu tenho que retribuir um pouco de tudo que recebi na minha vida [...] e aqui eu tento dar o melhor de mim para ajudar essas pessoas. (J.C. mulher, 67 anos, voluntária da AVOSOS).

Desta forma, fazer algo de bom para alguém é apresentado pelos entrevistados como uma forma de “se tornar mais humano”, de “dar sentido a sua vida”, de “poder salvar vidas”, de “ser reconhecido por ter feito algo” e de “estar bem perante Deus”.

Alguns estudos têm demonstrado o surgimento de novas formas de ajuda mútua fora de ambientes confessionais que atuam como “formas contemporânea de salvação” (WEBER, 2003; SIMÉANT, 2009). Neste sentido, as formas dos agentes encararem o mundo são realizadas a partir do investimento intenso em espaços ou organizações que desenvolvam atividades voltadas para o bem estar do outro. Conforme assinala Siméant (2009: 102), “a atualização de disposições religiosas nos humanitários esclarece o fato das ONGs humanitárias constituírem hoje em empresas de bens de salvação”. Neste caso, diante dos agentes investigados, observou-se que os espaços aos quais atuam, propiciam aos entrevistados a possibilidade de colocar em prática suas experiências socializadoras, já que, grande parte deste, esclarece que sua participação na causa é uma forma de realizar o “desejo de ajudar ao outro” de maneira mais direta.

Em relação ao espiritismo, as atividades direcionadas para obras sociais têm um lugar privilegiado dentro de seus ensinamentos, uma vez que, a caridade é apresentada como um tipo de princípio e valor. Na verdade, de acordo com Giumbelli (1998), a caridade é considerada parte e consequência da adesão a doutrina espírita, e essa relação é destacada por Alan Kardec quando diz que “fora da caridade, não há salvação” (KARDEC *apud* GIUMBELLI, 1998: 134). O relato abaixo, revelado por uma entrevistada que se considera espírita, ilustra tal visão:

Eu acho que o trabalho que executo aqui no grupo, já é um trabalho espiritual, porque minhas energias estão todas direcionadas aqui [...]. Quando assumi o grupo, parece que fui direcionada por uma força oculta, né e que o tempo foi amadurecendo e que só tenho olhos mesmo pra aqui [...]. No início eu não gostei de trabalhar com pessoas que têm esse tipo de doença [...] mas aí, agente vai tomando uma consciência religiosa mesmo, de religiosidade e quando você ler bastante dentro, eu não digo ler a doutrina espírita, mas ler o evangelho de Cristo, a própria bíblia, você ver que as palavras sem as ações, não valem de nada, entendeu! (J.M, mulher, 58 anos, AVOSOS).

Dentre alguns aspectos que caracteriza as instituições espíritas, Doimo (2004: 148) salienta que, “o espiritismo tem uma longa tradição associativa em casas de caridade, de trabalho voluntário e de estímulo aos cuidados da saúde, hábito de leitura e a formação profissional”. A pluralidade de práticas oferecidas pelo grupo espírita é salientada por boa parte dos entrevistados adeptos a esta religião, uma vez que, os mesmos colocam que em

decorrência do envolvimento em atividades do grupo, puderam ter a oportunidade de praticar o trabalho voluntário, por exemplo.

Portanto, do total de entrevistados, sete se consideram espíritas e atestam que o envolvimento religioso foi fundamental na hora de aderirem à causa do câncer: três disseram que o envolvimento no centro espírita permitiu ter um maior contato com ações de caridade, através da atuação como voluntárias em “grupos de ajuda” e realização de visitas aos mais necessitados; três entrevistados relatam que o ensinamento da doutrina espírita foi de fundamental importância para dar continuidade, no envolvimento na causa; e um entrevistado relata que a religião criou em si uma conscientização do que é ajudar o outro.

3.3 Redes sociais e engajamento individual

Assim como os diferentes tipos de socialização aparecem como formador de disposições nas trajetórias dos entrevistados, pode-se acrescentar que o papel das redes sociais constitui como outro aspecto fundamental, principalmente no que diz respeito ao critério de escolha dos entrevistados para o engajamento na causa do câncer. Na verdade, o aspecto das redes sociais tem sido destacado em alguns trabalhos referentes à análise sobre o engajamento individual (PASSY, 1998; OLIVEIRA, 2008) como um fator que influencia e conduz os indivíduos a decidirem sobre o tipo de movimento no qual vê sentido à sua participação.

Diante dos agentes investigados, percebe-se que, é por meio das interações em redes que os entrevistados são direcionados para a participação nos grupos GACC e AVOSOS. Portanto, a grande maioria dos entrevistados iniciou a sua participação nas associações que militam na causa do câncer por intermédio das interações estabelecidas em redes sociais. Desta forma, os diversos tipos de redes de relações que estes agentes estabelecem nas diferentes esferas sociais, contribuem, não só para a formação de disposições, mas também para colocar em prática a vontade de participar em algum tipo de movimento coletivo. Conforme aponta Mische (1997: 139) “as diferentes redes representam um repertório mais ou menos delimitado de reconhecimento coletivo, que dão sentido e direção aos laços sociais”.

Nesse sentido, pode-se dizer que as redes têm a função de aproximar os agentes com estruturas ideológicas próximas, além de definirem e redefinirem as escolhas ou interesse por certo tipo de mobilização, sendo que, segundo Passy (1998: 65), “sem essa inserção, é pouco provável que o indivíduo adquira um nível suficiente de socialização ao jogo político e de identificação ao movimento social”.

3.3.1 Redes informais e formais

Levando em conta que cada rede é um veículo de informação e somente a vontade de agir dos agentes não é suficiente para inserção em um movimento coletivo, diferentes tipos de redes – família, escola, religião, política, trabalho, lazer – também implica na formação de experiências e orientações coletivas responsáveis pela ação e posicionamento de cada um no mundo social. No entanto, manifestar essa vontade de participar, muitas vezes é resultante dos vínculos sociais no quais estes indivíduos estabelecem, tais como, o envolvimento de parentes, amigos, conhecidos em algum tipo de prática coletiva ou por outras formas de conhecimento sobre uma mobilização específica.

Com base nas entrevistas, é possível notar a influência das redes sociais no processo de construção das identidades dos indivíduos engajados no GACC e na AVOSOS. No que concerne a oportunidade da mobilização para a causa do câncer, as “redes informais e formais” (PASSY, 1998), e as redes religiosas, aparecem como uma espécie de mediação entre esses valores que são internalizados e a conversão do “potencial de mobilização” do agente. Além disso, verifica-se a presença de entrevistados que foram direcionados para o engajamento na causa do câncer, por meio do contato com familiares que apresentavam a doença.

A partir das trajetórias de vidas dos entrevistados, observa-se que as redes informais e formais constituem uma das principais vias de acesso para o engajamento nos grupos GACC e AVOSOS. Do conjunto de entrevistados, têm-se doze que foram direcionados para participação na causa do câncer por meio de redes, sendo neste caso, oito através das redes informais e quatro por redes formais. Por um lado, percebe-se que a oportunidade de mobilização para a causa do câncer ocorre através dos diferentes vínculos sociais estabelecidos com pessoas que já atuam na causa ou conhecem tais grupos.

Nesse caso, dos oito entrevistados que foram influenciados por redes informais, têm-se quatro (duas mulheres e dois homens) cuja participação na causa do câncer foi motivada por intermédio da mãe, cônjuge, irmão e irmã. Para três entrevistados (mulheres), a interferência de amigos, vizinhos e conhecidos já engajados em tais grupos, foi decisivo para participarem da causa. E por fim, uma entrevistada que escolheu tal mobilização por meio de sua irmã que não integra nenhum dos grupos, mas que tinha um conhecimento sobre o trabalho de uma das associações, devido à relação de amizade com uma das voluntárias fundadoras. Assim, o conhecimento prévio sobre esse tipo de mobilização se realiza por meio de pessoas que fazem parte de seu círculo social, uma vez que, este tipo de relação aumenta as chances e

possibilidade para inserção em algum tipo de engajamento. Conforme indica Passy (1998: 66) “os indivíduos estando em contato com uma pessoa já mobilizada, tem uma forte predisposição a participar da ação coletiva”.

Por outro lado, têm-se quatro entrevistados (três mulheres e um homem) que foram influenciados por redes formais, uma vez que, a oportunidade de mobilização foi realizada por intermédio de diferentes meios de comunicação como rádio, internet, faixas e panfletos que teria a função de divulgar o trabalho executado pelos grupos e incentivar a adesão de novos militantes. Tais meios de divulgação contribuíram para definirem as preferências dos entrevistados a participarem do movimento, já que, este tipo de rede, segundo Passy (1998: 66) “aumenta as chances de o indivíduo descobrir as atividades dos movimentos sociais que são culturalmente próximos”. Esse tipo de recurso contribui para aproximar os indivíduos a um determinado movimento coletivo, como também serve para definir as preferências dos agentes por um grupo, ao qual obteve simpatia política. Além disso, verifica-se também que os dois tipos de redes, são recursos utilizados, tanto pelo GACC como pela AVOSOS, como um meio de articular outras pessoas a se inserir na causa do câncer.

Porém, percebe-se também indivíduos que foram direcionados para participarem em tal causa, após presenciarem em suas famílias, parentes que tiveram a doença. Assim, verificam-se três casos, no qual a decisão de participarem na causa ocorreu, após o falecimento de algum parente próximo – como pai, sogro e cônjuge que apresentavam a doença – fato que levou tais entrevistados a decidirem fazer algo em prol de outros com o mesmo tipo de mazela. Um fato que deve ser levado em consideração, é que em todos os três casos, o conhecimento sobre a causa e as atividades do grupo, aos quais se engajaram (AVOSOS) posteriormente, foi realizado durante o tratamento dos pacientes, que neste caso, não se tratavam de crianças ou adolescentes e sim de adultos. No entanto, observa-se nas entrevistas que os três casos tiveram passagem pelo Centro de tratamento administrado por um dos grupos investigados, o que colaborou para terem uma maior aproximação com alguns militantes na causa do câncer.

3.3.2 As redes religiosas

A interferência das redes é perceptível na trajetória dos entrevistados. A pluralidade de redes incentiva o interesse dos agentes em converter a sua vontade de participar em ato, principalmente pelo fato de se ter um conhecimento prévio sobre o tipo específico de movimento. Desta forma, sabe-se que a interação estabelecida no interior de um grupo espírita

contribuiu para que três entrevistados (mulheres) se engajassem nos grupos mobilizados na causa do câncer. Diante dos relatos das entrevistadas, pode-se perceber que no grupo religioso aos quais estão inseridas, desenvolvem a prática do trabalho voluntário através de grupos de ajuda aos mais necessitados e em outros casos fazem visitas hospitalares aos doentes. Neste caso, a dedicação em atividades voluntárias, religiosas e caridosas contribuiu para expandir os vínculos sociais, uma vez que, a interação com outras pessoas possibilitou o contato com a mobilização da causa do câncer. Pode-se citar como trajeto típico de tal engajamento, o relato da seguinte entrevistada:

Eu conheci tia Ruth, porque nós tínhamos em comum um trabalho voluntário no centro espírita Bezerra de Menezes e no centro espírita Caminho da Redenção [...] dia de segunda agente costurava, fazia enxoval de recém nascido e foi aí que conheci tia Ruth nesses trabalhos [...] foi aí que ela começou a fazer visitas nos hospitais, porque ela já participava de um grupo com mais três pessoas, uma vizinha e uma amiga dela que já visitavam o hospital Cirurgia [...] eu fazia trabalho voluntário dentro do centro espírita né, participava do grupo de estudos, grupo de pais [...] na época eu já fazia várias atividades e quando falava em visitar os hospitais, eu fazia restrições [...] e aí tia Ruth um dia disse: Jeane vamos? [...] eu sempre ia para o centro na segunda e na terça-feira e na quarta era o dia de levar lanches no hospital [...] e um dia eu resolvi conhecer como era. [...] e não gostei! Não gostei porque não estava preparada sabe! [...] Você se revolta diante do que ver ali, diante do serviço miserável que o governo oferece. [...] no início, quando começamos a nos reunir na casa de tia Ruth, muitas vezes eu não queria ir [...] e aí eu dizia: poxa, o lanche é ótimo porque é um dia só, mas e o outro dia? E foi aí que aos poucos eu despertei! (J.M, mulher, 59 anos, AVOSOS).

As interações estabelecidas em ambientes religiosos é uma forma de estimular ou até mesmo “despertar” o indivíduo para a participação, fato este que permite criar disposições para o engajamento em causas sociais. Isso não quer dizer que estes indivíduos somente estariam direcionados para tipos de causa afins. O interesse por outro tipo de mobilização é possível, a depender de como estes indivíduos foram socializados. Nesse caso, verifica-se que a religião é um fator que interfere na escolhas dos entrevistados para o engajamento em causas humanitárias.

Dentre as três entrevistadas, verificou-se que uma comprometeu-se com atividades coletivas no centro espírita quando tinha 50 anos e segundo ela, fazia de tudo um pouco no grupo: costura, bazares, visitas e ajuda aos necessitados. Somente nos hospitais é que teve um maior contato com pessoas que tinham câncer; a segunda entrevistada inseriu na mobilização da causa do câncer a partir do conhecimento prévio que tinha com a entrevistada citada anteriormente. Esse contato se iniciou dentro do mesmo grupo espírita que frequentavam e a partir daí foi convidada para se engajar no movimento. Já a ultima entrevistada, foi

direcionada para se engajar na causa a partir de contatos com pessoas do centro espírita ao qual frequentava. Seu conhecimento sobre o que era a mobilização da causa do câncer, se realizou por intermédio de alguns amigos que já estavam integrados em grupos que atuavam em tal causa. Deste modo, percebe-se que as escolhas e preferências dos dois últimos entrevistados foram definidas a partir do convite de amigos. Nesse caso, o meio religioso e a rede informais estão presentes no momento de decidirem o tipo de mobilização ao qual irá se engajar, e desta forma, pode-se dizer que são elementos essenciais na passagem de um engajamento passivo para o engajamento ativo desses indivíduos em um movimento coletivo.

Além disso, pode-se verificar também que a entrada e o forte envolvimento em grupos religiosos coincidem com a adesão nos grupos aos quais militam, já que, identificou-se que esta adesão ocorre em um curto período de tempo entre vida religiosa e engajamento militante. Isso é evidente em cinco casos, sendo que quatro destes pertencem ao espiritismo e um ao catolicismo. Em relação aos que se identificam como espíritas, tem-se que a adesão a tal religião, ocorre a partir dos 30 anos de idade e estes com menos de um ano integrados no espiritismo, engajam-se em projetos sociais e em seguida na mobilização do câncer. Em um destes três casos, a adesão no grupo religioso e na causa foi influenciada por um dos cônjuges. Porém, tem-se o caso de uma entrevistada no qual o forte envolvimento no espiritismo e a adesão a causa do câncer ocorreu após os 50 anos de idade. E por fim, o caso da entrevistada, que tornou possível o forte envolvimento religioso e vida militante quando completou 60 anos de idade. Desta forma, há uma relação entre religião, caridade e disposição para o engajamento, no qual valores religiosos contribuem para uma identificação dos agentes em se mobilizarem em causas como a do câncer. Aliado a isso, verificou-se que a presença das redes informais, ou seja, pelo convite de pessoas conhecidas no grupo religioso contribui para direcionar os agentes à participação em tal causa.

Para demonstrar como as redes religiosas e informais contribuíram para o ingresso na causa do câncer, pode-se citar a trajetória da Presidente de Honra da Associação dos Voluntários a Serviço da Oncologia (AVOSOS). Sua trajetória apresenta uma articulação entre socialização familiar, religiosa e a presença de redes sociais como definidoras de sua escolha por tal causa. Em seu trajeto de vida, não teve nenhum envolvimento com ambiente partidários, estudantil ou sindicatos. Seus pais eram oriundos do interior de Sergipe e só cursaram o ensino primário (da 1ª a 4ª série). O pai era funcionário público estadual e trabalhou durante grande parte de sua vida como eletricitista, fazendo manutenção da rede elétrica dos bondes no início do século XX. Sua mãe sempre foi dona de casa. Filha de pai agnóstico e mãe espírita, R. W nasceu e foi criada na cidade de Aracaju no final dos anos 20 e

concluiu o ensino fundamental em escola particular (Colégio Tobias Barreto) e o médio em escola pública (Colégio Atheneu), ambas situadas na capital de Sergipe. Criada num ambiente familiar em que os pais eram muito rígidos, a entrevistada comenta que só frequentava outros locais na companhia destes ou de algum parente. Em relação a sua educação, a mesma demonstra uma forte admiração por seus genitores explicando que grande parte de sua conduta é resultado do aprendizado familiar. Do mesmo modo, toma os pais como exemplo de altruísmo, afirmando que:

O interesse de ajudar aos outros foi herdado dos meus pais, pois faziam caridades junto aos mais necessitados que os procurassem [...].

Quando se questionou sobre o interesse pelo espiritismo, ela relata que a participação de sua mãe foi de grande importância para optar por tal doutrina e que sempre a acompanhava nas reuniões do centro espírita. Única mulher dentre os cinco irmãos, casou-se com 20 anos de idade com um engenheiro agrônomo e foi morar fora do Estado por conta da profissão do marido. Nesse trajeto, moraram quinze anos no Rio Grande do Sul, cinco anos em Recife e tiveram três filhos, um homem e duas mulheres, uma delas com necessidades especiais e sempre desenvolveu a atividade de dona de casa. Depois de vinte anos de casada divorciou-se e foi morar com o filho e a nora na cidade de São Paulo. Um ano depois voltou para Aracaju e começou a trabalhar em casa fazendo doces e salgados para vender e sustentar a família. Nesse período, voltou a frequentar o espiritismo e participou de projetos desenvolvidos pelo Centro Espírita Bezerra de Menezes, desenvolvendo trabalhos voluntários em projetos sociais, fazendo visitas hospitalares, além de atuar em trabalhos internos como costura, doces, grupos de estudos, etc. Ao perguntar se já tinha alguma idéia do que era a participação em algum tipo de movimento coletivo, a entrevistada relata o seguinte:

Não! [...] a única idéia que eu tinha era assim, no centro espírita, porque lá agente se juntava em certos tempos e fazia bazares, vendia na feira da praça Tobias Barreto, costurava, fazia enxoval de recém nascido, doces [...] e o dinheiro era revertido para os pobres [...] então, eu gostava dessas coisas porque eu também já tinha um conhecimento pelos meus pais.

Desta forma, foi a partir do envolvimento em trabalhos voluntários no centro espírita que ela pôde ter contato com pacientes com câncer. Aliado a isto, o fato de residir nas proximidades de um hospital colaborou para que ela pudesse ir mais além em suas ações. Aos 50 anos começou a fazer visitas no Hospital Cirurgia junto com outras pessoas do grupo espírita e, nesse período, interessou-se pelo setor de oncologia, por se tratar, segundo ela, de

um setor que apresentava muita necessidade, por ser ocupado por pessoas carentes que ficavam abandonados sem a presença da família:

Me identifiquei com o setor de oncologia após olhar a necessidade de todas as unidades do hospital [...] geralmente eram pessoas carentes e muito apegadas às raízes que ficavam sozinhas nos leitos sofrendo de solidão [...] e aí comecei a visitá-los para conversar, levando uma palavra de conforto, um pedaço de bolo [...] era uma maneira de chegar mais próximo deles [...] eu já tinha definido que ia ficar no setor de oncologia! [...].

Assim, foi em 1981 que a entrevistada iniciou um trabalho direcionado a atender pessoas carentes e com câncer. Além do aprendizado desenvolvido no grupo religioso, associa-se o fato de presenciar muitos destes pacientes dormindo nas calçadas dos hospitais, decidindo assim, abrigá-los alguns em sua própria casa. A partir daí, tornou-se uma das principais articuladoras no movimento e mobilizou outras pessoas para desenvolver um trabalho mais organizado:

Comecei a convidar minha vizinha e depois ela chamou a irmã e depois uma amiga e assim o grupo foi crescendo [...] eram poucas pessoas, mas eram pessoas leais [...] uma escrevia carta para as famílias, eles diziam o que queriam e elas escreviam [...] outra ia só para cortar o cabelo porque no tempo era o que agente tinha para oferecer [...] conversava com eles e ali distraia para passar o tempo daqueles que estavam angustiados [...] depois o grupo já estava maior e foram chegando outras pessoas [...].

Em decorrência disso, o grupo começou a ser conhecido pelas redondezas devido ao trabalho realizado e a divulgação de seus participantes que buscavam meios de angariar recursos financeiros para dar melhor assistência ao seu público alvo. Em decorrência dos vínculos sociais que articulou e da visibilidade que o grupo tomou, conseguiu formalizar a associação no ano de 1987, tornando-se então uma das principais fundadoras e presidente de honra da AVOSOS. Para ela:

A idéia veio não de ajudar parentes, amigos e sim de ajudar os desconhecidos sem querer retribuições [...] (entrevista)

3.4 Espaços coletivos e pluralidade de engajamentos

Em relação aos diferentes tipos de experiências vivenciados pelos entrevistados, como foi apontado anteriormente, o espaço de socialização religiosa - em meio a espaços como

família, escola, meio profissional, filantropia, etc., é apresentado como elemento central no que diz respeito à aquisição de disposições ao engajamento em atividades humanitárias. No entanto, pode-se dizer ainda que, a passagem de alguns entrevistados em diferentes instâncias sociais, serve para atualizar as disposições adquiridas anteriormente em outras esferas (SEIDL, 2009). Diante dessa relação, observa-se que antes de se engajarem no movimento da causa do câncer, cinco entrevistados tiveram algum tipo de participação em espaços diferenciados como movimento estudantil, sindicato, partidos, ONGs, em contextos variados. Nestes casos, o envolvimento ou a passagem em tais movimentos está associado aos tipos de relações sociais estabelecidas em suas trajetórias de vida, fato este que pode servir como parâmetro para um possível interesse em outros tipos de atividades coletivas.

Quadro 5 – Política, experiências e socializações

	Sexo	Instituição	Grupo familiar e relações com espaços coletivos	Espaços de socializações e experiências	Profissões e/ou ocupações
E01	M	GACC		Coroinha	Supervisor de comunicação e estudante de comunicação social
E02	F	GACC	Pai filiado a Associação dos Engenheiros Agrônomos de Sergipe (membro da diretoria)/ Mãe integrante do Grupo de ajuda da Igreja Espírita e da AMO.	Voluntária de um Grupo de apoio a Adultos e idosos com Câncer	Advogada e consultora do terceiro setor
E03	M	GACC		Grupos de jovens ligada a Igreja Católica. (Renovação Carismática)	Autônomo e estudante de economia.
E04	F	GACC	Marido filiado ao SINDIPETRO	Grupo de estudos da doutrina Espírita	Dona de casa
E05	F	AVOSOS	Pai filiado a categoria dos motoristas	Grupos de ajuda ligada a Igreja Espírita	Dona de Casa
E06	F	AVOSOS		Sindicato dos Professores da rede Estadual	Professora Aposentada
E07	M	AVOSOS		Presidente da associação dos professores da Rede Federal /Diretor do centro de Oncologia do HGJAF /Presidente do UNEACC/ Conselheiro do Instituto Mc Donald	Professor Aposentado
E08	F	AVOSOS	Marido filiado ao Partido DEM, ex-deputado Federal e Estadual e ex-militante estudantil.	JUC (Juventude Universitária Católica)/ Grupo de casais da Igreja Católica / envolvimento na política para acompanhar o marido /administrou uma casa de recuperação	Professora Aposentada

				de Leprosos/ administrou alguns setores públicos. * Relação com partidos político: Não era filiada, mas acompanhava o cônjuge em reuniões do DEM.	
E09	F	AVOSOS		Grupos de ajuda ligada a Igreja Espírita	Dona de casa e Aposentada
E10	F	AVOSOS		Participa e desenvolve atividades na Pastoral dos idosos há quase seis anos.	Dona de casa
E11	F	AVOSOS		Participou da pastoral da família durante dois anos.	Dona de casa
E12	F	GACC	Pai filiado ao Sindicato dos funcionários da Prefeitura de Aracaju.	Participa da pastoral dos idosos há quase dois anos	Técnica em Enfermagem aposentada.
E13	F	GACC	Pai pastor de um grupo evangélico/ Mãe integrante do apostolado da Oração.	Participou da Renovação Carismática durante dois meses.	Estudante de Letras- Português
E14	F	AVOSOS		Grupo de estudos da doutrina Espírita	Professora aposentada
E15	F	AVOSOS		Grupo de jovens da Igreja católica	Empresária no ramo de locação de máquinas
E16	F	GACC		Coral da igreja católica	Desempregada (ex- escriturária)
E17	F	AVOSOS		Grupo de casais da igreja católica.	Professora aposentada
E18	F	AVOSOS	Mãe integrante da carismática (grupo Católico)	Ex- membro do conselho fiscal e Síndica do condomínio em que reside.	Dona de casa

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2010.

A partir do quadro 5, observam-se alguns entrevistados que convivem ou conviveram com familiares que tiveram algum envolvimento em atividades coletivas. No entanto, isso não significa dizer que, em todos os casos, esta relação irá refletir de forma direta em uma vontade “de querer participar” ou “de estar inserido” em algum tipo de engajamento. Em alguns casos, a interferência de pessoas da família mobilizadas em algum tipo de atividade contribui, de certo modo, para uma aproximação em atividade participativa próximas. Isso decorre a partir das trajetórias de três entrevistados: uma advogada, filha de pai filiado a associação dos engenheiros agrônomos e mãe inserida em diferentes formas de projetos sociais e que iniciou sua participação em ONGs, por influência de sua mãe; uma estudante de Letras, filha de pai pastor e mãe integrante do grupo católico que participou durante pouco tempo em um grupo católico; e uma professora aposentada, cujos pais não tiveram envolvimento político, mas teve

passagem em movimentos estudantis, administrou repartições públicas e instituições sociais e está casada com uma pessoa envolvida em ambientes partidários.

Nos demais casos, o interesse em participar ocorre devido às interações estabelecidas em seus contextos sociais, e não por meio da influência de relações familiares. No entanto, presencia-se também o caso de dois entrevistados que estiveram integrados em associações ou sindicatos por conta de suas profissões. Atuando profissionalmente como professores, ambos integram-se em espaços sindicais por meio dos contatos de amizades dentro do seu meio profissional (um na rede de professores estaduais e o outro federal) e por conta de questões políticas interna direcionada para resolução de questões da educação e benefícios dos profissionais.

Em relação ao processo de construção das identidades dos militantes da AVOSOS e do GACC, este ocorre em contextos diferenciados. Dentre os entrevistados da AVOSOS, um aspecto que caracteriza esse processo, é que as formas de aprendizado social se realizavam em círculos ou rede limitada. Por serem pessoas que conviveram em um período em que os centros de vida cultural e política eram densos - sendo um caso a partir dos anos 30, outro nos anos 40 e dos demais a partir dos anos 50, não se tinha muitas alternativas de ambientes sociais. Assim, por terem sido educados em famílias que forneciam uma educação rígida e por ser um período em que os espaços culturais e de sociabilidade eram mínimos, verifica-se nas trajetórias sociais a inserção em espaços sociais como igreja, festas na casa de parente ou de amigos, sempre acompanhado dos pais ou responsável. São pessoas que frequentavam ou ambientes familiares e religiosos na maioria dos casos, espaços sindicais em dois dos casos e por conta da profissão, e militância estudantil e política em um dos casos. Assim, percebe-se que é um grupo que vivenciou um contexto em que os espaços de participação estavam restritos a sindicatos, partidos e universidades. No entanto, estes somente se integraram a causa do câncer em um período em que outros espaços e formas de militância emergem.

Um exemplo de como isto ocorre, pode ser encontrado na trajetória de uma professora aposentada e segunda secretária da Associação dos Voluntários a Serviços da Oncologia de Sergipe – AVOSOS – que ingressou no grupo no ano de 2003 quando tinha 61 anos. Filha de um agropecuário, que não tinha escolaridade e de uma professora com ensino fundamental incompleto, nasceu na década de 40, na cidade de Frei Paulo, interior de Sergipe. Mudou-se para a capital quando tinha mais ou menos oito anos de idade. Segundo ela, os espaços de sociabilidade que costumava frequentar na época, além da escola, eram cinema, aniversário na casa de amigos, igreja, sempre acompanhado dos pais:

Eu tive uma educação muito rígida [...] se ia ao cinema, na igreja, na casa de amigos, era com a mãe [...] praia agente não ia! [...] muita gente ia, mas lá em casa ninguém ia [...] eu ia muito as missas na catedral com minha mãe [...] e depois da missa íamos para a sorveteria Iara e em seguida para casa.

Cursou grande parte de seus estudos em escolas particulares e ingressou na Universidade Federal de Sergipe, no curso de letras inglês, com aproximadamente 20 anos. Sua participação política tem início em grupos e movimentos estudantis, participando de reuniões, viagens, passeatas do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e das atividades desenvolvidas pela Juventude Católica Universitária (JUC). Em meio ao movimento conheceu várias pessoas, inclusive o futuro esposo, um estudante de direito que também era engajado na militância estudantil. Logo depois de formada, a entrevistada passou em um concurso público e foi ministrar aulas em um colégio Estadual. Nesse período, seu marido trabalhava como bancário e na década de 80 engaja-se na militância política pelo Partido da Frente Liberal (PFL). No entanto, mesmo não sendo filiada ao grupo político, a mesma comenta que sempre acompanhava o marido nas reuniões do partido. Porém, os contatos estabelecidos na militância estudantil e no meio partidário renderam-lhe a oportunidade de atuar em postos de direção no governo do Estado na década de 80:

Eu dava aulas no Estado e na época um contemporâneo meu, amigo do tempo de faculdade que também fez parte da JUC, tinha sido eleito vice-governador, me encontrou numa festa e disse: olhe eu to indo para uma secretaria e você vai também, porque eu estou com um projeto lá e preciso de você! [...] e aí foi quando eu fui trabalhar na CEHOP na diretoria administrativa.

Mais tarde, também é convidada a dirigir uma instituição filantrópica que atendia leprosos:

Quando chegou o governo de João Alves, eu fui apontada para ser diretora de uma instituição que cuidava de filhos de mulheres leprosas [...] por muitos anos era sempre a primeira dama do Estado que tomava conta dessa casa [...] mas depois com o tempo outras pessoas foram sendo indicadas.

Nesse período, verifica-se que o seu esposo já executava mandatos no legislativo federal como deputado. Assim, percebe-se que a rede de relações estabelecidas nos diferentes espaços de politização contribuiu para o acúmulo de capital social e aprendizados que foram reconvertidos em outras esferas. Apesar de sempre está participando em alguma atividade política, os motivos que a levaram a escolher a causa do câncer está relacionado com o

período da aposentadoria, a influência de redes informais e da possibilidade de continuar engajada em alguma atividade coletiva:

Me engajei na AVOSOS quando eu tinha 61 anos [...] na época eu estava aposentada e meu esposo já não exercia mais mandato político [...] então, eu queria fazer alguma coisa e foi aí que eu fiquei pesquisando algum lugar para poder participar [...] minha irmã me indicou a AVOSOS porque ela já conhecia a história de tia Ruth [...] e aí comecei a fazer doações e depois fiz o curso para ser voluntária.

Diferente do grupo anterior, os militantes do GACC conviveram em um contexto diferenciado em que existiam múltiplos espaços culturais e de sociabilidade - década de 70 em diante -, ou seja, em um período no qual as redes e os espaços de participação política começaram a se tornarem mais dispersas, restando ao indivíduo fazer suas escolhas. Sendo assim, além do meio familiar, existiam outros espaços de sociabilidade como igreja, shoppings, praia, bairros, clubes, festas, opções de cinema, etc. Dentre os sete entrevistados do GACC, grande parte participou de algum tipo de mobilização coletiva ainda na fase da adolescência, exceto em cinco casos em que a participação ocorreu em grupos religiosos, sendo dois casos em que o engajamento ocorreu próximo dos trinta anos, dois na adolescência e um na fase sexagenária. Dentre os demais, dois tiveram experiências com grupos envolvidos em questões sociais quando ainda eram menores de idade – com 17 anos, iniciou sua atividade participativa em ONGs.

Desta forma, percebe-se que no conjunto de disposições do grupo AVOSOS, a posição social é um fator que direciona para adesão na causa do câncer, pois são indivíduos que trazem na bagagem um acúmulo de experiências resultantes da inserção em diferentes espaços e mundos sociais. Já no caso dos militantes do GACC, as experiências em outros espaços de socialização são importantes, mas o que determina o potencial de mobilização desses indivíduos para a participação na causa são as redes ditas formais e informais.

Assim, pode-se citar como trajeto típico desta modalidade o caso da estudante de letras, ex-voluntária e estagiária do Grupo de Apoio a Criança com Câncer – GACC. A estudante engajou no grupo no ano de 2009 quando tinha 21 anos. Filha de um funcionário público aposentado com ensino fundamental completo e de uma dona de casa com fundamental incompleto, a mesma nasceu na cidade de Aracaju no final da década de 80 e cursou grande parte de seus estudos em escolas particulares. Após a separação dos pais, passa a morar com a mãe e os irmãos. Católica praticante, lembra que sua mãe tem um forte envolvimento religioso e participação no apostolado da oração. Antes mesmo de ingressar na

causa do câncer, teve passagem por um grupo católico chamado Renovação Carismática durante pouco tempo:

Eu iniciei no grupo carismático da igreja, eu ia sempre à missa e minha família também [...] mas minha passagem por lá não foi uma coisa intensa, porque duraram uns dois meses [...] eu tava estudando para o vestibular e não dava.

Ingressa na Universidade Federal de Sergipe no ano de 2007 no curso de letras português. No entanto, o conhecimento sobre a causa do câncer ocorreu por meio de redes formais através da publicação na internet:

Eu já tinha ouvido falar no GACC e vi também a divulgação na internet [...] eu já tinha interesse de conhecer, mas faltava tempo!

O seu ingresso na associação foi realizado devido ao período de estágio na faculdade, o que propiciou um contato maior com o grupo:

Procurei o GACC quando eu tava fazendo estágio [...] perguntei se eu não podia participar em algum projeto pedagógico na casa, mas a assistente social falou que não tinha naquele momento.

Em decorrência disso, conseguiu adentrar como voluntária no grupo exercendo atividades com crianças e após quatro meses foi convidada para fazer o projeto pedagógico que, até então, estava parado. Desta forma, conseguiu articular aquilo que foi apreendido em sala de aula, no referido curso, com o desenvolvimento de trabalhos no grupo, fato este que resultou em um estágio remunerado.

Em relação aos pertencimentos político e social dos indivíduos citados acima, percebe-se que mesmo que estes tenham participado em algum tipo de espaço associativo, os diferentes tipos de participação não os levou diretamente para a entrada na mobilização do câncer. Assim, a “vontade” de participar está associada aos diferentes tipos de socialização e o intermédio das redes sociais, uma vez que, contribuiu para definição dos “gostos” e “disposições” favoráveis ao engajamento. Esse tipo de integração social é relevante para a criação de “predisposição a militância” (FILLIEULLE, 2001; SEIDL, 2009), sendo que, cada indivíduo apresenta uma forma diferenciada de tomar uma posição e engajar-se na mobilização do câncer, no qual se levam em conta também o contexto histórico político, a

realidade da mobilização, os recursos adquiridos e a importância que cada um tem para o grupo.

CAPÍTULO IV

AS RAZÕES DO ENGAJAMENTO E A ENTRADA PARA A CAUSA DO CÂNCER

No capítulo anterior, demonstrou-se como são formados os gostos e disposições individuais que permitiram conduzir os agentes investigados a fazerem suas possíveis escolhas. Neste capítulo será feita a análise da entrada na causa do câncer, entre o momento em que as disposições foram transformadas em ações. Visando entender o que leva tais indivíduos ao engajamento na causa do combate ao câncer infanto-juvenil, buscamos reconstruir como estes foram levados à causa, a partir da descrição de suas trajetórias de vida relacionadas ao momento histórico aos quais vivenciaram, como uma forma de compreender melhor as oportunidades que os rodeavam e o porquê de suas escolhas.

Do mesmo modo, analisou-se como se originou essa vontade de se engajar na causa do câncer partindo da análise das características sociais dos militantes e dos pontos de vistas colocados por eles. Mais ainda, tentamos identificar os caminhos que os levaram ao engajamento, ou seja, os fatores que favoreceram a adesão, como justificam sua participação em tal ação e o que os mantém na causa.

4.1 Divisão geracional e adesão na causa do câncer

Dentre alguns dados que se destacaram neste capítulo tem-se que os diferentes motivos para a participação na causa envolvem a evocação altruística, a realização de si e a ação política. Além disso, verificamos também os tipos de ganhos conquistados pelos agentes, principalmente os ganhos simbólicos que são os que mais se destacaram como um dos motivos da continuidade em agir na causa.

Nas entrevistas com os militantes da causa do câncer, utilizou-se um roteiro de perguntas visando investigar as seguintes informações: os fatores responsáveis pelo engajamento e como justificam sua entrada na causa; o grau de envolvimento na causa e que tipo de função desenvolvem; o significado que demonstram e os investimentos com a sua participação. Além da realização das entrevistas, foram observadas algumas reuniões e eventos realizados pelos dois grupos: reuniões de voluntários uma vez ao mês; assembléia para eleição e posse de membros da diretoria; curso de voluntários para mobilização e recepção de novos integrantes; palestras; além de eventos comemorativos e panfletagens.

Conforme é possível visualizar no quadro 6, verificou-se dentre os entrevistados – integrantes ou não da diretoria – que há uma variação em relação ao período de entrada e a idade de ingresso nos respectivos grupos.

Quadro 6 – Adesão aos grupos

Grupo	Ano de entrada	Entrevistados	Idade de adesão
AVOSOS	1982	2	52
			39
AVOSOS	1985	2	33
			35
AVOSOS	1999	2	47
			31
GACC	1999	2	18
			16
GACC	2000	2	25
			35
AVOSOS	2000	1	57
AVOSOS	2003	1	60
AVOSOS	2006	3	48
			36
			36
GACC	2009	3	38
			21
			60

Fonte: dados coletados em entrevistas, 2010.

No caso da AVOSOS, os entrevistados que adentraram no grupo na década de 80, são pessoas que pertencem a ‘geração fundadora’ da instituição, nesse caso, aqueles presentes na reunião de formalização do grupo. Dentre os quatro que aparecem no quadro, três pertencem atualmente ao quadro de dirigentes, e uma já pertenceu ao quadro da diretoria, mas hoje executa funções fora desse espaço. Ainda em relação a esse quadro, dois entrevistados que entraram no grupo no final da década de 90 e uma que entrou em 2003, integram o grupo da diretoria executiva. Nos demais casos, dos três que entraram no grupo em 2006, têm-se uma que atualmente é membro do conselho fiscal; e uma última que entrou em 2000, até hoje desenvolve atividades fora quadro da diretoria.

Em relação ao GACC, os entrevistados que entraram no grupo no final da década de 90 e 2000, fazem parte do quadro de dirigentes, sendo que uma das entrevistadas, cuja entrada

ocorreu em 1999 pertence ao grupo de fundadores da instituição. Os demais entrevistados do GACC que entraram em 2009, não integram nenhum tipo de cargo de diretoria, e nesse caso, só desempenham atividades no grupo.

Diante dos dados apresentados no quadro verifica-se que dos 18 entrevistados, 14 participam ou participaram de algum cargo de diretoria nos referidos grupos, sendo que, dois destes (um na AVOSOS em torno de cinco anos; e um no GACC há aproximadamente dois anos) não atuam mais como voluntários em suas funções fazendo parte da equipe de pessoas remuneradas²⁴. Em relação aos demais entrevistados, todos estão engajados nos grupos desenvolvendo atividades de maneira voluntária.

No entanto, observa-se que nas instituições investigadas há uma quantidade maior de pessoas do sexo feminino, do que do sexo masculino engajadas neste tipo de mobilização. Do total de entrevistados tem-se 15 pessoas do sexo feminino e 03 do sexo masculino²⁵. Isso porque em nossa sociedade a relação da filantropia está vinculada a função feminina e mesmo existindo uma nova representação da mulher tida como ‘moderna’ e ‘ativa’, segundo Saint Martin (1999: 107), a formação da mulher ainda inclui uma instrução voltada para “obras de caridade e de atividades voluntárias”.

No quadro 6 ainda é possível visualizar que a idade de ingresso na “causa do combate ao câncer infanto-juvenil” ocorre de maneira diferenciada, variando em torno dos 30 a 60 anos. Para Gaglietti (2003: 98), “a idade média é um importante referencial que permite redimensionar o termo ‘geração de militantes’”. Assim, tem-se uma faixa etária distribuída da seguinte maneira: de 30 a 45 anos – aproximadamente 44,4% dos entrevistados; 46 a 60 anos – aproximadamente 33,3% dos entrevistados; 16 a 29 – aproximadamente 22,2% dos entrevistados. No entanto, verifica-se que grande parte dos engajamentos nos grupos investigados realizou-se em um período em que a maioria dos entrevistados está na fase do exercício profissional, vinculados de maneira intensa em alguma organização religiosa e até mesmo em um período próximo ao da aposentadoria. Em relação a essa última questão, para alguns entrevistados em que o engajamento ocorreu na fase da aposentadoria, à possibilidade de estar inserido em algum agrupamento permite-lhes não ficar na inatividade, sendo uma forma de ocupar o tempo livre dedicando-se integralmente a uma causa social. Para os que estão praticando alguma atividade profissional fora dos grupos, alguns tentam conciliar tempo

²⁴ Tais entrevistados podem ser identificados como E01 e E07. Vide tabelas 1, 2 e 3.

²⁵ Cabe ressaltar que esse total não representa uma proporção mais generalizada da quantidade de mulheres e homens que integram os grupos e que também não foi nossa intenção escolher somente as pessoas do sexo masculino que participaram da pesquisa. Na verdade, o trabalho voluntário desenvolvido nas instituições é realizado com mais frequência pelas mulheres.

de trabalho com a participação na causa e este engajamento não ocorre de maneira integral. Para os mais jovens, o trabalho voluntário principalmente se for desenvolvido na fase do ensino profissionalizante é uma oportunidade de ganhar experiência e posteriormente uma ocupação profissional, seja esta realizada nos próprios grupos ou em outro tipo de organização.

A diretoria executiva dos grupos é composta por pessoas de diferentes profissões, sendo no caso dos entrevistados do GACC, um tipo de profissionalização mais voltada para fins militantes, já que grande parte dos entrevistados iniciou o curso superior quando já executavam funções nos grupos. Dentre os membros da diretoria executiva da AVOSOS, têm-se três donas de casa, três professores aposentados (dois em letras; um em química). Na diretoria executiva do GACC tem-se uma advogada, dois estudantes de ensino superior em fase de conclusão (um em economia; um em comunicação social), e uma dona de casa. Dos demais entrevistados que não integram os grupos dirigentes verificaram-se três donas de casa, duas pedagogas aposentadas, uma técnica em enfermagem aposentada, uma empresária e uma estudante de letras.

Nos depoimentos dos entrevistados, contatou-se que as pessoas mais antigas nos grupos, não passaram por algum tipo de curso de capacitação antes de se tornarem voluntário efetivo. Nos dados fornecidos nas entrevistas, os agentes que fazem parte do grupo fundador, deixa claro que, como os grupos estavam sendo constituído e se formalizando, não havia no momento algum critério de seleção ou capacitação para entrar na causa, mas sim a força de vontade e interesse de cada um, já que se tratava de amigos, conhecidos ou de pessoas com interesses de estarem contribuindo com o grupo e com a causa. No entanto, os demais entrevistados que entraram na causa a partir de 2000 passaram antes por um curso de capacitação que é fornecido pelas próprias instituições uma vez ao ano. Ao mesmo tempo em que tais entrevistas eram realizadas, pode-se observar como ocorre os cursos de capacitação para os novos voluntários. Nesse caso, primeiramente foi preciso preencher uma ficha de inscrição fornecendo alguns indicadores sociais como nome, data de nascimento, endereço residencial, telefone e ocupação profissional²⁶.

No momento do curso, algumas pessoas que integram a diretoria executiva têm o papel de fazer a abertura do evento e apresentarem para os futuros voluntários. Um fato que chama atenção no decorrer do curso, é que, ao contrário do que se pensa, o curso é ministrado

²⁶ Na ocasião, me inscrevi no curso não só com a finalidade de observar como as duas instituições fornecem essa capacitação aos novos voluntários, mas também para identificar quem eram essas pessoas e por que foram direcionados para tais grupos. No caso da AVOSOS, a inscrição ocorre de maneira gratuita, ao contrário do GACC em que os interessados têm que pagar uma taxa no ato da inscrição.

por funcionários profissionalizados que tem o poder de passar as devidas informações sobre os grupos, suas atividades, deveres e direitos dos voluntários e sobre a doença ao qual irão se deparar. Nesse caso, não são voluntários que regem o curso, mas psicólogos, assistentes sociais que trabalham de forma remunerada e que tem uma competência técnica, os que assumem a função de ministrar o curso. Além disso, observou-se nos dois cursos que alguns integrantes da diretoria executiva presentes no evento, são os membros mais antigos dos grupos, e nesse caso, são eles que coordenam e também encerram o evento, além de serem, em todos os sentidos, “as pessoas mais capacitadas para falar sobre o passado, o presente e o futuro da organização” (GAGLIETTI, 2003: 103).

Em contato com alguns dos novos voluntários no curso foram observados pessoas de diferentes idades, desde adolescentes até idosos, e que grande parte dos que participavam eram mulheres. Em conversa com algumas dessas pessoas, verificou-se que dentre alguns caminhos que os levaram até a causa ou aos grupos têm-se: o contato com algum conhecido, amigo ou parente que participa ou participou do grupo; o interesse por meio de divulgação na internet ou na TV; e até mesmo, como no caso de uma recruta que conheceu o grupo através da própria doença que apresentava em um determinado momento. Deste modo, observa-se que na causa do câncer infanto-juvenil, a vinculação em ‘redes sociais’ influencia no recrutamento dos novos militantes, assim como pode ser observado por Oliveira (2007: 675) na causa ambientalista, no qual “ela influencia tanto o recrutamento quanto a conformação de suas concepções de mundo, na medida em que se constitui num espaço prévio de socialização”.

Em relação às profissões dos recrutas, observou-se que algumas pessoas são assistentes sociais, pedagogas, estudantes de enfermagem, psicologia, letras, e donas de casa. Após o curso, cada voluntário interessado em continuar, faz um cronograma de horário disponível e a atividade que optou para participar no grupo, sendo que, ainda passam por um processo de adaptação nessas atividades para ver se é realmente essa função que quer desenvolver no grupo. O curso mostra aos novos voluntários um pouco do que é a realidade que eles vão se deparar, caso decidam se é isso que querem naquele momento. Durante o curso, os grupos não passam uma imagem apelativa sobre a doença, mas fornece informações de como lidar com o seu público-alvo.

Além disso, no período em que se presenciou as reuniões nos grupos, observou-se que em uma destas, voltadas para a escolha de militantes que iriam participar do Congresso Nacional de Oncologia na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, em outubro de 2009, as pessoas presentes integravam o quadro da diretoria, fundadores e membros dos conselhos

interno. Diante disso, tais escolhas levam a entender que os agentes que estão em uma posição superior aos demais voluntários dos grupos, aparentemente, são os mais indicados para representar as intuições em eventos externos.

4.2 Origens da participação política

A partir das informações obtidas na pesquisa pode-se identificar as formas de relações sociais existentes no decorrer das trajetórias dos entrevistados e relacioná-los a posição social e aos distintos tipos de adesão a causa do câncer.

Em suas trajetórias sociais, antes de adentrarem na causa do câncer, a grande maioria dos entrevistados passaram por algum tipo de agrupamento coletivo – movimento estudantil, grupo de jovens, grupos de ação comunitário religioso²⁷, sindicatos, partidos. Há militantes que participaram de dois movimentos concomitantemente, como é o caso de E07 e E08²⁸. O primeiro era vinculado a um sindicato de professores, e na ocasião, por influência do cônjuge passou a frequentar os trabalhos filantrópicos do grupo espírita. Já o segundo entrevistado integrou na fase universitária um grupo de jovens (JUC), no qual acabou conhecendo seu futuro conjugue. Depois de casada passou a frequentar grupos de casais católicos e as reuniões do partido em que seu cônjuge era filiado. Como os dois entrevistados eram professores (Química; Letras português-inglês) conciliavam seus tempos livres participando em outros espaços coletivos.

Quadro 7 – Início da participação política

Tipo de movimento	Nº de entrevistados	Descrição do Movimento
Movimento Estudantil	1	*DCE (Diretório Central dos Estudantes) e JUC (Juventude Universitária Católica);
Movimento religioso	8	Pastoral da família (dois entrevistados); Renovação Carismática (três entrevistados); Grupos filantrópicos em centro Espírita (três entrevistados);
Associação Sindical	2	* Sindicato de professores do ensino técnico Federal; *Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Sergipe (SINTESE);
ONGs	7	AMO - Amigos da Oncologia (um entrevistado);

²⁷ Sobre esse aspecto ver quadros n.º 4 e 5 no capítulo III.

²⁸ Idem.

		AVOSOS (três entrevistados); GACC (três entrevistados);
--	--	--

Fonte: dados coletados em entrevista, 2010.

A pesquisa mostrou que grande parte dos entrevistados iniciou sua participação política em grupos religiosos (católicos ou espíritas)²⁹, cerca de 44,4% ou em ONGs, cerca de 38,9%. Sendo assim, tem-se um total de 83,3% das participações nesse universo coletivo. Os outros 16,7% dos entrevistados iniciaram suas participações políticas nos seguintes grupos: uma pessoa no movimento estudantil universitário; duas pessoas em sindicatos de maneira ativa: um como presidente do sindicato dos professores do ensino técnico federal e outro como militante do sindicato dos professores da rede estadual – SINTESE.

Observou-se também que dentre os 18 entrevistados engajados na causa, encontram-se dois, que há poucos anos recebem remuneração pelos trabalhos que desenvolvem nos grupos. Na AVOSOS, tem-se (W.M.) que há cinco anos passou de diretor financeiro (voluntário) para o cargo de Gerente Administrativo (funcionário) e no GACC, tem-se (F.G.) que deixou há dois anos o cargo de diretor de comunicação (voluntário) e passou a assumir como Supervisor de Comunicação Social (funcionário). Nos dois casos, os entrevistados tiveram que deixar os cargos de diretoria, pelo fato de que, consta no próprio estatuto dos grupos, que todos os membros ligados à diretoria não podem receber nenhum tipo de remuneração. Nas informações obtidas pelos entrevistados, esses agentes foram direcionados a tais cargos, devido à necessidade dos grupos em terem alguém que estivesse no comando trabalhando de maneira regular, já que o trabalho voluntário não obriga os membros a estarem na instituição diariamente. Esta foi uma das maneiras encontradas pelos grupos para trabalharem de maneira mais organizada e sem maiores problemas, não restando outra opção, senão, torná-los funcionários efetivos.

4.3 “Desinteresse” e “altruísmo”: as justificações do engajamento

Quando se investigou nos relatos de vida dos entrevistados sobre o que os direcionou para ser um voluntário, para o engajamento na causa do câncer e o significado que dão a sua participação, identificaram-se novos elementos que estão ligados tanto às experiências adquiridas por eles nos diferentes espaços sociais, como aos acontecimentos que marcaram suas trajetórias de vida de alguma forma. A análise de suas trajetórias de vidas forneceu pistas

²⁹ Ver capítulo III.

que ajudaram a compreender melhor, porque estes militantes foram direcionados para a participação em um tipo de causa social, como a do combate ao câncer infanto-juvenil e nos respectivos grupos, AVOSOS e GACC.

A fala de grande parte dos entrevistados revela que as motivações que os levam ao engajamento na causa do câncer infanto-juvenil, advêm da vontade de querer ajudar o outro de alguma forma. Suas justificativas levam a supor que tal engajamento giraria em torno de uma relação ‘altruísta’, de ‘fazer o bem a alguém sem olhar a quem’, como uma forma de sentir-se útil e de satisfazer uma vontade pessoal. De certo modo, para os entrevistados, o fato de estar envolvido na causa do câncer, seria uma forma de poderem colaborar tanto para com o outro, como para a realização de si mesmo, tornando assim, um tipo de trabalho gratificante. Portanto, o interesse em contribuir para o bem estar de seus assistidos demonstrados por motivações de “natureza simbólica” (BOURDIEU, 1996) esclarece em parte, o fato em questão.

É diante de tal justificativa que se verificou a questão do desinteresse presente nos depoimentos, já que em geral, estes não colocam o fato de que o envolvimento com a causa fornece ganhos que podem incentivar e motivar a participação. Assim, é importante destacar que a participação desinteressada, ao lado da perspectiva altruísta, vigora entre os militantes como justificativas para entrada e prolongamento de suas ações, visto que, segundo Passy (1998: 04), “em uma lógica racional, esse tipo de comportamento é dificilmente explicável, pois se mobilizar sem receber os frutos dessa participação política é estranho”. Nesse caso, é visível como grande parte dos entrevistados acaba deixando de lado outras retribuições adquiridas com o envolvimento na causa.

Mesmo que alguns militantes não compreendam o que está em jogo com a sua participação ou até mesmo, não coloquem as principais razões que os fazem continuarem na causa, ainda assim, há um interesse que não é explícito e que é importante elucidar, já que, conforme assinala Bourdieu (1996: 152) “por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis e camuflados”. Isso não significa dizer que a adesão a causa foi realizada de forma intencional ou calculada conscientemente prevendo algum tipo de retorno, na maneira do toma lá da cá, no qual o interesse econômico ou material seria o objetivo de suas ações, mas que o investimento na causa gerou, mesmo sem ter planejado, algum tipo de recompensa.

Assim, com base em Bourdieu (1996; 2007) será apresentada a participação desinteressada dos entrevistados engajados na causa do câncer associado aos mecanismos de retribuições, levando em consideração que muitos dos participantes não compreendam o que

está em jogo no espaço em que atuam. Isso significa dizer, que mesmo que os agentes sociais dediquem parte de seu tempo e sua energia defendendo uma causa e militando em prol de crianças carentes com câncer, serão retribuídos de uma forma ou de outra. Como destaca Bourdieu (2007) quem não entende e não investe nas regras do jogo corre o risco de ficar de fora das vantagens materiais ou simbólicas na qual a participação oferece. Nesse caso, procura-se compreender a relação do “desinteresse” a partir do simbólico, “capital simbólico, interesse simbólico, lucro simbólico, troca simbólica” (BOURDIEU, 1996: 149-168).

Alguns estudos sobre o engajamento têm mostrado que os tipos de retribuições gerados com a militância (GAXIE, 1977; AGRİKOLIANSKY, 2001; GAGLIETTI, 2003), e dentre elas a simbólica, tem justificado a integração, permanência a serviço de uma causa. No caso da militância do câncer infanto-juvenil em Sergipe, o fato dos participantes estarem integrados em organizações que se denominam como “sem fins lucrativos”, mesmo que não seja gerado nenhum lucro financeiro para os que estão engajadas na causa, suas ações podem sim gerar outro tipo de benefício que não seja o econômico. Essas vantagens implicam também em uma diferenciação na posição dos agentes dentro do campo em que atua. De certa maneira, pode-se dizer que ao passo em que o agente contribui para o interesse comum do grupo, também está contribuindo para o seu interesse específico ou para a realização de si.

Dessa forma, é possível então uma análise sobre a questão do interesse pelo “desinteresse” dos militantes, já que, ela pode indicar alguns dos princípios que regem os indivíduos a participação em mobilizações coletivas como a do combate ao câncer infanto-juvenil em Sergipe, assim como as retribuições adquiridas nesse tipo de militância.

Os motivos apresentados pelos entrevistados para o engajamento na causa do câncer são os mais variados. Suas explicações vão desde uma perspectiva altruísta, de ajudar ao próximo, aos mais necessitados, à possibilidade de ocupar o tempo disponível integrando-se em algum grupo ou a oportunidade de trabalhar com crianças. Por outro lado, têm-se aqueles que tiveram em algum momento de sua vida, a perda de um ente querido ou até mesmo alguém na família que faleceu de câncer. De uma forma ou de outra, são fatos que contribuem para direcionarem os agentes para a participação em tal causa. Desta forma, é preciso destacar os tipos de justificativas comumente identificadas nos depoimentos dos entrevistados e destacar que estas se encontram interdependentes.

A primeira justificativa é caracterizada pela evocação de “um forte altruísmo” mencionada pela vontade de ajudar ao próximo, no qual os entrevistados revelam que foram predestinados por Deus para se colocarem a serviço da causa oncológica e, sobretudo, para prestarem apoio a crianças e adolescentes. No geral, todos demonstram que a consciência

religiosa e a forte espiritualidade baseada nos princípios cristãos, os direcionaram para este tipo de comportamento altruísta e os conduziram para atuar na causa. Sobre essa questão, Rozier (2002: 136) afirma que “o sentimento altruísta vem às vezes a ser totalmente naturalizado, descrito como uma disposição incorporada que os fazem imediatamente agirem em direção àquele que é portador de um sofrimento singular”. Nesse caso, verifica-se que para estes, fazer o bem para crianças e adolescentes com câncer é uma obrigação moral, ou como afirma Rozier (2002: 135), “de dever agir para ajudar aos que estão aflitos ou em maiores dificuldades, do que ficar sem fazer nada”. Assim, colaborando com a causa é uma forma de colocar em prática suas disposições adquiridas e uma forma de recompensar a Deus e a si mesmo, na medida em que o seu envolvimento contribui para ajustar a imagem de um ser humano “bom”, ao passo que produz reconhecimento e lhes propicia a integração a um grupo.

No entanto, em alguns casos, – principalmente daqueles que frequentemente visitam os hospitais ou que já tiveram contato direto por meio de um amigo ou parente com câncer, – constata-se inicialmente uma dificuldade de se colocar diante da própria doença, sendo uma das principais barreiras a ser vencida, o que faz com que tomem a referência divina como um elemento que fortalece a vontade de investir na causa. Quando se perguntou sobre a origem da participação na causa do câncer infanto-juvenil deparou-se com as seguintes justificativas:

Caso 1:

Era um sonho que eu tinha de ajudar [...] Primeiro porque eu tive um irmão que morreu de câncer há três anos [...] na minha família já teve outras pessoas que já tiveram algum tipo de câncer... E eu sempre gostei de ajudar, porque eu acho assim, as pessoas só devem fazer uma coisa que gosta, que tem vocação [...] e eu tenho vocação e por isso decidi participar, porque quando agente vai para uma coisa que não tem vocação a gente não se interessa [...] só vai ver como é o ambiente e não fica [...] (M. O. mulher, 61 anos, voluntária do GACC).

Caso 2:

A vontade de ajudar! Acho que fui direcionada por Deus para ajudar essas pessoas sabe! Porque eu visitava os hospitais e via a necessidade no setor de oncologia, a carência, o sofrimento e a falta de colaboração ali. Foi uma questão de opção, vontade, definição de vida e graças a Deus sou muito feliz e alegre fazendo isto [...] acho que na vida a gente tem uma finalidade e a minha é ajudar aos outros para que eles se sintam felizes [...] Isso é uma obrigação de todo ser humano! [...] é um momento de repartir a alegria fazendo bem a alguém [...] (R. W. mulher, 80 anos, voluntária e dirigente da AVOSOS).

Caso 3:

Eu sempre tive vontade de fazer alguma coisa por alguém [...] e no meu caso acho que foi um chamado de Deus, por que tudo aconteceu num momento em que eu fiquei desempregada. Antes eu era contribuinte e fazia doações financeiras para o GACC [...] mas depois que fiquei sem emprego fui

convidada por uma voluntária daqui para também ser voluntária [...] foi aí que eu me perguntei: e porque não praticar né! Foi aí que comecei a participar de maneira mais ativa [...] para mim foi uma forma de valorizar mais a vida, porque é doloroso ver crianças nesta idade sofrendo [...] para mim é prazeroso, gratificante tá participando, é um aprendizado grande e eu me sinto útil [...] (Y. R. mulher, 39 anos, voluntária do GACC).

Caso 4:

Bom, depois que eu me aposentei eu procurei ocupar o tempo livre [...] mas sempre tive vontade de se doar a alguma instituição e ajudar outras pessoas [...] antes eu era contribuinte e só depois me tornei voluntária [...] eu me sinto muito feliz fazendo isso [...] eu estou servindo para o bem deles [...] tento doar meu tempo trazendo alegrias para estas crianças, porque alguns aqui precisam de carinho e alegria. (M. A. mulher, 53 anos, voluntária da AVOSOS)

Caso 5:

Eu já conhecia (R.W.) porque tínhamos em comum um trabalho voluntário no centro Espírita Bezerra de Menezes e lá ela já fazia visitas aos hospitais. Um dia ela me convidou para acompanhar ela nas visitas e eu acabei indo, mas não gostei! O que eu via no hospital era uma tragédia total! Isso há vinte e cinco anos atrás e especialmente o setor de oncologia que era o ultimo, o mais fedido e o mais abandonado. Não é que eu não gostei, é porque eu não estava preparada sabe! Mas aí a gente vai tomando uma consciência religiosa, entendeu! E aí você toma consciência. Acho que foi também um propósito de Deus mesmo né, nos mostrar o que era o pior e intuir para o que era melhor [...] E quando você se coloca no lugar do outro, você passa a enxergar melhor a situação e quer ajudar a melhorar de alguma forma. (J.M, mulher, 58 anos, voluntária e dirigente da AVOSOS).

A segunda justificativa está associada à primeira e diz respeito “a realização de si”, no qual o engajamento na causa tanto colabora para o bem estar das crianças e adolescentes com câncer, como também para o fortalecimento emocional e espiritual do participante. No geral, os entrevistados demonstram que o investimento na causa transmite a sensação de que cada um é útil e o seu comprometimento é uma forma de se sentir mais feliz com a dedicação ao próximo propiciando, assim, um crescimento pessoal. Desta forma, o empenho na causa está associado a uma relação de troca, na medida em que ao compartilhar experiências e sentimentos com o seu envolvimento, os militantes também estão contribuindo para si mesmo e para a coletividade tornando, assim, a sua ação gratificante.

Desta forma, grande parte dos entrevistados acredita que a sua contribuição é uma forma de dar um sentido a sua vida revelando, de tal modo, que a sua atitude exprime reconhecimento para com os outros e para si mesmo de ter feito algo de bom. Para Siméant (2009: 121), a vontade de continuar útil é um argumento que deve ser compreendido como “a intenção de fazer realmente a diferença, de ter verdadeira gratificação”. Diante de tal aspecto, os entrevistados percebem que estando vinculados aos grupos terão maiores possibilidades de realização pessoal.

Caso 6:

Para mim é muito importante porque me ajuda a crescer como pessoa, sem nenhum interesse, mas crescer como pessoa mesmo! [...] se tornar mais humana, porque não tem como a gente não se tornar [...] a gente se torna mais sensível e assim, até mais caridosa, poderíamos dizer, não uma caridade moral que é você chegar perto de uma pessoa por obrigação, por que a sociedade infelizmente ainda tem preconceito e muitas vezes acham que essa doença pega [...] para mim, participar é você se entregar de corpo e alma sem medo de ser feliz [...] para mim é uma troca porque o GACC me faz muito bem e aqui eu aprendo muito. (F. M. mulher, 45 anos, voluntária e dirigente do GACC).

Caso 7:

Eu me sinto muito bem e feliz ajudando ao outro de alguma forma e também porque eu me vejo no lugar daquela pessoa doente. Tento fazer alguma coisa como se fosse para mim [...] aqui na AVOSOS vejo que nós fazemos pouco, mas tentamos passar aos pacientes um tratamento adequado [...] tentamos fazer um trabalho sério [...] para mim espiritualmente, não há salário que pague a satisfação de fazer esse trabalho. (J. L. mulher, 67 anos, voluntária e ex-dirigente da AVOSOS).

Caso 8:

Aqui você não só ajuda como também é ajudado [...] quando perdi meu pai, senti um vazio e depois que eu conheci o grupo e vi os sorrisos das crianças assistidas aqui, percebi que eu podia fazer alguma coisa [...] para mim é gratificante, porque estou ajudando e sendo ajudada emocionalmente. (A. P. mulher, 41 anos, voluntária da AVOSOS).

Caso 9:

Eu me sinto realizado fazendo o que faço, é como se eu suprisse uma lacuna, como se fosse uma missão sabe! Então, por esse lado, aqui eu estou preenchendo, conhecendo pessoas que de certa forma precisam de minha ajuda, independente que seja financeira ou emocional [...] enfim! e que eu estou podendo ajudar dando um pouco de mim para essas pessoas [...] e quando chega a notícia de que fulano já tá curado entendeu, então, isso dá muita alegria [...] esse retorno é o que me motiva cada vez mais a continuar! (A.L. homem, 35 anos, voluntário e dirigente do GACC).

Há, ainda, aqueles que se envolvem na causa na busca de vínculos afetivos, como a de encontrar novos amigos, uma companhia ou até uma maneira de não estar só, muitas vezes considerando os grupos como um ambiente familiar. Nesse caso, o contato e a interação com outras pessoas pode ser visto como um fator de “sociabilidade” a partir do momento em que o convívio social pode levar o indivíduo a sair de algum tipo de isolamento social ao qual estão passando. Partindo da análise feita por Gaglietti (2003: 140), é a partir da adesão nas instituições que alguns entrevistados encontram “uma família, um grupo de amigos, uma companhia, etc.”, sendo também um lugar no qual levam ao esquecimento de problemas vivenciados por estes nos seus dia a dia, sejam eles de maneira afetiva ou financeira.

Caso 10:

Qual a origem da sua participação nesse espaço? Sempre tive vontade de fazer alguma coisa por alguém... **E de que forma conheceu a instituição?** A partir de uma amiga que fazia vistas no hospital

e já participava do grupo. Aí um dia ela me convidou e eu vim [...] me sinto bem aqui e no dia que não venho sinto falta [...] aqui eu fui bem acolhida, ganhei novas amizades [...] é a minha segunda casa! (M. R. mulher, 66 anos, voluntária da AVOSOS há onze anos).

Caso 11:

Qual a origem da sua participação nesse espaço? Conheci a AVOSOS quando eu estava em um período depressivo porque tinha perdido um ente querido [...] e aí eu tava no shopping e alguém me entregou um panfleto [...] aí vim visitar o grupo e gostei do trabalho deles [...] posso dizer hoje em dia que eu não me vejo sem a AVOSOS [...] eu não digo que é minha vida porque eu tenho minha filha e minha neta. Eu sempre digo ao pessoal que a minha energia vem muito daqui [...] dessas mães [...] são exemplos mesmos, e eu tome isso como um suporte [...] eu me miro nesses exemplos [...] e também tem o pessoal e os amigos voluntários que é uma grande família para mim. (N. M. mulher, 58 anos, voluntária e dirigente da AVOSOS).

A terceira justificativa é aquela definida pela “ação política” voltada principalmente para melhorar o tratamento e condições de vida dos assistidos, diminuir a carência no atendimento e o sofrimento dos pacientes e famílias, e a oportunidade de exercer a cidadania buscando direitos para as pessoas com câncer, desprovidas de recursos econômicos. Nesse caso, foi diante das situações presenciadas no setor de oncologia dos hospitais públicos de Aracaju – falta de leitos, remédios, atendimento adequado – que alguns entrevistados foram conduzidos para se mobilizar e prestar serviços de melhor qualidade para crianças e adolescentes com câncer, vendo nesse tipo de engajamento um benefício para estes pacientes.

Caso 12:

O meu objetivo era ajudar crianças, sejam elas na época crianças especiais [...] e aí surgiu a oportunidade de conhecer e fazer visitas no Hospital Cirurgia, e dessa visita eu comecei a conhecer a AMO e via que os jovens eram poucos, então praticamente na época eram eu e minha irmã de jovens, eu com 16 e ela com 19 anos [...] e aí entramos na AMO com esse objetivo, de ajudar as crianças [...]. depois fundamos nosso próprio grupo [...] na verdade eu me vejo e sou uma militante em prol da causa da criança com câncer [...] não sou militante política! A gente aqui briga por melhores condições junto a crianças e adolescentes em tratamento com câncer [...] então, lidar diariamente com essa situação, ter recursos, cobrar recursos para manutenção da saúde pública, que é uma política pública o que nós fazemos [...] então, podemos dizer que fazemos uma militância em favor deles e não em favor de política e de interesses que não seja o deles. (U. R. mulher, 31 anos, voluntária e dirigente do GACC).

Caso 13:

Bom, se eu for analisar o ponto de partida e o ponto de chegada, eu diria que o meu engajamento ocorreu de forma espontânea, no sentido de sempre ter esse espírito de ajudar e colaborar [...] no início, a questão era mais de ajudar ao próximo e com o tempo associou mais duas coisas: uma, no sentido de sempre ver a questão da cidadania, estou exercendo meu papel de cidadão, de buscar direitos e poder trazer direitos [...] claro que não é só o governo que têm direitos, mas a sociedade também tem! Nós somos uma ONG e estamos cumprindo o nosso papel, onde somos realmente um elo entre a sociedade que colabora e que ajuda [...] e a gente pode proporcionar benefícios para essa população carente que chega até aqui [...] e o outro lado pessoal, no sentido de realização como ser humano, de que eu estou contribuindo e estou participando!. (W. M. homem, 60 anos, ex-dirigente e Gerente da AVOSOS).

Diante dos depoimentos observou-se que em geral, os entrevistados consideram que o engajamento na causa, não visa nenhum tipo de interesse, deixando parecer que estão diante de uma participação desinteressada. Assim, preferem dizer que a sua intenção é apenas contribuir com a causa, com os mais necessitados e que não haveria, porém, nenhum outro interesse. No entanto, em certas situações, alguns militantes percebem os ganhos adquiridos com a sua participação na causa, o que de fato contribui para um maior empenho numa ação em que julgam importante para o fortalecimento da cidadania e para a construção de políticas públicas direcionadas a área da saúde. Para eles, continuar comprometidos com a causa, significa amenizar as dificuldades apresentadas no setor de oncologia oferecendo assistência social e psicológica para os pacientes e para as famílias, doações de remédios, dentre outros, e acreditar que estão sendo importante para estas pessoas. Por outro lado, verificou-se que as conquistas adquiridas com a participação na causa do câncer infanto-juvenil, além de contribuir para terem uma posição diferenciada nos grupos, permitiu reconverter suas posições fora do espaço em que atua. Assim, pode-se dizer que a atividade desenvolvida por eles, além de satisfazer um interesse coletivo possibilita a conquista de diversos tipos de gratificações.

Constata-se, assim, que os anos de dedicação a causa oncológica, de certo modo, proporcionou para determinados entrevistados algum tipo de retribuição, seja esta adquirida pela satisfação de sentir-se bem fazendo algo pelo outro, pela ascensão a postos de direção, na conquista de um emprego e, sobretudo, pela influência, prestígio social e reconhecimento resultante da atividade que desenvolvem. Assim, ganhos simbólicos ou não, cabe ressaltar que o último aspecto chama atenção pelo fato de ser um recurso muito utilizado pelos agentes para preservar ou reconverter suas posições sociais dentro ou fora dos grupos aos quais militam. Nesse caso, cada militante busca estratégias para ter sucesso na carreira militante.

Assim, observou-se que aqueles entrevistados que permanecem engajados há mais tempo na causa, são os mais propícios a obterem algum tipo de reconhecimento, visto que, mesmo que seja uma ação realizada de forma coletiva, é a partir de suas atuações que o nome do grupo passa a ter visibilidade. Ou seja, por serem os principais representantes do grupo, seus nomes são tidos como referência no que diz respeito a mobilizações na causa oncológica em Aracaju. Isto ocorre devido ao empenho e a busca de meios de comunicação que divulguem seus trabalhos realizados em prol da sociedade. Para isso, procuram distribuir panfletos, jornais, buscar espaços na mídia, tanto para conscientizar a sociedade sobre a doença em si, mostrando como prevenir e tratar, como também para demonstrar o papel que este tipo de ação e, sobretudo, os grupos estão desempenhando no combate a doença.

A partir dos depoimentos dos entrevistados, identificaram-se algumas retribuições adquiridas com a participação na causa do câncer. Vale ressaltar que, nos casos investigados, os entrevistados colocam que suas conquistas não foram planejadas previamente, dando a entender que os ganhos obtidos foram decorrentes do ‘bom trabalho’ que promovem. Além disso, observam-se também alguns elos criados pelos agentes mobilizados na causa visando atuar em políticas públicas direcionadas a crianças com câncer. Nesse caso, o uso simultâneo de recursos sociais não só colabora para um reconhecimento interno como também para ampliar o capital de relações, o que fortalece o capital social e simbólico e possibilita a atuação em outros espaços sociais. Desta forma, investir em inúmeros vínculos e contatos não só representa uma finalidade para a causa, mas significa ampliar o volume de capital que podem resultar em novas posições no campo da militância.

Contata-se também, que o militância proporcionou para alguns entrevistados prêmios e homenagens simbólicas pela atuação na causa oncológica, sendo os trabalhos realizados em prol do câncer infanto-juvenil reconhecidos por esferas diferenciadas. Dentre estes, destacam-se medalhas de honra ao mérito para os principais representantes dos grupos em eventos realizados na Assembléia Legislativa de Sergipe, Câmara Municipal de Aracaju, partidos políticos, colégios particulares, sociedade médica, ONGs, etc.

Além disso, nas reuniões e eventos que foram observadas, presenciou-se a entrega de prêmios simbólicos para os participantes que proporcionaram dedicação ao grupo no decorrer dos anos, sendo este reconhecimento muito significativo para o militante. As homenagens configuram-se na entrega de um troféu ou broche que representa um agradecimento e incentivo para dar continuidade ao trabalho voluntário. O que vigora diante de tal solenidade é que, esta é uma forma de lembrar aos participantes que o seu trabalho é essencial para a causa e da importância que o militante tem para o grupo. Logo, é uma forma de elevar a auto-estima do voluntário permitindo-lhe prolongar a sua atuação na causa.

No entanto, percebe-se também que as homenagens aos voluntários ocorreram em eventos importantes realizados pelos grupos, como foi observado no lançamento da campanha Mcdia Feliz³⁰ na AVOSOS e no curso para novos voluntários no GACC. Geralmente, estes prêmios são entregues aos voluntários que atuam no grupo em períodos de um, cinco, dez anos em diante. No caso da AVOSOS, verificou-se que tal evento é considerado um dos mais esperados e consagrados do grupo, visto que se realiza em período em que a AVOSOS

³⁰ O Mcdia Feliz é uma das principais campanhas promovidas pelo Instituto Mc Donald. A campanha é realizada uma vez ao ano, no qual toda venda do sanduíche Big Mc é destinada para a causa do câncer infanto-juvenil. Em Sergipe, a única instituição filiada à campanha é a AVOSOS.

completa anos de fundação e de dedicação à causa, sendo um momento propício para homenagear os militantes. Já no GACC, a condecoração ocorreu ao término do curso para novos voluntários, o que deixa entender que é uma forma de incentivar a adesão e mostrar para os recrutas algumas vantagens adquiridas para os que estão vinculados ao grupo.

Para demonstrarmos alguns ganhos adquiridos com a militância em questão, são apresentados a seguir dois casos cujos trajetos individuais evidenciam os investimentos e as conquistas com a causa aos quais participam. Em um dos casos, a passagem por outros tipos de espaços sociais, como a militância sindical, proporcionou o acúmulo de recursos que serão utilizados no momento da adesão à causa do câncer.

O primeiro caso é representado pelo filho de uma dona de casa e de um funcionário público federal. Trata-se de W.M., sexo masculino, 60 anos, professor de química aposentado, atual gerente administrativo da AVOSOS e que há vinte e cinco anos milita na causa oncológica. O seu engajamento ocorreu num período em que exercia atividade profissional e participava como liderança de uma associação de professores do ensino técnico federal. Nesse caso, a profissão de professor lhe permitiu entrar em outros espaços sociais e acumular recursos que contribuíram para criar certas disposições e direcioná-lo para a participação na causa oncológica. De certa forma, como também é abordado por Oliveira (2008) na causa ambiental, os vínculos de amizades com integrantes do universo religioso, a relação conjugal que obtém com uma participante da causa e, sobretudo, o volume de capitais adquiridos constituem em alguns dos fatores que estão na origem das disposições políticas que os conduziram à causa oncológica. Desde o início de sua adesão sempre fez parte da equipe dirigente e continuou buscando estratégias para reverter sua posição no grupo. Considerado pelos demais membros como o ‘cabeça do grupo’ é um dos mais engajados em atrair visibilidade e reconhecimento para instituição. Tal empenho contribuiu para assumir um cargo de direção no setor de Oncologia do Hospital Governador João Alves Filho, maior hospital público do Estado de Sergipe no período de 1996 a 2000. Mesmo com uma formação escolar em uma área diferenciada – licenciatura em química – do posto em que ocupou (diretor administrativo do setor de oncologia), percebe-se que os capitais acumulados em sua trajetória de vida foram determinantes para tal indicação. No entanto, segundo o entrevistado a sua indicação ocorreu devido à visibilidade junto à sociedade dos trabalhos executados pela AVOSOS durante anos. Constata-se que durante a mobilização na causa, o entrevistado buscou vínculos com outras instituições no objetivo de criar redes que pudesse articular os interesses específicos do grupo ao qual participa. Essa iniciativa foi um dos primeiros passos

para a formação de um grupo como maior dimensão na região Nordeste, o UNEACC³¹, visando promover intercâmbio, interação e aprimoramento de várias organizações mobilizadas na causa do câncer. Na verdade, o grupo foi criado com o objetivo de dar assistência e viabilizar as reivindicações das entidades filiadas na defesa da cidadania das crianças com câncer e seus familiares. A eficácia de tal mobilização contribuiu para que a sede do grupo fosse instalada na AVOSOS e para que o entrevistado fosse indicado para o cargo de Presidente da UNEACC, cargo que ocupou por duas gestões consecutivas. Nesse cargo de direção tornou-se um dos principais representantes do grupo na participação em fóruns, congressos e conselhos em nível nacional visando discutir sobre o debate relacionado às políticas públicas direcionadas a área do câncer infanto-juvenil. A participação em diversos encontros e sua atuação como militantes colaborou ainda para ser indicado a um cargo de conselheiro do Instituto Ronald Mc Donald³².

Diante do caso apresentado, vale ressaltar que, segundo W.M., todos os cargos mencionados foram ocupados de maneira voluntária, ou seja, sem remuneração financeira. Mesmo assim, o fato de não estar desenvolvendo essas funções de forma remunerada, as conquistas adquiridas com a militância, contribuiu para aumentar o volume de capital e melhorar a sua posição, fato que contribui de certa forma para motivar ainda mais a permanência na causa.

No segundo caso, destaca-se a atuação representada por um entrevistado que na fase de seu engajamento encontrava-se na situação de estudante do ensino médio com atividade profissional como office-boy de um setor público. Trata-se do filho de uma lavadeira e de um soldador, F.G., sexo masculino, 27 anos, atual supervisor de comunicação e ex-diretor do GACC, no qual o seu ingresso ocorreu na fase da adolescência, quando tinha 17 anos. Tal engajamento foi influenciado por meio de redes sociais informais, a partir de divulgações feita pela instituição em diferentes locais. Diante de seu itinerário, pode-se dizer que mesmo apresentando o seu engajamento como decorrente da vontade de ajudar ao outro, observa-se que é um militante que “vive para e da causa”, já que é a partir dela que retira o seu sustento. A intensa atuação na causa, além de ter lhe rendido oportunidades de executar um cargo de diretoria contribuiu para a garantia de um emprego. Segundo o entrevistado, o trabalho

³¹ União Norte e Nordeste de Entidades de Assistência a Criança com Câncer.

³² Pode-se dizer que fundado em 8 de abril de 1999, pelo McDonald's, o Instituto Ronald McDonald é um grupo que desenvolve programas que propiciam o diagnóstico precoce, encaminhamento adequado e tratamento de qualidade para as crianças e adolescentes com câncer do Brasil. Além disso, o Instituto trabalha com a articulação de uma rede de instituições parceiras que atuam pela mesma causa nas diversas regiões geográficas brasileiras. Sobre esse assunto ver: <http://www.instituto-ronald.org.br/index.php/quem-somos/o-instituto-ronald-mcdonald>

remunerado não foi inicialmente o propósito de seu engajamento, mas sim a ação coletiva voltada para um bem comum realizada de maneira voluntária. O emprego veio como uma consequência dos trabalhos na causa, visto que, sua efetivação foi realizada em um momento em que seu nome se destacava dentre os demais, devido ao empenho de buscar vínculos com pessoas conhecidas no meio artístico e esportivo local e nacional. Nesse período começou a receber propostas de trabalho em locais que não tinha nenhuma finalidade filantrópica, a exemplo de um órgão da imprensa sergipana. A oferta de emprego na imprensa surgiu no momento em que estava desempregado e cursando o curso superior. Como é descrito por lei que os membros da diretoria de organizações sem fins lucrativos não podem receber nenhum tipo de contribuição financeira, surgiu à possibilidade de remanejá-lo para outro cargo que não fosse de diretoria. Essa foi uma das formas elaboradas pelos membros da diretoria para estimular o militante a continuar no grupo. Diante de sua trajetória no GACC, percebe-se que é uma das pessoas mais empenhadas em buscar reconhecimento pelas ações do grupo. É o principal engajado em promover as campanhas do GACC e atuar na busca de vínculos, principalmente de pessoas famosas, como forma de associar o nome do grupo aos das ‘celebridades’. Esse é um dos recursos utilizados para erguer o nome da instituição em meio ao campo da militância oncológica, tanto para angariar doações como para dar destaque ao GACC, já que o campo da militância em causas sociais é bastante disputado. Percebe-se assim, que é um militante comprometido com a causa e com a busca de recursos que lhe permitirá reverter sua posição futuramente, seja no campo da militância, ou em outros espaços sociais. Além do mais, constata-se que a sua participação na causa, também contribuiu para estabelecer relações conjugais com a atual diretora-presidente do GACC.

4.4 Modalidades de ingresso e ascensão a postos dirigentes: o uso de recursos militantes na causa oncológica

Como se viu anteriormente, a pesquisa mostrou que a existência de alguns indicadores sociais comuns entre os entrevistados, não garante que a adesão aos grupos tenha sido realizada de forma idêntica. As diversas combinações de elementos são propícias para os agentes definirem o movimento coletivo que irá participar e o significado que sua ação vai ter com o seu engajamento.

Todavia, esta parte do trabalho está direcionada a investigar de que forma os agentes estão distribuídos nos espaços em que militam, tomando como referência os dirigentes dos grupos GACC e AVOSOS. Passa-se a analisar como é definida a posição dos diferentes

agentes e como foram conduzidos para ocupação de cargos de diretoria. Nesse caso, toma-se como referência a concepção de “campo” formulada por Bourdieu (1996, 2007), considerando as instituições investigadas como um “campo de lutas”, no qual os agentes envolvidos estão inclinados a reconhecer as leis que regem tal campo, e ao mesmo tempo, buscar estratégias que permitam transformar ou conservar suas posições de acordo com a sua estrutura. Conforme afirma Bourdieu (1996: 142) “os agentes bem ajustados ao jogo são possuídos por ele e tanto mais, sem dúvida, quanto melhor o compreendem”. Portanto, serão apresentados os recursos sociais utilizados pelos agentes envolvidos na causa oncológica para ascensão de postos dirigentes nos grupos aos quais militam.

Durante a pesquisa, percebe-se que aqueles que ocupam algum cargo majoritário nos grupos, são os que se dedicam com mais intensidade na causa. Isso ocorre por serem selecionados para executar, mesmo de maneira voluntária um cargo de maior responsabilidade e por terem os requisitos necessários para ascender na hierarquia dos grupos. No entanto, quando se perguntou aos entrevistados de que forma ocorreu essa indicação para um posto de diretoria, todos colocam que isso se deu pelo fato de serem voluntários dedicados, com frequência assídua, de agirem conforme rege o estatuto, ou seja, não descrevem que sua possível escolha pode estar relacionada com as diversas experiências de vida dos militantes executadas anteriormente ou durante sua participação na causa. Na presente análise, serão demonstrados os recursos que foram identificados durante a pesquisa e que, mesmo não sendo esclarecidos por aqueles que indicaram ou foram indicados para tal cargo, são de grande relevância para compreender o posicionamento dos militantes nos respectivos grupos.

De certa forma, os resultados da pesquisa deixam entrever que a ocupação de um cargo de direção nos grupos investigados está relacionada aos tipos específicos de recursos sociais que cada um possui, e também, conforme Gaglietti (2003: 109), da “capacidade que desenvolveu em manipulá-los em seu benefício”. Mesmo assim, verifica-se nas entrevistas de alguns militantes que “muitas vezes, estes não tem condições de avaliar os recursos de que já dispõem”, nem mesmo de traçar algum projeto de ascensão dentro e fora dos grupos.

Portanto, partindo do aporte de Gaglietti (2003: 109), de que “os recursos sociais são capitais que se encontram na formação da competência política dos militantes”, passa-se a analisar os recursos sociais adquiridos pelos agentes e de que forma foram reconvertidos dentro e fora dos grupos aos quais militam para ocupação de postos dirigentes.

Na análise empreendida junto aos entrevistados, considerou-se que a ocupação para um cargo de direção nos grupos foi realizada de acordo com a trajetória individual de cada

agente, posição social e fatores conjunturais. Nesse sentido, leva-se em consideração o tempo de engajamento, a frequência da participação nos projetos dos grupos, fazer parte do quadro de voluntários fundadores ou efetivos tendo, no mínimo, seis (GACC) ou doze meses (AVOSOS) consecutivos atuando de maneira regular, conforme rege cada estatuto.

Em observações nas assembleias e reuniões dos grupos, pode-se dizer que a passagem de um voluntário efetivo para o cargo de diretoria, se faz por meio da indicação de alguém pertencente ao grupo de fundadores, que faz o convite a determinada pessoa, ao qual acham que tem competência para dirigir tal cargo. E em seguida, essa indicação é levada para votação em Assembleia Geral. Na verdade, qualquer integrante do grupo, seja fundadores ou efetivos que estejam cumprindo o que rege o estatuto e queiram executar algum cargo de diretoria em aberto, pode colocar seu nome à disposição. No entanto, a maioria das vezes muito dos integrantes deixam que esse tipo de escolha seja tomado pelos dirigentes dos grupos.

Há situações em que, a ascensão a um cargo de diretoria executiva ocorreu em curto período de tempo dedicado aos grupos, em relação a alguns casos em que a chegada ao posto de direção ocorreu depois de um longo período de atuação na organização. Na AVOSOS, em algumas ocasiões antes de integrarem o grupo executivo, alguns entrevistados passaram pelo Conselho Fiscal (órgão de atividades financeiras e de contabilidade) e depois alcançaram postos de diretoria. No entanto, esse critério não é realizado no GACC, já que de acordo com o seu estatuto, os integrantes do conselho fiscal não podem ser eleitos para cargos da diretoria executiva.

O quadro da diretoria executiva dos grupos é composto por membros eleitos em Assembleia Geral com mandato de três (AVOSOS) a quatro anos (GACC), permitindo reeleição dos membros. Desta forma, a diretoria está constituída da seguinte maneira: pertencem ao quadro de diretoria executiva da AVOSOS, a Diretoria-Presidente, Vice-Presidente, Primeira Secretária e Diretora da Casa, Segunda Secretária, Primeira Tesoureira e Segunda Tesoureira; No GACC tem-se, a Diretoria-Presidente, Diretoria Administrativa Financeira e Diretoria Técnica ou Diretoria de Atendimento ao Paciente.

Em todas essas diretorias, seus membros executam suas funções de maneira voluntária e sem remuneração financeira. No caso da Diretoria-Presidente ou Presidente de Honra, conta-se que estes são cargos simbólicos e que são executados por pessoas fundadoras das organizações, e que nesse caso, assumem este cargo por um período indeterminado. Tal ocupação faz com que estes agentes, estejam no topo da hierarquia dos grupos, no qual o valor social e de reconhecimento dados a função e aos agentes, possibilita a transformação de

um “capital simbólico” (BOURDIEU, 1996). No caso da AVOSOS, o cargo de Diretor-Presidente foi criado desde a fundação do grupo e até hoje, não houve outra pessoa, senão a pioneira nesse tipo de mobilização, na ocupação do cargo. Já no GACC, verificou-se que a mudança nesse posto de comando ocorreu somente uma vez, por meio do capital pessoal, já que o posto de Diretoria-Presidente foi passado de mãe (pioneira do grupo) para filha. A partir dos relatos das entrevistadas tem-se uma noção de como alcançaram tais postos e porque continuam desempenhando esta função até hoje. No primeiro relato tem-se, R.W., 81 anos, dona de casa aposentada, com ensino médio completo, filha de uma dona de casa e um funcionário público estadual. Tal entrevistada é Presidente de Honra da AVOSOS há 23 anos.

Caso 1:

Como foi definido o cargo de Diretor-Presidente? Quando começou a entrar dinheiro no grupo agente não tinha como dá recibo nenhum [...] botar na minha conta, eu nem tinha conta! Foi quando (W.M.) e (J.M.) estavam no grupo [...] (W.M.) que é a cabeça pensante do grupo, resolveu fazer do grupo uma instituição para legalizar nossas ações, por necessidade de transparência e de crescimento [...] e aí eu viajei e quando retornei, eles já tinham colocado meu nome, porque achavam que tudo começou comigo e que era uma forma de me homenagear [...] eu nem fui consultada, quando vi já tava lá [...] e aí pelas eleições nas Assembléias, eles resolveram que eu ia ser a Presidente de Honra e hoje sou [...] era apenas uma questão de necessidade de alguém responder [...] e eu sei que todos que trabalham aqui zelam muito pela transparência, porque qualquer coisa, qualquer deslize, eu sou a responsável [...] entendeu! (Fonte: relatos da entrevista).

Na segunda entrevista, tem-se U.R., 30 anos, uma advogada, filha de uma funcionária pública estadual e de um engenheiro agrônomo, e atua como Diretora-Presidente do GACC há sete anos. A partir de sua trajetória, observa-se que aos 16 anos iniciou sua participação em um grupo que atua na mobilização da causa do câncer direcionado a adultos e idosos. A passagem por esse grupo possibilitou a formação de saberes e aprendizado que se tornaram imprescindíveis para inseri-la em um novo grupo constituído por sua genitora. Deste modo, é possível perceber que desde a fundação do grupo, a entrevistada sempre fez parte de algum cargo de diretoria.

Caso 2:

Como foi definido o cargo de Diretor-Presidente? Minha mãe, minha irmã, eu e mais duas pessoas amigas de minha mãe, que no momento não lembro os nomes, fundamos o GACC em 1999 [...] e eu sempre fiz parte da direção [...] fui Diretora-Financeira, depois Vice-Presidente e depois Presidente [...] na verdade, minha mãe foi a primeira Presidente do grupo e ficou no GACC durante uns quatro anos [...] hoje ela não tem mais vínculo... **E como ocorreu o processo de ocupação desse cargo?** Todo processo no GACC dispõe de um estatuto e esse estatuto fica a disposição da diretoria. Então, a partir do momento em que é feito cada término de mandato você deixa a disposição, mas, como ninguém consegue se dispor nesse período, que é muito difícil você assumir um compromisso de gerir uma instituição como essa, então sempre foi deixada em aberto, e eu fui sempre assumindo pela responsabilidade que me cabia e pela responsabilidade de me direcionar como Diretora-Presidente até

hoje, pela responsabilidade, pelo compromisso, pela dedicação ao qual eu me empenhei, até mesmo como fundadora e o estatuto permite essa recomendação. Então, em virtude dessa recomendação e de não ter voluntários a disposição para assumir, eu fui e estou até hoje. (Fonte: relatos da entrevista).

Em relação aos demais cargos de direção, conta-se que o posto de primeiro secretário na AVOSOS é ocupado por uma integrante do grupo de fundadores e que desde a constituição da organização, mesmo passando por votações em Assembléias, esse cargo somente foi ocupado por uma mesma pessoa. Diante da observação em campo, verificou-se que mesmo existindo o cargo de vice-presidente, é a primeira secretária, depois da função de Diretor-Presidente, que possui um cargo de destaque no grupo sendo considerada como ‘braço direito’ da presidência. Essa função é executada pela entrevistada J.M., 58 anos, que se reuniu junto à pioneira da mobilização R.W., 80 anos, três anos após a sua iniciativa de ajudar pessoas com câncer. O seu engajamento ocorreu por meio da relação de amizade entre elas principalmente nos trabalhos do grupo espírita que frequentavam. Além disso, sua atuação como funcionária pública durante nove anos no serviço público estadual, lhe garantiu recursos imprescindíveis para alcançar um cargo de hierarquia no grupo, já que adquiriu experiências como atendente, tesoureira, na área de recursos humanos em seu antigo emprego. Tal entrevistada revelou que todo aprendizado no serviço público foi de grande importância para seu enquadramento na equipe de dirigentes, no qual os recursos acumulados na profissão puderam ser reconvertidos numa determinada função administrativa dentro da AVOSOS. Essa afirmação é de J.M., 58 anos, com ensino médio completo, ex-funcionária pública e atualmente dona de casa, filha de uma dona de casa e um motorista de táxi, e que ocupa um cargo de expressão na AVOSOS:

Caso 3:

Comecei a trabalhar com 14 anos na COHAB que hoje é CEHOP, como office girl, atendente [...] trabalhei onze anos ao todo, não só na COHAB! trabalhei na COHAB e depois fui trabalhar na Telergipe e depois casei, mas continuei trabalhando, até quando engravidei e deixei o trabalho para me dedicar aos filhos e não me arrependi! Na verdade tudo que eu aprendi naquela época nos setores da COHAB como atendente, tesoureira, recursos humanos, que também fazia um trabalho de serviço social muito bom naquela época, que era de captar os usuários que iriam receber aquelas casas que a COHAB construía [...] tinha todo esse trabalho de assistente social [...] então a gente se envolve naquela coisa toda e você vai acumulando [...] na época eu não sabia pra quê [...] mas, quando entrei na AVOSOS, quando fundamos, aí veio à tona todo aquele conhecimento que eu tive naquela época que é o que hoje me dá noção [...] claro que nesse período a gente lê muito, pesquisa muito, e eu sou uma pessoa que leio bastante [...] então eu não me desatualizei, a ponto de hoje aqui na AVOSOS eu ser uma das fundadoras e dirigentes, mas eu sei que quem foi montando todos os setores na verdade fomos nós, nós, eu falo eu, W.M e R.W! [...] mas, administrativamente quem foi montando fomos nós, porque a AVOSOS tem 23 anos [...] por isso hoje eu tenho muita coisa de contabilidade, muita coisa de recursos humanos, de serviço social, de pedagogia, por que sempre tive de tudo um pouco [...] por isso deu no que deu o meu papel aqui na AVOSOS em administrar. (Fonte: relatos da entrevista).

Situação parecida ocorre com o atual gerente administrativo da AVOSOS, W.M., 60 anos, que mesmo exercendo sua função fora do quadro da diretoria executiva há cinco anos, encontra-se entre os principais líderes da organização. Sua respectiva trajetória social e envolvimento no grupo colaboram para compor um “capital político e simbólico” (BOURDIEU, 1997; GAGLIETTI, 2003), pois a sua adesão ocorre em um momento decisivo para constituição da instituição. Tal militante carrega na bagagem recursos propício para organizar e formalizar o grupo, no qual sua experiência em grupos associativos possibilitou a conversão de um capital político, elementos que contribuíram para ativar e manter funcionando o grupo. O envolvimento do entrevistado na causa ocorreu por meio de vínculos sociais - sua esposa (J.M.) o influenciou na adesão e por conhecer (R.W.), pioneira da ideia, no grupo espírita – e por apresentar habilidades adquiridas em espaços sindicais favoráveis para sua adesão e possível ocupação em um cargo de direção. Em sua trajetória de vida, verificou-se que além de possuir uma escolaridade de nível superior e apreendido experiências no grupo espírita, durante sua fase profissional como professor de química na rede de Ensino Técnico Federal, teve envolvimento com questões políticas voltadas a sua categoria, no qual o engajamento e empenho diante do sindicato contribuíram para torná-lo Presidente. Além disso, nesse seu trajeto o entrevistado ocupou cargos como coordenador do ensino médio em duas escolas estaduais, em uma escola técnica federal foi coordenador do curso de química e diretor assistente de departamento, além de ter ocupado o cargo de Diretor Administrativo na AVOSOS durante mais de dez anos de maneira voluntária, até ser indicado para ser o Gerente Administrativo (com remuneração). Todas essas experiências possibilitaram ao entrevistado “possuir um curriculum de realizações práticas na sua trajetória política” (GAGLIETTI, 2003, p 111) que contribuiu para introduzi-lo no grupo e na causa específica, propiciando também, o aprimoramento de suas habilidades permitindo reconhecer os principais atributos que podem ser alcançados com a sua participação. A entrevista de W. M., 60 anos, com ensino superior completo, professor de química aposentado, filho de um funcionário público federal aposentado e uma dona de casa, e Gerente administrativo da AVOSOS, demonstra como se realizou sua adesão na causa:

Caso 4:

Antes de me engajar na AVOSOS eu participei muito na questão política da Escola Técnica [...] eu participei efetivamente porque assumi a Associação de lá, e então me interei na questão política para discutir a questão educacional da escola técnica [...] praticamente me engajei bastante [...] a ideia veio com a minha participação e do engajamento com outras escolas técnicas de fora [...] mas era uma questão política, não no sentido partidário, mas voltado para educação, dos benefícios dos funcionários, onde na década de 80 foi o auge no serviço público [...] e aí, eu resgatei a associação de

lá, que era muito parada e só tinha atividade recreativa [...] eu resgatei no sentido de debater problemas de ordem interna, discutir os direitos, discutir a questão política escolar [...] essa minha integração me deu a percepção do que seria participa.. **E como ocorreu essa sua participação na AVOSOS?** No tempo eu dava aulas e participava também do centro espírita como minha esposa, porque meus horários eram flexíveis. E o grupo espírita se você for analisar, é uma ONG! Que é a mesma coisa, só que é uma ajuda espiritual, ajuda de aconselhamento, entendeu! não é diferente de cá [...] apesar de que no grupo espírita, você doa alimento, cesta básica, entendeu! [...] é mais uma coisa pessoal e que também tem relação [...] só que a carência de cá era outra [...] então, aí eu já tinha essa formação do grupo espírita associada a minha participação na Associação. E depois de um ano e pouco que minha esposa já estava participando do grupo, ela me convidou e eu passei a acompanhá-la [...] aí conheci (R.W.) [...] dois anos depois, já tinha onze pessoas no grupo e aí a gente tava recebendo dinheiro, doações, alimentos e tínhamos que passar recibo e tal [...] e aí pela minha experiência em associações e eu já tinha uma idéia do que era uma ONG, me propus a formalizar o grupo. (W.M. Gerente da AVOSOS).

O fato de estes entrevistados ocuparem os principais postos de diretoria, e, sobretudo, pertencerem ao grupo de fundadores, atribui-lhes maior grau de responsabilidade para gerir a instituição, estando assim, habilitado para proceder como representante das organizações em eventos interno e externo. Estes recursos lhes conferem um maior reconhecimento em meio aos demais integrantes, e permite-lhes, dentre outros, coordenarem os principais eventos, negociar e fazer acordos de interesses para a Associação.

Em relação aos demais membros da AVOSOS que compõe a equipe executiva, cabe ressaltar que antes de adentrarem no grupo, os entrevistados passaram por um curso de capacitação para voluntários, ao contrário da equipe de fundadores. No entanto, das três entrevistadas que completa esse quadro, duas antes de serem indicadas para os cargos de primeira e segunda tesoureira, passaram por outro órgão do grupo, o conselho fiscal, um setor de atividades financeiras e de contabilidade que só pode ser ocupado por associados efetivos ou fundadores. Neste setor, os entrevistados aprendem como fiscalizar a organização, examinar contas, documentos, elaborar relatório de atividades, fazer balanços. Ou seja, assimilam e aperfeiçoam técnicas que aprimoram suas habilidades, e ao mesmo tempo, auxilia o desenvolvimento de sua percepção, que a depender do desempenho de cada um, pode ser mobilizado para ascensão de cargos no grupo. Nesse caso, é entender o “sentido do jogo” (BOURDIEU, 1996: 144), é saber jogar e ter a compreensão do jogo em que está inserido. Além disso, a participação assídua dos voluntários nos eventos do grupo, também é levada em consideração, fato este que é destacado pelos entrevistados. Nesse sentido, podemos destacar os casos de N.M., 58 anos e E.B., 42 anos que há dez anos estão engajadas na AVOSOS.

No caso de N.M., 58 anos, uma professora aposentada, com ensino superior completo, pós-graduada e filha de feirantes, seu envolvimento com algum setor administrativo na AVOSOS ocorreu um ano após a sua adesão ao grupo, no qual foi convidada por alguém do

grupo de fundadores para integrar o conselho fiscal. Após três anos de mandatos no conselho, foi convidada para integrar a diretoria executiva no cargo de segunda secretária, no qual passou mais três anos e atualmente ocupa o cargo de primeira tesoureira. Antes de adentrar na AVOSOS, a entrevistada teve envolvimento com o Sindicato de Trabalhadores da Educação de Sergipe (SINTESE), através de assembléias, reuniões, passeatas e manifestações da categoria. No final de sua carreira como professora, N.M., engajou-se na causa do câncer, segundo ela, a fim de preencher um vazio deixado pela morte de um parente. No entanto, percebe-se que os longos anos militando no movimento sindical contribuiu para direcioná-la a um cargo ou setor de maior responsabilidade no grupo, visto que, os diversos capitais que detém, davam-lhe condições de assumir e integrar esse tipo de função.

Em relação à entrevistada E.B., 42 anos, com ensino superior incompleto, técnica em enfermagem, filha de uma dona de casa e um autônomo, sua adesão a AVOSOS ocorreu um ano após a morte de seu marido, que tinha câncer. Durante o período que acompanhava o marido no tratamento da doença, conheceu o trabalho da AVOSOS, pois na ocasião a organização administrava o centro de Oncologia de um hospital público de Aracaju. Após o contato com voluntários do grupo, interessou-se em visitar a sede da AVOSOS e decidiu se engajar como voluntária. Fez sua inscrição no curso de capacitação e em seguida iniciou suas atividades na ala de recreação ao passo que fazia visitas às famílias dos assistidos. Durante o período de participação na AVOSOS, a entrevistada esteve engajada com muita frequência nas reuniões e decisões do condomínio em que mora. Tal envolvimento a possibilitou ser indicada para o grupo do conselho fiscal durante três anos, e em seguida, assumir o cargo de índica do prédio por duas gestões consecutivas. Nesse seu trajeto como síndica, E.B. foi convidada na AVOSOS para fazer parte do conselho fiscal por três anos e até o momento da pesquisa estava ocupando o cargo de segunda tesoureira. De certo modo, verifica-se na trajetória social dessa entrevistada, que as habilidades apreendidas no espaço associativo foram, dentre outros, elementos significativos para sua indicação e ascensão a postos de direção.

Há, contudo, o caso de J.C., 67 anos, uma professora aposentada, filha de uma professora primária e de um agropecuário, que participa da AVOSOS há sete anos e atualmente ocupa o cargo de segunda secretária. Ao contrário das duas entrevistadas citadas anteriormente, J.C. não teve passagem pelo conselho fiscal ou outro setor administrativo do grupo, antes de ocupar o um posto de diretoria. Diante da sua trajetória social, percebe-se que a entrevistada sempre esteve engajada em algum tipo de mobilização ou assumindo algum cargo de direção, o que colaborou para que acúmulo de diversos tipos de capitais fosse

fundamental para sua indicação em tal cargo. Diante de sua trajetória social, percebe-se que sua ascensão ao posto de diretoria no grupo ocorreu devido a sua “posição ocupada em diferentes campos e a partir do trabalho social acumulado” (BOURDIEU, 1997: 135) advindo das relações estabelecidas em diversos espaços sociais. Pode-se considerar, dentre alguns capitais que ajudam a compor a posição da militante, a sua passagem em movimentos estudantis (DCE e JUC); a participação em meios partidários, mesmo não sendo filiada; vínculos sociais com pessoas conhecidas no cenário político; ocupação de cargos de diretoria em secretarias do Estado de Sergipe e em organização filantrópica; relação matrimonial com um ex-deputado estadual e federal. Como declara nas entrevistas, adentrou na AVOSOS na fase da aposentadoria em um momento em que seu conjugue já estava afastado da política. Antes do seu engajamento na causa, a entrevistada relata que fazia doações financeiras e materiais ao grupo e foi a partir daí que se interessou em ser uma voluntária, sendo orientada para fazer um curso de capacitação. Após quase três anos participando das atividades e em projetos, foi indicada pela diretora da casa para ocupar um cargo de diretoria na AVOSOS. Mesmo diante de tantos capitais adquiridos em sua trajetória que a torna capacitada para assumir um cargo de diretoria o grupo, o curto período de tempo engajada no grupo, não foi um obstáculo para ascender sua posição no grupo. No entanto, além dos elementos identificados anteriormente, que demonstra as diferentes experiências da militante, durante a entrevista J.C. deixa escapar que uma das pessoas que a indicou, já tinha trabalhado como secretária de seu esposo em um setor público do Estado. Desta forma, tem-se que além de sua efetiva participação no grupo, o conhecimento de pessoas que fazem parte da diretoria colaborou para elevar o seu capital social, no qual o “volume de global de capitais” definiu o seu acesso a um cargo de diretoria na AVOSOS.

Caso 5:

Antes de participar da AVOSOS eu morava em Brasília [...] morei lá durante nove anos e quando voltei eu queria fazer alguma coisa [...] mas eu queria ir para um lugar que ninguém me conhecesse, porque muita gente me conhecendo poderia pensar que eu estava indo lá por interesse político, embora meu marido não tivesse mais mandato no legislativo [...] mas sei lá, de repente poderiam achar que ele poderia voltar [...] não que eu estivesse me escondendo, mas eu queria que as pessoas não me vissem como (J.C.), mulher do ex-deputado, mas que fosse eu, (J.C.), uma ilustre desconhecida [...] aí fiquei pensando até que um dia me lembrei da AVOSOS [...] eu já conhecia a história de (R.W.) e eu só a conhecia assim, socialmente, porque ela morou em frente à casa de minha irmã [...] e aí fui um dia lá e comecei a fazer doações materiais e financeiras [...] foi quando em seguida eu fiz um curso para voluntária, isso já tem uns seis anos [...] em seguida comecei a participar na brinquedoteca e depois para ir fazer visitas nos hospitais [...] hoje tomo conta da lojinha que tem aqui. Para mim, nada disso aqui foi novidade, porque eu dirigi por dois anos uma instituição filantrópica para leprosos que era administrada pelo Estado. **E como ocorreu essa sua indicação para o cargo de diretoria?** No ano retrasado, (J.M.) e (R.W.) me convidou para fazer parte da diretoria [...] depois fizeram a assembléia e

fui eleita como segunda secretária. **E há quanto tempo ocupa este cargo?** Há três anos. (J.C. Voluntária e dirigente da AVOSOS).

Na análise empreendida junto aos entrevistados do GACC, considerou-se que o processo de ascensão aos cargos de diretoria foi realizado por meio de relações pessoais e de confiança, visto que, a participação frequente nos trabalhos do grupo e a extrema dedicação a causa, tornaram-se recursos para serem indicados a postos de direção. Nessa situação, encontram-se três entrevistados que após um ano de participação no grupo foram direcionados para uma função na diretoria. No entanto, mesmo não pertencendo ao grupo de fundadores, observa-se que estas são as pessoas mais antigas do grupo e que não passaram por algum curso de capacitação antes de adentrar na causa. Dos três entrevistados que fecham o quadro de diretoria do GACC, tem-se uma que passou rapidamente pelo conselho fiscal antes de integrar a diretoria e por fim, dois que chamam atenção por serem irmãos e executarem cargos de direção no mesmo grupo.

Em relação aos entrevistados do GACC, pode-se dizer que é a partir da integração na causa que estes passaram a ganhar experiência sobre a prática política desenvolvendo a capacidade de saber o que dizer sobre a causa, de representar o grupo, ou seja, adquirem aprendizados que proporcionam uma percepção de como agir neste espaço. Assim, dos três entrevistados, verificou-se que dois iniciaram o curso superior quando já estavam integrados ao grupo dando a entender um tipo de investimento pessoal para fins militante e para o prolongamento na causa.

Um dos entrevistados, F.G., 27 anos, com ensino superior incompleto na área de comunicação social, filho de uma lavadeira e de um soldador, engajou-se no GACC aos 17 anos participando como voluntário em diversas atividades. Em seu depoimento relata que antes de se engajar no GACC, trabalhou como Office boy em um setor público estadual e um ano depois, tomou a iniciativa de participar em uma causa social. Tal fato aconteceu após seu irmão ter lhe comentado sobre uma divulgação que tinha visto sobre o GACC, mobilizando pessoas para se tornar um voluntário e foi a partir daí, que procurou o grupo e se engajou na causa. Com tempo, o entrevistado começou a se destacar nas atividades, nos projetos, passando a formular ideias para os membros da diretoria visando dar uma maior visibilidade ao grupo. Assim, voltou-se a buscar patrocínio com artistas locais, nacionais, ter contato com a imprensa criando mecanismos para divulgar a causa. Mesmo sem ter ou estar cursando o ensino superior, os diretores da época resolveram criar uma nova diretoria, a diretoria de comunicação social, e nomear tal entrevistado para o cargo. Com esse cargo no grupo, o

entrevistado decidiu ingressar no curso de Comunicação Social no sentido de aprimorar seus conhecimentos sobre a área, com vistas a garantir um reconhecimento de sua competência técnica, e ao mesmo tempo, como dirigente. Assim, o capital simbólico – influência e prestígio – adquirido junto a pessoas do meio artístico e em alguns setores de comunicação, foi determinante para tornar-se um funcionário efetivo do grupo assumindo o posto de Supervisor de Comunicação em 2008. Mesmo atuando como voluntário durante muito tempo na causa, F.G. declara que a ascensão a um cargo com remuneração contribuiu para dar-lhe uma maior segurança e obrigação de continuar na causa. Esse fato deixa claro que tal conquista funcionou como uma espécie de retribuição advinda de sua dedicação e atuação militante.

Fato parecido encontra-se no caso de A.L., 35 anos, irmão do militante citado anteriormente. Nesse caso, verifica-se que a entrada dele na causa ocorreu meses após a fundação da instituição. De acordo com o entrevistado, sua ascensão a um cargo de diretoria realizou-se em torno de um ano após a sua adesão na causa. Dentre algumas atividades desenvolvidas com a sua participação antes de tornar-se membro da diretoria, tem-se viagens e visitas aos pacientes, foi recepcionista, participou da elaboração de folhetos e jornais explicativos, panfletagens e divulgação sobre a causa e atuou em atividades administrativas. Desta forma, percebe-se que se está diante de aprendizados conferidos pela militância, de competências que propiciam a um “capital militante” (MATONTI; POUPEAU, 2004) e a uma oportunidade de reconhecimento para ocupar um cargo de maior importância no grupo.

Mesmo assim, toma como surpresa a sua indicação para o cargo de diretor financeiro pelo fato de serem pessoas novas no grupo e não fazer parte do grupo de fundadores. No entanto, verifica-se em seu depoimento que antes de adentrar no GACC, (A.L.) trabalhou como analista financeiro em uma empresa particular, no qual o envolvimento e aperfeiçoamento em tal área foram significativos para reconverter sua posição no grupo. Do mesmo modo, é a partir de sua integração na diretoria que este ingressa no ensino superior no curso de economia, e neste sentido, pode-se falar em uma “formação escolar direcionada para a profissionalização dos integrantes e suas atividades” (OLIVEIRA, 2008: 751) como recurso para permanência na causa.

E por fim, tem-se o trajeto da dona de casa F.M., 45 anos, com ensino médio completo, filha de uma dona de casa e de um carpinteiro e casada com um engenheiro agrônomo. O interesse pela causa aconteceu devido a relações de amizades estabelecidas com pessoas envolvidas no GACC, nesse caso uma das irmãs de U.R. uma das fundadoras, que frequentava o mesmo grupo espírita da entrevistada. Assim, ingressou no GACC no final de

2000 quando tinha 35 anos. Pelo fato de ser uma voluntária frequente e empenhada nas atividades do grupo, foi primeiramente indicada para fazer parte do conselho fiscal e devido ao reconhecimento pelos trabalhos desenvolvidos conseguiu chegar a um posto de diretoria. Sua ascensão ao posto de diretoria está relacionada com a sua atuação no acompanhamento dos assistidos da casa, uma vez que desenvolvia um tipo de trabalho semelhante ao de um assistente social. Foi a partir daí que U.R. e F.G., principais dirigentes, resolveram criar a Diretoria de Atendimento ao Paciente como parte integrante da Diretoria Executiva e nomear a entrevistada a tal posto, no qual ocupa há aproximadamente cinco anos.

Um fato que chamou atenção durante a pesquisa, diz respeito à ocultação na fala dos entrevistados no que se refere a outros grupos que atuam na mesma causa na cidade de Aracaju. Nota-se, sobretudo, que quando se interrogou sobre as relações que possuem com outros espaços de militância, os representantes dos grupos preferem não mencionar nomes de outros grupos locais que militam na causa oncológica infanto-juvenil. O que vigora diante de tal assunto é que, parece haver um tipo de individualismo dos grupos e por isso procuram ocultar as ações que outros grupos desenvolvem.

Desta forma, pode-se dizer que há um tipo de luta entre os respectivos grupos para poderem se legitimar no campo da militância oncológica. Assim, tentam buscar vínculos com instituições que militam na mesma causa, mas que atuam fora do Estado de Sergipe – exceto o contato que ambas possuem com a AMO, grupo que desenvolve trabalhos na causa do câncer de adultos e idosos. Como são instituições que militam com o mesmo público alvo, o câncer infanto-juvenil, cada grupo busca estratégias para se legitimar no seu campo de luta. O que dar a entender é que aquele que tiver reconhecimento e credibilidade perante a sociedade, ou diante daqueles que os patrocinam, acaba saindo com um trunfo nas mãos.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar o fenômeno da participação política de pessoas envolvidas em instituições de apoio à criança e adolescentes com câncer em Sergipe, procuramos dispor, primeiramente, sobre o processo de transformação que redefiniram as práticas políticas e sociais no Brasil e que culminou na emergência de novos espaços associativos e de novas formas de adesão.

A nossa proposta de estudo desenvolveu-se com o objetivo principal de investigar os mecanismos e lógicas sociais que estão relacionados a um tipo de engajamento político. Configurou-se, assim, em compreender o que leva indivíduos a se engajar especificamente na mobilização pela causa do câncer? E ainda, a entender por que razões estes continuam militando por uma causa na qual não são beneficiários diretos? Para tanto analisamos as relações entre características sociais como sócio-familiar, recursos sociais, sexo, idade, profissão e ação política.

Neste sentido, consideramos as organizações sociais aos quais os nossos entrevistados fazem parte, como um lugar de observação e de passagem no qual estes se reúnem. No entanto, centralizamos nosso estudo em torno dos agentes mobilizados nos grupos AVOSOS e GACC, espaços políticos cujos participantes tomam a perspectiva altruísta como um ponto de partida para praticar a filantropia. Desta forma, o universo de estudo compreendeu pessoas que estão engajadas na causa do câncer e não pessoas que estão prestes a se engajar, apesar de que, durante o nosso trabalho de campo tivemos a oportunidade de ter contato com alguns “futuros voluntários” na causa³³.

Para entender como ocorre esse processo, utilizamos como estratégia de pesquisa uma perspectiva mais qualitativa do que quantitativa baseada, sobretudo, no estudo de casos visando explicar uma realidade em particular. Neste caso, tentou-se compreender a partir das diferentes trajetórias de vida dos entrevistados como estes se direcionaram e definiram suas preferências pelas respectivas organizações investigadas.

Diante das abordagens trabalhadas ao longo deste estudo, a nossa pesquisa revelou que os mecanismos apreendidos dentre os agentes engajados na causa do câncer, não diferem das lógicas que conduzem ao engajamento individual. A partir do que foi analisado, pudemos

³³ Cabe ressaltar que tivemos contatos com alguns voluntários em cursos de capacitação realizados pelas duas instituições para recrutar novos participantes. No entanto, não pudemos fazer um estudo mais aprofundado com os novos adeptos, o que pode suscitar em pesquisas futuras.

verificar que cada entrevistado foi direcionado para o engajamento na causa do câncer movido por diferentes motivações, de acordo com a fase da vida pela qual estavam passando e com os aspectos históricos e políticos que vivenciaram. Observamos assim, que cada entrevistado possui um conjunto de características que definem à suposta razão para aderir à causa do câncer.

Podemos ressaltar, primeiramente, que a ação política dos indivíduos foi determinada pelo contexto histórico, político e social aos quais estiveram situados. Nesse caso, percebemos que a justificativa de se fazer a ação política através do engajamento na causa do câncer infanto-juvenil em Sergipe, está relacionada ao contexto que envolve a reabertura política no Brasil a partir da década de 80. Tal década foi caracterizada por uma intensa movimentação social decorrente da expansão de problemas sociais, crescimento populacional, da miséria e do desemprego e pela facilidade de divulgação e reprodução das ações coletivas pelos meios de comunicação social. Neste momento, a mobilização na causa do câncer era uma forma de reivindicar e de fazer algo para solucionar um problema social que, de certo modo, pode ser considerado como uma “anormalidade” ou “estado doentio da sociedade” (DURKHEIM; 2002). Assim, pudemos averiguar, dentre os entrevistados que pertence a “geração fundadora” da mobilização pela causa do câncer infanto-juvenil, que o contato com pessoas, dentre estas, crianças com câncer hospitalizadas e sem condições dignas de tratamento saúde, foi de grande relevância para criar uma percepção de que era preciso fazer algo e de criar estratégias de mudança no quadro que envolvia esse tipo de paciente. É a partir daí que a forma de se fazer caridade ou o engajamento filantrópico tornou-se uma das medidas para iniciar uma mobilização para um tipo específico de causa social.

Portanto, os contextos vivenciados pelos militantes contribuíram para determinar a transformação de um “cidadão passivo” para um “cidadão ativo” e está relacionada aos processos que envolvem o engajamento individual. Do mesmo modo, reconhecemos que para entender de que forma ocorreu esse processo, foi preciso levar em conta as trajetórias de cada um dos entrevistados visando identificar outros aspectos que contribuíram para os direcionarem ao engajamento na causa do câncer infanto-juvenil.

Em segundo lugar, pudemos observar que a “vontade” de engajamento não advém da natureza individual tal como os entrevistados consideram, mas é construída ao longo da vida social dos indivíduos pelos diferentes tipos de socialização e interações sociais estabelecidas por estes. Assim, vimos diante do que foi apresentado no capítulo II que desde cedo os indivíduos vão assimilando crenças e disposições adquiridas pelos diferentes processos de socialização. Tal como assinala Bourdieu (1996), esse processo ocorre desde a infância, pois

os agentes foram imersos em um universo em que são preparados e inclinados a agir em sociedade. Diante disso, muito desses aprendizados são incorporados pelos indivíduos que, de maneira inconsciente, passam a agir sem se dar conta de que esse processo foi socialmente construído pelas diferentes instituições sociais como a família, escola, religião, ambientes de trabalho, etc. É diante destes processos que os seres humanos aprendem a se realizar como indivíduos, a se tornarem pessoas realmente humanas e a serem úteis para os demais.

É partir dessas reflexões, que nos capítulos II e III pudemos identificar que por trás do modo de agir dos entrevistados há, senão, uma troca simbólica na qual, ao mesmo tempo em que o envolvimento social dos participantes da causa do câncer contribui para resolver um problema social, proporciona também uma realização pessoal. Ou seja, esse sentimento de utilidade que é colocado pelos agentes para a realização do engajamento revela que a ação não é somente direcionada para o “outro” ou “outros”, mas pode-se perceber que quem participa neste tipo de mobilização também está, de certa forma, contribuindo para o bem estar de si, mesmo que isto seja expresso de diversas formas.

Então, questiona-se sobre qual o sentido de se dedicar ao outro, de estar mobilizado em uma causa na qual os agentes tomam o “outro” como referência? Podemos dizer que o altruísmo é um sentimento construído pela sociedade e que pode ser expressado de diferentes formas e, no caso de nosso estudo, se revela a partir do engajamento na causa do câncer infanto-juvenil. No entanto, o caráter altruísta está conjugado ao ideal humanitário/religioso, haja vista que, pudemos identificar na trajetória de grande parte dos entrevistados relações comunitárias religiosas significativas que os predispueram ao engajamento pela causa do câncer.

Por outro lado, mesmo que os processos de socialização permitam moldar os comportamentos e a intenção dos entrevistados em participar do mundo social, observamos que sem as interações em redes esta conversão do interesse em ação, propriamente dita, torna-se improvável. É nesta perspectiva que pudemos identificar que mesmo que os agentes não tenham a intenção de se engajar em um tipo específico de ação coletiva, esse interesse só passa a ser possível por meio de vínculos sociais, seja de amigos, parentes, conhecimentos sobre a causa por outras fontes, enfim, por pessoas conhecidas pelos mesmos que participam ou participaram da causa ou até mesmo por terem o conhecimento sobre a causa e ação do grupo por meios informais. Deste modo, concluímos que a doença em si não os conduz para este tipo de mobilização, se estes não são influenciados por redes sociais. Ou seja, a nossa pesquisa revelou que mesmo que alguns agentes tenham amigos, parentes ou conhecidos que tem ou tiveram a doença, o interesse em participar de um tipo de mobilização como a do

câncer só é realizado quando estes têm um contato mais próximo com a doença ou com a causa, o que pôde ser demonstrado ao longo do nosso estudo. Partindo da análise feita por Passy (1998: 239) acerca do engajamento altruísta, podemos dizer que “o objeto de contestação não influencia nos mecanismos de engajamento”, o que também pode ser identificado em outros estudos que vão nessa mesma direção (FILLIEULE, 2001; ROZIER, 2002; OLIVEIRA, 2007; SIMÉANT, 2009).

Outra questão que nos foi revelada diz respeito às disponibilidades que influenciam na intensidade do engajamento na causa do câncer, destacando aqui a disponibilidade de tempo e a ocupação profissional que os entrevistados exercem na sociedade. No nosso universo de pesquisa, pudemos encontrar, na sua grande maioria, indivíduos que possuem a ocupação de dona de casa e professor, além de outros profissionais. Neste caso, a ocupação de dona de casa, – visto que, metade dos nossos entrevistados ocupa essa atividade – em parte contribui para um engajamento mais intenso na causa do câncer, devido à possibilidade de ter tempo livre para a mobilização, o que não significa dizer que ter tempo livre é um fator decisivo para tal engajamento. Entretanto, percebeu-se também dentre aqueles que exercem a profissão de professor que os mesmos foram direcionados para esse tipo de causa devido a disponibilidade de tempo flexível de alguns profissionais, da influência das redes e da interferência das relações religiosas, comunitárias e políticas encontradas na trajetória de alguns entrevistados.

Além disso, pudemos averiguar que a adesão juntamente com intensidade de engajamento na causa do câncer está relacionada ao aspecto das redes sociais, pois os vínculos adquiridos antes e após a participação aparecem como recursos associados à consolidação e efetivação do engajamento. E, por outro lado, identificamos a intensidade do engajamento atrelada à conquista de postos de comando ou pela conquista de um emprego efetivo que contribui tanto para o crescimento e organização do grupo como para uma estabilidade temporária.

A adesão e o envolvimento dos participantes na causa do câncer levaram-nos a avaliar outra questão que aparece como complementar para o engajamento individual: as retribuições. Num primeiro momento, o interesse em participar na causa está vinculado à idéia de ato gratuito, de fazer o bem a outrem sem querer nada em troca. Nesse tipo de abordagem, mostrou-se que inicialmente os indivíduos engajados na causa do câncer não são motivados por condutas racionais, mas que, de certo modo, o compromisso com a causa gera retribuições de natureza heterogênea. Por conseguinte, com base no nosso estudo, podemos estabelecer três tipos de retribuições identificados dentre os participantes da causa do câncer: a de natureza social, pessoal e material.

Identificamos o primeiro tipo de retribuição associada à natureza “social”. É preciso sublinhar que identificamos, num primeiro momento, que a ação desenvolvida pelos entrevistados está relacionada à “obrigação moral” de ajudar ao próximo, ou seja, um engajamento que envolve o compromisso de ajudar crianças e adolescentes com câncer que estão com algum tipo de dificuldade para combater a doença, seja esta financeira, social, etc. Consta-se que a grande maioria dos nossos entrevistados se encaixa neste tipo de padrão. Desta forma, os diferentes tipos de socialização, sobretudo, a familiar e religiosa, são importantes recursos para o engajamento na causa do câncer na medida em que viabilizam a disposição que estes participantes carregam. Tais participantes viram na causa uma forma de colocar em prática aquilo que aprenderam com a vida social buscando de alguma forma amenizar o sofrimento do outro e ao mesmo tempo de se tornarem realmente humanos e úteis através de sua ação social. Essa relação parece comum a todos que representam esse padrão e o empenho na resolução de um tipo de problema, que de certa forma, atinge a coletividade, é trazido por estes como uma obrigação de todo ser humano. Assim, o investimento na causa resultou para estes participantes a ampliação de vínculos sociais, a obtenção e reconversão de um status social, a retirada do isolamento social, um possível relacionamento de interesse amoroso, além de reconhecimentos simbólicos como o prestígio de estar fazendo parte de uma causa social, dentre outros.

O segundo tipo de retribuição identificada está relacionado à natureza “individual” e é definida pelo “reconhecimento de si”. Pudemos verificar que as pessoas que se encaixam nesse padrão acreditam que a sua integração na causa contribui para elevar a sua auto-estima, pois acreditam que estão sendo útil, que sua atitude pode ajudar a viver melhor e que, desta forma, estão contribuindo para um crescimento singular. Essa inserção funciona como uma maneira de reconhecer que a sua ação somada a dos demais é capaz de fazer a diferença. Neste caso, pode dizer que engajamento social e realização pessoal se complementam.

E por fim, identificamos a retribuição relacionado à natureza material, na qual a devoção e empenho na causa resultaram na conquista de uma atividade remunerada dentro dos grupos aos quais militam. O emprego, neste caso, permitiu que alguns entrevistados pudessem se dedicar à causa de maneira constante, pois os obriga a terem uma maior responsabilidade diante dos cargos que ocupam. De fato, isso também permite diferenciar as suas respectivas posições sociais em meio aos demais membros dos grupos. Assim, verificou-se dentre os entrevistados que se encaixam neste tipo de padrão que a conquista de um cargo remunerado possui significados diferenciados. De um lado, tem-se aquele que considera a garantia de um emprego – além de entender que a chegada a um cargo remunerado é uma

forma de realizar um maior crescimento e organização do grupo – como uma forma de alcançar uma estabilidade financeira, já que tal conquista ocorre em um momento em que o agente estava buscando meios de adentrar no mercado de trabalho. Por outro lado, tem-se aquele que considerou a efetivação de um cargo como uma renda complementar, pois a indicação para tal posto foi uma forma de complementar a sua aposentadoria. Neste caso, o investimento na causa surgiria como uma possibilidade de adquirir ganhos de caráter simbólico e conforme sugere Gaglietti (2003: 139) seria “uma forma de adquirir, preservar ou ampliar a notoriedade o prestígio desejados”.

Desta forma, podemos observar a partir de Gaglietti (2003: 139) que “o eventual exercício de um cargo é, sobretudo uma oportunidade ou um instrumento de manifestar a sua fidelidade à ‘causa’” e, também, uma forma de criar estratégias para uma carreira militante, visto que, é possível notar que alguns dos recursos adquiridos pela militância na causa do câncer foram de grande importância para reconverterem suas posições dentro e fora dos grupos contribuindo assim, em um dos casos, para a ascensão em cargos de grande importância no campo da militância do câncer infanto-juvenil em um nível nacional. Neste tipo de abordagem percebemos que tais gratificações foram resultados da dedicação constante na causa e gerados, inicialmente, sem a intenção de que isto poderia acontecer.

Desta forma, cabe-nos então, retornar ao problema de pesquisa sobre o que leva os indivíduos ao engajamento individual na causa do câncer infanto-juvenil, haja vista que, podemos considerar que tal interesse pode variar conforme as trajetórias e a combinação de recursos os quais estruturam as configurações de suas práticas políticas, além dos significados que o engajamento vai representar para o participante.

E por fim, pelo que pudemos analisar ao longo deste estudo, consideramos o engajamento ou participação política como uma troca coletiva ou simbólica em que os agentes envolvidos na mobilização do câncer infanto-juvenil colaboram mesmo sem saber e sem estarem combinados para uma lógica de reciprocidade. Partindo da análise feita por Bourdieu (1996) sobre a lógica do “toma lá, dá cá” podemos dizer que o que se tem nessa relação do desinteresse “são agentes ou grupos socialmente predispostos a entrar, sem intenção ou cálculo, no jogo da troca” (BOURDIEU, 1996: 165). Desta forma, tentamos demonstrar a partir das relações que envolvem o engajamento pela causa do câncer que isto é construído de maneira recíproca, no qual os indivíduos enquanto viverem em sociedade, precisam estabelecer relações de trocas de maneira constante. É isso que rege os grupos, a sociedade. Isso pode ser visto a partir das ações desempenhadas pelos voluntários entrevistados. Muitas vezes achamos que estamos contribuindo para nossa individualidade, quando na verdade,

contribuímos para ambas as partes, tanto para a natureza individual como para a coletiva. Assim, todos ao longo de sua vida, mesmo sem se dar conta, vão incorporando aprendizados e criando disposições, que o direcionam para se integrar a realidade social e ao mesmo tempo contribuir com a sociedade.

Assim, este trabalho buscou explicar sobre um fenômeno social e ao mesmo tempo contribuir para pesquisas ou estudos que envolvam os processos de engajamento individual existentes nas diversas esferas de politização e, no nosso caso, os que envolvem o campo dos movimentos sociais.

VI - REFERÊNCIAS

AGRIKOLIANSKY, Eric. Carrières militantes, et vocation à la morale: les militants de la Ligue des droits de l'homme dans les années 1980. **Revue française de science politique**, Année, v. 51, n.º 1, p. 27-46, 2001.

AVOSOS (Associação de Voluntários a Serviço da Oncologia em Sergipe). **Movimento de voluntários nas instituições de apoio a criança e ao adolescente com câncer no Brasil**. Aracaju/SE: Ed: J. Andrade, Outubro, 2008.

BARRETO, Eliana Maria Teixeira Barreto. Acontecimentos que fizeram a história da oncologia no Brasil: Instituto Nacional de Câncer (INCA). **Revista Brasileira de Cancerologia**. 51 (3): 267-275, Rio de Janeiro, 2005.

BARTHÉLÉMY, Martine. Le militantisme associatif. In: PERRINEAU, Pascal (org.). **L'engagement politique: declin ou mutation? Paris**: Presses de La Fondations Nationale des Sciences Politiques, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Lisboa: Difel. 2007.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude e PASSSERON, Jean-Claude. Ofício de sociólogo. **Metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

CARVALHO, Fátima Mendes. **A trajetória histórica do Instituto nacional do câncer e do Brasil em relação a sua responsabilidade pública e a cidadania brasileira**. Universidade Cândido Mendes. TCC apresentado no curso de Pós Graduação “Lato Sensu” em Gestão Pública. Novembro de 2008.

CASCAIS, Ana Filipa M. V; MARTINI, Jussara G; ALMEIDA, Paulo J. S. Representações sociais da pessoa estomizada sobre o câncer. **Revista enfermagem**. UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

CORADINI, Odaci Luiz. Escolarização, militantismo e mecanismos de “participação” política. In: HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de, TEIXEIRA, Carla Costa, BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. (organizadoras). **Como se fazem eleições no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

DAGNINO, Evelina. **Cultura, cidadania e democracia**: a transformação dos discursos e praticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, Sônia E; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (orgs.). **Cultura política nos movimentos sociais latino-americanos**. BH: EDUFMG, 2000.

DOIMO, Ana Maria. **Pluralidade religiosa à brasileira, associativismo e movimentos sociais em São Paulo**. In.: AVRITZER, Leonardo. A participação em São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Ed: Martin Claret, São Paulo, 2002.

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, nº 1-2, février-avril, p. 199-215, 2001.

GAGLIETTI, Mauro. **PT: ambivalências de uma militância**. Porto Alegre: Da Casa/Palmarinca, 2003.

GAXIE, Daniel. Économie des partis et rétributions du militantisme. **Revue française de science politique**, Année, Volume 27, Numéro 1, p. 123 – 154, 1977.

_____. Appréhensions du politique et mobilisations des expériences sociales. **Revue française de science politique**, Année 2002, Volume 52, Numéro 2. p. 145 – 178.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. **Caridade, assistência social, política e cidadania: práticas e reflexões no espiritismo**. In: LANDIM, Leilah (Org.). Ações em sociedade – militância, caridade, assistência, etc. Rio de Janeiro, Nau – Instituto de estudos da religião (ISER), 1998.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3ª Ed. São Paulo, Cortez, 2005.

ION, Jacques. L'évolution des formes de l'engagement public. In: PERRINEAU, Pascal (org.). **L'engagement politique: déclin ou mutation?** Paris: Presses de La Fondations Nationale des Sciences Politiques, 1994.

INCA. **Revista Rede Câncer**. Publicação trimestral do Instituto Nacional do Câncer. RJ, nº 01, Maio de 2007.

INCA. **Câncer da Criança e do adolescente no Brasil: dados e registros de base populacional e de mortalidade**. Instituto Nacional de Câncer, Rio de Janeiro: INCA, 2008.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANDIM, Leilah. **Para além do mercado e do Estado?** Filantropia e cidadania no Brasil. Rio de Janeiro: ISER. 1993.

_____. **Ações em sociedade** – militância, caridade, assistência, etc. Rio de Janeiro, Nau – Instituto de estudos da religião (ISER), 1998.

LANDIM, Leilah & CARVALHO, Luiz Antonio de. **Projeto transparência e prestação de contas da sociedade civil na América Latina**. Relatório final para o Seminário Internacional. UFRJ, 2006/2007.

LAVILLE, Jean-Louis. Fato associativo e economia solidária. Bahia Análise & Dados. Salvador, **SEI**. v. 12, n.1, p. 25-34, Junho 2002.

LIMA, Vilma Soares de. **O terceiro setor em Aracaju: Associativismo assistencial e cidadania**. Monografia. São Cristóvão: UFS, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e d aventura dos nativos nos arquipélagos na Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (os pensadores).

MATONTI, F & POUPEAU, F. **O capital militante**: tentativa de definição. Tradução de “Le capital militant: essai de définition”. In: actes de La recherche em sciences sociales, nº 155, 2004.

MEMMI, Dominique. L’Engajamento politique. In.: GRAWITZ, M. & LECA, J. **Traité de Science Politique**, vol. 3, L’action politique. Paris, PUF, p. 310 – 366, 1985.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, 1997.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

OLIVEIRA, Wilson. J. F. de. **Elites culturais, militantismo e participação na defesa de causas ambientais**. In.: CORADINI, Odaci Luis. (org.). Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: estudos recentes. Porto Alegre: UFRGS, 2008 a.

_____. **Abertura política, militância múltipla e proliferação de protestos públicos em defesa de causas ambientais**. Cadernos CERU (USP), 2008 b.

_____. Engajamento Político, competência e elites dirigentes do movimento ambientalista. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, v. 16, n. 30, p. 167-186, 2008c.

_____. Gênese e redefinições de militantismo ambientalista no Brasil. **Artigo da Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 51, nº 3, 2008d.

_____. **Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais.** In: Anais do II Seminário Nacional: Movimentos sociais, participação e democracia. Florianópolis: UFSC, Brasil, 2007.

PAOLI, Maria Célia. **Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil.** In: SANTOS, Boaventura S. Democratizar e democracia: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PASSY, Florence. **L'action Altruiste: Contraites et opportunités de l'engagement dans les mouvements sociaux.** Librairie Droz S.A, Genève, 1998.

PERRINEAU, Pascal. **L'engagement politique: declin ou mutation?** Paris: Presses de La Fondations Nationale des Sciences Politiques, 1994.

PETRARCA, Fernanda Rio. Carreira militante, inserção profissional e exercício do jornalismo no Rio Grande do Sul. **Revista política & sociedade.** Edição nº 13, outubro de 2008.

PINELL, Patrice. Fléau moderne et médecine d'avenir. In: **Actes de la recherche en sciences sociales.** Vol. 68, juin 1987.

REIS, Eliana Tavares dos. **A “arte” da intervenção política:** carreiras e destinos de protagonistas que lutaram contra a ditadura no Rio Grande do Sul. In: CORADINI, O. L. Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ROZIER, Sabine. Les justifications de l'engagement. In: COLLOVALD, Annie (Org.). **L'humanitaire ou la management des dévouements:** enquête sur um militantismo de solidarité internationale em faveur Du Tiers-Monde. Presses Universitaires de Rennes, 2002.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena:** experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAINT-MARTIN, Monique de. **Uma “boa” educação.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 66. Abril de 1999.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras:** ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEIDL, Ernesto. Engajamento e militância associativa em Sergipe: modalidades, recursos e itinerários. **Cadernos CERU (USP)**, 2008.

_____. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições** (Unicamp), 2009.

SIMÉANT, Johanna. Socialisation catholique et biens de salut dans quatre ONG humanitaires françaises. Le mouvement social. In: La Découverte, **Revista eletrônica CAIRN.** nº 227, p.101 – 122, 2009.

_____. Philanthrope et féministe: Itinéraire d'une bourgeoise picarde et vision de La famille ouvrière. *Revue Sociétés contemporaines*: Paris, 2003, nº 52, p. 123-140.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. O câncer na mira da medicina brasileira. **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1. P. 104-117, jan/jun 2009.

TELLES, Vera. **Sociedade civil e a construção de espaços públicos**. In: DAGNINO, Evelina (org). *Anos 90: Política e sociedade no Brasil*. SP: Brasiliense, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2007.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. Ed.: Martin Claret, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – Questionário

1- Sexo: () Feminino () Masculino

2 – Ano de nascimento e Idade:

3 – Estado Civil: _____

4 – Local de nascimento:

5 – Escolaridade:

Fundamental () Médio() Graduação () Especialização ()

Mestrado () Doutorado ()

Área de graduação _____

Área de pós-graduação _____

5.1 Onde concluiu o ensino fundamental? E o médio?

5.2 Onde concluiu o ensino superior?(caso tenha pós-graduação) e a pós-graduação?

6 - Qual a ocupação profissional antes de engajar-se na causa do câncer?

6.1 - Principal atividade profissional atualmente?

7 – Qual a sua situação socioeconômica?

Baixa () Média () Alta () Outros: _____

8 – Qual a profissão dos seus pais e quais as respectivas escolaridades?

Profissão

Escolaridade

Pai:

Mãe:

9 – Possui identificação religiosa: Sim () Não ()

Qual? _____

9.1- Qual o seu grau de envolvimento religioso?

9.2 – Qual a religião de seus pais e o grau de envolvimento religioso?

Pai:

Mãe:

10 – Você participava de algum grupo ou movimento?

() Sim () Não

Qual?

Grupo de jovens () Igreja () Universidade () Partido ()

Movimentos Sociais () Sindicatos ()

Outros: _____

10.1 (Caso responda sim) Com que idade iniciou a sua participação e como ocorreu?

11- Seus pais participavam de algum grupo ou movimento?

() Sim () Não

(Caso responda “Sim”) **Pai:** Qual?

Grupo de jovens () Igreja () Universidade () Partido ()

Movimentos Sociais () Sindicatos ()

Outros: _____

(Caso responda “Sim”) **Mãe:** Qual?

Grupo de jovens () Igreja () Universidade () Partido ()

Movimentos Sociais () Sindicatos ()

Outros: _____

12- Já possuiu alguma relação com a política?

() Sim () Não

(Caso responda “Sim”) De que forma era a sua participação?

12.1 - Atualmente, possui identificação partidária: Sim () Não ()

Qual? _____

Sobre a Instituição e a participação dos integrantes nesta.

13 – Como surgiu esta entidade e por quê?

14 – Qual a origem da sua participação nesse espaço?

15 – Em que ano se deu o início da participação no grupo?

16 – Qual atividade desempenhada no momento da adesão na instituição?

17 – Qual a função atualmente exercida na instituição?

17.1 – Sempre desenvolveu essa função?

17.2 – Como alcançou tal cargo?

18 – Existe algum critério para pertencer à direção da instituição?

19 – Como ocorre a adesão de pessoas ao grupo?

20 – Existe algum tipo de relação com outros espaços? Quais?

20.1 – De que forma ocorre o intercâmbio com outros espaços?

21 – De que forma buscam reconhecimento de suas atividades?

22 - Para você o que é estar engajado em uma causa e lutar por ela?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

1- Sobre as origens.

Dados sobre os pais;

1.1 – Quem são seus pais? (onde nasceram e se criaram).

1.2 – Qual o grau de escolaridade dos pais e onde estudaram?

1.3 – Profissão dos pais? Sempre exerceram essa profissão?

1.4 – Frequenta algum tipo de religião? Qual?

1.4.1 – Qual o grau de envolvimento religioso? (Pai e mãe).

1.5 – Seu pai já participou com algum tipo de grupo ou movimento ligado a igreja, sindicatos, associação, partido, outros.

1.5.1 – E sua mãe já participou com algum tipo de grupo ou movimento ligado a igreja, sindicatos, associação, partido, outros.

1.6 – Quantos filhos seus pais tiveram?

1.6.1 – Qual a profissão dos outros irmãos?

1.6.2 – Algum de seus irmãos participa ou participou de algum grupo ou movimento.

2 – Sobre o (a) entrevistado (a).

Infância:

2.1 – Em que dia mês e ano nasceu?

2.2 – Local de nascimento: onde os pais moravam quando você nasceu? (Estado, Cidade, Bairro, Povoado, etc.).

2.3 – Onde morou durante a sua infância e com quem?

2.4 – Estudou em que escola nesse período?

Adolescência:

2.5 – Onde morou durante sua adolescência e com quem?

2.6 – Estudou em que escola nesse período?

2.7 – Quais os locais que costumava frequentar na adolescência?

2.8 – Além da escola, fez algum tipo de curso profissionalizante ou outros?

2.9 – Frequitava alguma religião? Qual?

2.9 – Participou de algum tipo de grêmio escolar (grupo de estudantes), Grupo de igreja, Associações, etc.

2.10 – Teve algum tipo de experiência profissional?(caso diga sim, com quantos anos e onde ocorreu).

Trajetória Profissional

2.11 - Qual atividade profissional executada durante grande parte de sua vida? Que idade que tinha na época?

2.12 - De que forma alcançou tal profissão (conte sobre esse trajeto)?

2.13 - Durante a sua profissão exerceu algum cargo de direção onde atuava (diretor, coordenador, etc.). (caso diga sim, como conseguiu chegar a tal cargo).

2.14 - Fora da sua atividade profissional, exerceu algum outro tipo de trabalho?

2.15 - Já atuou em algum outro cargo de direção fora do grupo ao qual participa. Onde e como ocorreu?

3 - Dados pessoais e familiares.

3.1 – Estado civil:

3.1.1 – Se casada, divorciada, separada, amancebada, ou algo do tipo, como conheceu o cônjuge ou ex-cônjuge?

3.1.2 – Qual a escolaridade do cônjuge ou ex-cônjuge?

3.1.3 – O que fazia profissionalmente quando conheceu? E atualmente o que ele faz?

3.1.4 – Frequentou ou frequenta algum tipo de grupo como de estudantes, de igreja, sindicato, partido, associações, etc.

3.2 – Atualmente frequenta algum tipo de religião? Qual?

3.2.1 – Qual o seu grau de envolvimento religioso? (Caso esteja participando de algum grupo religioso).

3.2.1.1 – Como surgiu o interesse de participar da religião ao qual está inserido (a).

3.3 - Renda:

3.3.1 – Atualmente você tem algum tipo de renda?

3.3.2 – Quem sustenta a sua casa?

4 - Sobre a participação no grupo.

4.1 – Como surgiu o interesse de participar no grupo ao qual está vinculado?

4.2 – Já possuía alguma idéia do que é a participação em algum tipo de grupo de apoio?

4.3 – Em que ano ocorreu sua participação no grupo e qual a atividade que passou a desenvolver no momento da adesão.

4.4 – Você tem namorado (a), marido ou esposa, cônjuge ou ex-cônjuge que participa ou participou do grupo?

4.5 – Quais as atividades executadas no grupo desde quando iniciou sua participação até hoje.

4.6 – Qual a função que desenvolve atualmente no grupo e há quanto tempo atua?

4.7 – O que faz na atual função?

4.8 - De que forma alcançou a função ou cargo atual? Como ocorreu?

5 – Opinião do entrevistado sobre o que é participar.

5.1 - Para você o que é Participação?

5.2 - Como você define sua participação no grupo?

5.3 - O que faz dar continuidade nesse tipo de ação?

5.4 – Você se ver como um militante?

5.5 – Para você o que é ser voluntário?

5.6 - Para você qual o significado de estar participando na causa do câncer?

5.7 - O que motiva continuar atuando nessa causa.

ANEXOS



Complexo AVOSOS e Casa de Apoio à Criança Tia Ruth em Aracaju, Sergipe.



Fundadores da AVOSOS. (Fotos: arquivo pessoal da AVOSOS).



Dirigentes da AVOSOS. (Fotos: arquivo pessoal da AVOSOS).



Equipe de voluntários reunidos nos 20 anos da AVOSOS em 2007. (Fotos: arquivo pessoal da AVOSOS).



Mc dia Feliz 2009: campanha realizada em parceria com Instituto McDonalds e AVOSOS em um Shopping de Aracaju. (Fotos: Raquel Sousa).



Sede do Grupo de Apoio à Criança com Câncer em Sergipe (Foto: arquivo GACC)



**Voluntária dirigente do GACC em homenagem aos 10 anos de serviços prestados a instituição.
(Foto: arquivo pessoal GACC).**



Voluntários do GACC (Foto: arquivo pessoal GACC).